

REVISTA COLINEARES

Volume 4 - Número 2 - Jul/Dez 2017

SUMÁRIO

EMERGÊNCIA DE EPÊNTESE VOCÁLICA EM POSIÇÃO DE CODA POR APRENDIZES BRASILEIROS DE LÍNGUA INGLESA

Anderson Romário Souza Silva, Clerton Luiz Felix Barboza 03-24

“A CULPA É SEMPRE DELAS ... SEMPRE”: DISCIPLINA E PODER NA CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA DE ESTUPRO

Iza Maria Pereira, Alaide Angélica de Menezes Cabral Carvalho..... 25-35

O ROTACISMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Francélia Nunes de Medeiros Ferreira, Clerton Luiz Felix Barboza 36-52

TRUMP E O DISCURSO XENÓFOBO: ANÁLISE DOS CONTEÚDOS IMPLÍCITOS EM ENUNCIADOS DO PRESIDENTE NO TWITTER

Renatha Rebouças de Oliveira 53-66

REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO POLÍTICO SOBRE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Iza Maria Pereira, Jonas Yuri Carlos da Costa, Sancha Wallessa da Silva César..... 67-84

ENSEÑANZA DE LA LECTURA EN CLASE DE ELE: UNA PROPUESTA PRÁCTICA

Alessandra Ferreira de Melo, Ester Vieira de Lima, Mariana Freire Sampaio, Talita Dantas Pinto, Kátia Cilene David da Silva85-99

A OBJETIVAÇÃO DA MULHER EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA ITAIPAVA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO REFORÇO À IDEOLOGIA PATRIARCAL

Fernanda Vidal Mesquita, Patrícia de Sousa Fernandes, Maria de Fátima Lopes da Silva e Alaide Angelica de Menezes Cabral Carvalho 100-114

EMERGÊNCIA DE EPÊNTESE VOCÁLICA EM POSIÇÃO DE CODA POR APRENDIZES BRASILEIROS DE LÍNGUA INGLESA

VOWEL EPENTHESIS EMERGENCE IN CODA POSITION BY BRAZILIAN LEARNERS OF ENGLISH

Anderson Romário Souza Silva¹

Clerton Luiz Felix Barboza²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar a emergência de epêntese vocálica em oclusivas e fricativas desvozeadas em posição de coda final no falar de aprendizes potiguaros de inglês língua estrangeira (ILE). A pergunta-problema indaga: considerando a ocorrência de **p, t, k, s** e **f** em codas finais, quais seriam os principais fatores que favorecem a emergência da epêntese no falar de aprendizes potiguaros de ILE? A hipótese básica aponta que o nível de proficiência, o tipo de coda, a escrita e o contexto fonotático influenciam de modo significativo a emergência da epêntese de aprendizes potiguaros de ILE. Um experimento que consistiu na leitura de 15 palavras terminadas com oclusivas ou fricativas desvozeadas em posição de coda (**p, t, k, f, s**) foi realizado. Como resultado, a variável *nível de proficiência* é um fator influenciador na emergência de epêntese, com informantes de nível iniciante apresentando o maior número de casos. Em relação ao *tipo de coda final*, não foi possível afirmar qual consoante apresentou a maior influência para a emergência de epêntese. Não houve diferença significativa na ocorrência de epêntese entre palavras terminadas com consoante ou com a vogal *e*. Finalmente, a variável *contexto fonotático* apresentou diferença não-significativa entre os contextos fonotáticos (CVC, CVVC ou CVCC) na emergência de epêntese.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética. Epêntese. Inglês língua estrangeira.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the occurrence of vowel epenthesis on unvoiced stops and fricatives in coda position on the speech of Potiguar learners of English as a foreign language (EFL). The research question asks: considering **p, t, k, s**, and **f** in final coda positions, which are the main factors associated to epenthesis emergence by Potiguar EFL learners? The hypothesis states that proficiency level, coda type, writing patterns and phonotactic context influence significantly epenthesis emergence by Potiguar EFL learners. An experiment was carried out consisting on the reading of 15 words ending with unvoiced occlusives or fricatives in coda (**p t k f s**). As a result, the variable *proficiency level* is an influencing factor for the occurrence of epenthesis, once beginners allowed more instances of the phenomenon. In relation to the *type of final coda*, it was not possible to claim which consonant is the highest influence for occurrence of epenthesis. There was no significant difference between the occurrence of epenthesis on words ending with consonants and the vowel *e*. Finally, the variable *phonotactic context* was also non-significant, as there is no influence of the phonotactic contexts (CVC, CVVC or CVCC) on epenthesis emergence.

KEYWORDS: Phonetics. Epenthesis. English as a foreign language.

¹ Graduado em Letras com habilitação em língua inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: souzaandersonr@hotmail.com.

² Doutor em Linguística. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff. Email: clertonluiz@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a emergência de epêntese vocálica após oclusivas e fricativas desvozeadas em posição de coda final no falar de aprendizes potiguares de inglês língua estrangeira (ILE). São discutidos outros estudos com temas semelhantes a fim de definir as variáveis investigadas para o experimento elaborado, a fim de analisar a ocorrência de vogal epentética.

Este estudo partiu do seguinte questionamento: considerando a ocorrência de **p, t, k, s** e **f³** em codas finais, quais seriam os principais fatores que favorecem a emergência da epêntese no falar de aprendizes potiguares de ILE? A hipótese básica aponta que o nível de proficiência, o tipo de segmento em coda, a escrita e o contexto fonotático influenciam de modo significativo a emergência da epêntese no falar de aprendizes potiguares de ILE.

Esta pesquisa foi baseada nos princípios metodológicos da fonologia de laboratório. Para guiar esta análise, os objetivos específicos que este estudo busca alcançar são:

- Observar quais consoantes em posição de coda silábica final (fricativas ou oclusivas) apresentam maior taxa de emergência de epêntese;
- Analisar a influência da ortografia do na emergência da epêntese final;
- Averiguar a influência do nível de proficiência em língua inglesa sobre a emergência de epêntese vocálica;
- Estudar a ocorrência de epêntese nos contextos fonotáticos CVC, CVVC e CVCC.

Após estudar os principais aspectos fonéticos e fonológicos durante as aulas nas disciplinas de Fonética e Fonologia I e II, a emergência da epêntese vocálica gerou o interesse maior para o tema desta pesquisa, já que é fenômeno comum no falar de aprendizes brasileiros de língua inglesa. A epêntese caracteriza-se como a inserção de um segmento sonoro em uma palavra a fim de facilitar a pronúncia de

³ Apesar de nesta pesquisa não aprofundarmos a interpretação teórica dos dados, posteriormente seguiremos teorias fonológicas multirepresentacionais, que advogam a não distinção entre os níveis fonético e fonológico. Tendo em vista a opção futura, apresentamos já neste artigo transcrições em **negrito** para evitar o uso de [...] e /./, indicando assim a amalgama dos dois níveis de análise. A discussão de trabalhos seguidores de teorias fonológicas tradicionais, que separam o nível fonético-fonológico, faz uso dos colchetes e barras tradicionais.

determinado som, podendo acontecer nos contextos inicial, medial ou final (NASCIMENTO, 2015).

Para justificar este estudo, as informações que aqui foram levantadas proporcionarão mais uma fonte de conhecimento sobre o estudo de um aspecto fonético do ILE. Os dados obtidos nesta análise podem ser utilizados com propósito acadêmico para o mapeamento da ocorrência de um fenômeno fonético comum em aprendizes potiguares de ILE, a epêntese vocálica em final de palavra. Além disso, este estudo trará informações relevantes acerca dos contextos fonotáticos que influenciam o surgimento da epêntese vocálica final, bem como quais fricativas e oclusivas desvozeadas contribuem para uma maior taxa de ocorrência desse fenômeno. Enfim, esta pesquisa constitui-se em mais uma fonte de estudo para aprendizes e professores de ILE.

Esta pesquisa está dividida em três seções. A primeira trata da ocorrência de epêntese vocálica no PB e no ILE. A segunda apresenta os princípios metodológicos deste estudo. Por último, a última seção aborda a análise e os resultados obtidos neste estudo.

2 A EPÊNTese VOCÁLICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Esta seção tem como objetivo realizar um levantamento teórico-empírico sobre as principais variáveis que influenciam a emergência de epêntese no PB e no ILE. Para este fim, serão expostos e analisados diversos estudos sobre a ocorrência da vogal epentética em ambas as línguas.

Esta seção está dividida em quatro subseções. A primeira trata sobre a epêntese vocálica e sua utilização como estratégia de produção oral de encontros consonantais na língua materna, assim como sua transferência para a segunda língua. A segunda expõe pesquisas sobre a emergência de epêntese no PB, enquanto que a terceira aborda o mesmo fenômeno no falar de aprendizes de ILE. Finalmente, a quarta resume os principais fatores associados à emergência da epêntese no PB e no ILE.

Ao final desta seção, espera-se que as principais variáveis que influenciam a emergência de epêntese vocálica em ambos os idiomas sejam delimitadas e

explicadas com base nas pesquisas de Collischonn (2003), Gutierrez e Guzzo (2013), Lucena (2012), Collischonn (2004), Silveira e Seara (2009), Lima e Lucena (2013) e Lucena e Alves (2010).

2.1. A epêntese vocálica – visão geral

A epêntese vocálica caracteriza-se como o fenômeno pelo qual o falante realiza a inserção de um segmento vocálico a fim de desfazer um agrupamento de consoantes incomum em sua língua. Tal segmento sonoro não carrega nenhuma informação e, no português brasileiro, pode ter características similares às vogais [i e ə] (SILVEIRA; SEARA, 2009).

De acordo com Câmara Jr. (2000, p. 56), falantes nativos do PB apresentam dificuldade em pronunciar certos encontros consonantais em heterossilábicos, como nas palavras *compac[i]to*, *rit[i]mo* e *af[i]ta*. O fato é decorrente de o PB apresentar tendência pela emergência da sílaba CV. A emergência da epêntese no PB pode ser uma influência considerável na emergência desse fenômeno na língua inglesa, como descrito em alguns estudos abordados neste trabalho (LUCENA; ALVES, 2010; GUTIERREZ; GUZZO, 2013; LIMA; LUCENA, 2013). Falantes do PB tendem a transferir os padrões da língua materna para a língua estrangeira, realizando a epêntese em sílabas terminadas em consoantes ou encontros consonantais, a fim de facilitar sua produção, como em *emp[i]ty*, *lik[i]* ou *ob[i]jection*.

Após discussão geral sobre a epêntese apresentada neste momento, a próxima seção trata sobre sua emergência no PB.

2.2 A emergência de epêntese vocálica no português brasileiro

Nesta seção foram discutidos estudos⁴ envolvendo a emergência de epêntese vocálica no PB como língua materna.

Collischonn (2003) analisou informantes das três capitais do sul do país. No estudo, foi possível perceber a influência da variável *escolaridade* na taxa de produção da epêntese. Constatou-se que os informantes do nível primário e ginásio

⁴ Os estudos serão expostos utilizando o peso relativo ou a porcentagem dos resultados encontrados, dependendo da metodologia adotada por cada autor. O peso relativo é um valor estatístico que indica o favorecimento, caso maior que 0,50, ou resistência, caso menos que 0,50, à emergência de um fenômeno linguístico.

apresentaram um peso relativo de ocorrência de epêntese maior (0,80) em relação aos informantes do nível superior (0,35) em Porto Alegre. Já em relação aos curitibanos, informantes do nível primário e ginásio obtiveram valores semelhantes entre si (0,58), enquanto os informantes de nível superior manterem a baixa ocorrência do fenômeno (0,36). Ao analisar os dados, é possível perceber uma redução na ocorrência da epêntese com o aumento do nível de escolaridades dos informantes. Por este motivo, Collischonn (2003, p. 289) propõe que “os dados apresentados evidenciam que a variação está correlacionada à escolaridade; quanto mais escolarizado o indivíduo, menor será sua taxa de realização da epêntese”.

Collischonn (2004) estuda a relação de epêntese vocálica com o acento silábico. Uma das principais questões abordadas na pesquisa foi a emergência de epêntese vocálica em encontros consonantais heterossilábicos nos contextos pretônico ou postônico. Constatou-se que a maior taxa de ocorrência da epêntese vocálica em posição pretônica, como nas palavras *ob[i]jeto* e *op[i]ção* (0,67), enquanto que a taxa de ocorrência da epêntese é inferior em posição postônica (0,25), como nas palavras *egí[p]cios* ou *rit[i]mo*. Além disso, o estudo mostrou que a emergência de epêntese é mais recorrente quando as oclusivas são seguidas de fricativa não sibilante, como em *ad[i]vogado* (0,81), como também quando seguidas por consoantes nasais (0,74), como em *mog[i]no*. Entretanto, este número foi reduzido quando a oclusiva é seguida de uma oclusiva não nasal (0,47), *op[i]tar*, ou uma fricativa sibilante, *op[i]ção*, (0,32).

Com base nessas informações, é possível dividir em dois os contextos mais e menos propícios para a emergência desse fenômeno. Consoantes seguidas de fricativa não sibilante ou consoantes nasais em posição pretônica são os contextos mais favoráveis. Consoantes seguidas de oclusiva não nasal ou fricativa sibilante, em posição postônica, são os contextos em que a ocorrência da epêntese é reduzida.

Resultados semelhantes aos de Collischonn (2004) sobre a maior ocorrência de epêntese em encontros consonantais no PB em posição pretônica foram relatados por Silveira e Seara (2009). A emergência da epêntese em posição pretônica teve maior ocorrência na fala dos informantes florianopolitanos do sexo masculino, sendo 84% nesse contexto, contra 49% no contexto postônico.

Além disso, o estudo de Silveira e Seara (2009) teve como um de seus objetivos a análise da influência de consoantes vozeadas e desvozeadas em posição inicial sobre a emergência da epêntese. Através de seus resultados, é possível perceber que a presença de uma consoante vozeada em posição inicial é um fator que favorece a emergência da epêntese em encontros consonantais (SILVEIRA; SEARA, 2009). No falar dos informantes do sexo masculino, a ocorrência do fenômeno foi de 91% para esse contexto e 49% para palavras iniciadas com consoante desvozeada. Já nos dados das informantes do sexo feminino, o contexto vozeado teve ocorrência de 87%, enquanto que o desvozeado obteve 73%.

Adicionalmente, percebeu-se que as vogais epentéticas dos falantes do sexo masculino tiveram qualidades vocálicas semelhantes às vogais [i, e]. Nos dados das informantes do sexo feminino, ambas as qualidades estiveram presentes, além da vogal neutra [ə]. Os dados levaram as pesquisadoras a afirmarem “que a vogal epentética nem sempre é a mesma no PB” (SILVEIRA; SEARA, 2009, p. 33).

Nesta seção, foram descritos estudos sobre a emergência da epêntese no português brasileiro, considerando seus contextos, a influência do sexo e do nível de escolaridade. Na próxima seção, as mesmas características serão discutidas com base nos resultados de estudos sobre a emergência de epêntese no ILE.

2.3 A emergência da epêntese vocálica no falar de aprendizes brasileiros de ILE

Nesta seção são discutidos estudos sobre a emergência de epêntese em posição medial, como em *ac[i]tor*, e em posição final, como em *cap[i]*, no falar de aprendizes brasileiros de língua inglesa.

Gutierrez e Guzzo (2013) realizaram um estudo sobre a emergência de epêntese em encontros consonantais finais por aprendizes de língua inglesa. Nesta pesquisa, foram analisadas seis variáveis, sendo quatro linguísticas, *qualidade da consoante*, *contexto seguinte*, *tonicidade da sílaba* e *número de sílabas da palavra*, além de duas extralinguísticas, *nível dos aprendizes* e *estilo*. A pesquisa contou com doze informantes da região sul do país, divididos em nível básico e intermediário.

Após a análise dos resultados, foi possível perceber que, tratando da variável *qualidade da consoante*, o fator que gerou a maior ocorrência de epêntese foram

palavras com obstruintes dorsais (*lik[ij]*, *fish[ij]*), representando um peso relativo de 0,67. Os dados apontaram que as obstruintes labiais (*knife[ij]*, *cab[ij]*) não favorecem nem desfavorecem (0,49) a emergência de epêntese. O fator obstruinte coronal (*nic[ij]*, *don't[ij]*) e o fator nasal (*plan[ij]*, *nam[ij]*) dificultaram a emergência da epêntese, com pesos respectivos de (0,42) e (0,37). As autoras propõem que a maior ocorrência de epêntese no contexto obstruintes dorsais é justificada devido à proximidade de produção desses segmentos em relação à vogal [i] (GUTIERRES; GUZZO, 2013, p. 10). Em relação à variável *tonicidade da sílaba*, os resultados indicaram que para obstruinte labial, obstruinte coronal e nasal as porcentagens da ocorrência da epêntese foram maiores em contextos tônicos (21%, 15% e 18%) comparados aos átonos (5%, 11% e 1%). Porém, considerando o fator obstruinte dorsal, os resultados foram o inverso, ocorrendo epêntese em 44% no contexto átono contra 34% noônico.

Quanto à variável *estilo* que analisou a ocorrência de epêntese em diálogos semi-controlados e leitura, o resultado foi o esperado, já que a epêntese teve maior peso nos diálogos (0,58), do que na leitura (0,46). Gutierrez e Guzzo (2013, p.11) propõem que a espontaneidade do diálogo e a falta de apoio escrito influenciaram a ocorrência do fenômeno.

Lucena e Alves (2010) analisaram a emergência de epêntese em obstruintes em coda medial no falar paraibano e gaúcho, tanto no ILE, quanto no PB. Para obter seus resultados, Lucena e Alves analisaram os índices das codas simples [p k f] em dois instrumentos, um para cada idioma. Na primeira rodada, dados da L1 foram analisados. Apenas a variável *dialeto* foi considerada estatisticamente relevante. Percebeu-se que o dialeto paraibano (0,55) obteve um peso pouco maior do que o gaúcho (0,44), indicando uma tendência à emergência da epêntese pelo primeiro grupo em relação ao segundo.

Na segunda rodada, os dados para a L2 foram analisados considerando três variáveis: *sexo*, *dialeto* e *tipo de segmento perdido*, porém apenas essa última foi considerada estatisticamente relevante. A frequência global de ocorrência de epêntese foi de 21,2%, sendo que os paraibanos apresentaram 21%, enquanto que os gaúchos 19,4%. Através da variável analisada nesta rodada, os autores perceberam que os segmentos [p] (0,34) inibiu o fenômeno, o segmento [k] (0,50) foi neutro e o segmento [f] (0,64) favoreceu a emergência de epêntese.

Adicionalmente Lucena e Alves (2010) perceberam que a posição do acento silábico após obstruintes finais influenciou a emergência de epêntese, coincidindo com os resultados de Collischonn (2004). As obstruintes em posição postônica obtiveram um peso relativo de 0,46, e a posição pretônica um peso de 0,53.

Lucena (2012) analisou a emergência de epêntese nas obstruintes [p t k] na fala de 12 aprendizes paraibanos de ILE em nível universitário. O estudo analisou se o falar paraibano tem influência na produção da língua inglesa, quais os principais contextos envolvidos no surgimento da epêntese em obstruintes e se o nível de proficiência exerce influência na emergência da epêntese. Cinco variáveis foram escolhidas para esta análise: *nível de proficiência*, *instrução explícita*, *tipo de coda*, *posição da coda* e *tonicidade*, porém esta última foi considerada não-significativa.

De todas as ocorrências levantadas em sua pesquisa, constatou-se que as codas encerradas com [p] obtiveram um percentual de 20,3% de produção da vogal epentética. Diferente deste valor, a porcentagem para a realização de epêntese em codas encerradas em [f] foi de apenas 8,3%. Nenhuma informação é dada no estudo sobre a obstruinte [k]. A respeito da variável *posição de coda*, o autor buscou analisar qual das duas posições, medial e final, teriam o maior peso sobre o surgimento da epêntese. Concluiu-se que “que a coda final e medial possuem comportamentos diferenciados” (LUCENA, 2012, p.5), com as codas mediais favorecendo a emergência da epêntese.

Como esperado, a variável *nível de proficiência* influencia significativamente a realização de vogais epentéticas do ILE, com iniciantes favorecendo a emergência do fenômeno. Por sua vez, a variável *instrução explícita*, dividiu os informantes em dois grupos: aqueles que estudaram fundamentos fonéticos teóricos na universidade e aqueles que não estudaram. Todavia, os resultados foram conflitantes, uma vez que o grupo experimental apresentou-se mais resistente à emergência da vogal epentética com a coda em [p] em comparação ao grupo controle. O mesmo não ocorreu com relação à coda em [f], com ambos os grupos apresentando dados semelhantes. Finalmente, a análise da variável tipo de coda apontou que a epêntese vocálica emergiu de modo mais recorrente em codas simples do que complexas. Lucena (2012, p. 7) hipotetizou que os informantes

monitoraram com mais acurácia a realização das codas complexas, enquanto negligenciaram as simples.

Lima e Lucena (2013) analisaram a emergência da epêntese em codas com obstruintes [p b t d k g] em posição medial. O estudo teve como informantes 18 universitários da Paraíba aprendizes de inglês como L2, entre os níveis básico, intermediário e avançado. Em seus resultados, os autores relatam que 14,7% dos dados apresentaram emergência de epêntese. O baixo número de ocorrências vai de encontro ao esperado pelos pesquisadores (LIMA; LUCENA, 2013, p. 155). Os resultados também contrariam aqueles obtidos por Lucena e Alves (2010), citados anteriormente, os quais apontam uma ocorrência de epêntese em 46% das falas dos informantes paraibanos. Entretanto, a pesquisa anterior foi realizada apenas com falantes de nível básico, enquanto essa em questão contou com a participação de aprendizes mais avançados, o que pode explicar a baixa ocorrência de epêntese.

Das cinco variáveis controladas por Lima e Lucena (2013), apenas três foram consideradas estatisticamente relevantes para a pesquisa. Os dados da primeira delas, *nível de proficiência da língua*, ratificam que a ocorrência de epêntese vocálica está relacionada ao nível de proficiência dos estudantes, com aprendizes básicos (0,62) e intermediários (0,60) favorecendo a epêntese no ILE, enquanto os avançados a desfavorecem (0,29). Resultados semelhantes são apresentados em outros estudos já discutidos (LUCENA, 2012; GUTIERRES; GUZZO, 2013).

Navariável *contexto fonológico seguinte* à consoante em coda, Lima e Lucena (2013, p. 158) apontam o favorecimento dos segmentos labiais [p b] (0,70) na emergência da vogal epentética em relação às coronais [t d] (0,42). Quanto à variável *contexto fonológico precedente*, a hipótese de que os segmentos dorsais [k, g] seriam mais propícios para a inserção de vogal epentética foi confirmada. Os resultados levaram os autores a sugerirem que “as dorsais em posição de coda se mostram mais complexas de serem produzidas, passando a ser um dos últimos segmentos a serem adquiridos pelo aprendiz e o mais passível de ocasionar a ocorrência de vogal epentética” (LIMA; LUCENA, 2013, p. 159).

Com base nos resultados obtidos pelos autores aqui mencionados, observamos que a emergência da epêntese vocálica no PB e no ILE é significativamente influenciada pelas variáveis *tipo de coda* e *contexto fonotático*. Adicionalmente, no ILE a influencia da variável *nível de proficiência* é marcante em

todos os estudos. Tendo em vista a revisão da literatura, elencamos as três variáveis supracitadas enquanto variáveis independentes analisadas nesta pesquisa.

A próxima seção delimitará os procedimentos metodológicos pertinentes à realização da coleta e análise de dados deste estudo.

3 METODOLOGIA

Este estudo é seguidor dos princípios da fonologia de laboratório, com corte transversal e desenho quase-experimental de um grupo. Além disso, a pesquisa apresenta características indutiva-dedutivas, a fim de analisar a emergência de epêntese após oclusivas e fricativas desvozeadas através da análise dos dados obtidos no experimento realizado.

3.1 Experimento

Para o levantamento dos dados desta pesquisa, foi elaborado um experimento a fim de obter os dados necessários para a análise da emergência de epêntese vocálica em oclusivas e fricativas desvozeadas em posição final.

O experimento consistiu na gravação de 15 palavras, selecionadas com base nos critérios descritos posteriormente. As palavras foram apresentadas aos informantes de forma impressa, gerando 15 *tokens* por aluno. O número total foi de 270 ocorrências analisadas neste estudo. Após a gravação, os arquivos foram divididos em tokens individuais através do editor de áudio Audacity. A próxima etapa foi a análise dos dados no programa de análise acústica PRAAT⁵.

3.2 Seleção dos informantes

O corpus desta pesquisa foi composto por 8 informantes do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Todos são naturais de cidades do Rio Grande do Norte e residem em Mossoró – RN. Os informantes são ou foram alunos dos cursos

⁵ O PRAAT é um programa de análise acústica gratuito. Disponível em <http://fon.hum.uva.nl/praat/>.

ofertados pelo NuLi – UFERSA e estão matriculados em cursos de graduação ou programas de mestrado e doutorado ofertados pela instituição.

3.3 Seleção das palavras

O Quadro 1 apresenta as palavras selecionadas para o experimento. Foram escolhidas 3 palavras para cada fonema em posição final analisado (**p t k f s**), totalizando 15 palavras.

Três contextos fonotáticos foram delimitados para a escolha das palavras. Foram selecionadas palavras nos contextos CVC (consoante, vogal e consoante), CVCC (consoante, vogal, consoante e consoante) e CVVC (consoante, vogal, vogal e consoante). Vale salientar que tais contextos representam a realização fonética da palavra, e não sua escrita grafêmica.

Quadro 1 – Lista de palavras do experimento.

	CVC	CVCC	CVVC
p	CAP	BUMP	CAPE
t	BIT	GIFT	BITE
k	COOK	WORK	BIKE
f	LEAF	GOLF	SAFE
s	LOOSE	FALSE	NICE

Fonte: Própria autoria.

A escolha das fricativas **f** e **s**, assim como as oclusivas **p**, **t** e **k**, como objeto deste estudo foi pensada buscando facilitar a análise dos dados. Ao utilizar o PRAAT para análise dos espectrogramas, foi possível perceber que os sons desvozeados geram um contraste mais visível em relação às vogais epentéticas **i** e **ɪ**, diferente de fonemas vozeados, como **z** ou **b**.

Para garantir que haja uma situação favorável para a emergência de epêntese, foram selecionadas palavras terminadas em consoante em coda final seguidas pela letra *e*, como em *nice*. Tais escolhas são justificadas devido à inexistência de palavras na língua portuguesa terminadas em **p**, **k**, **t** ou **f**. Já em

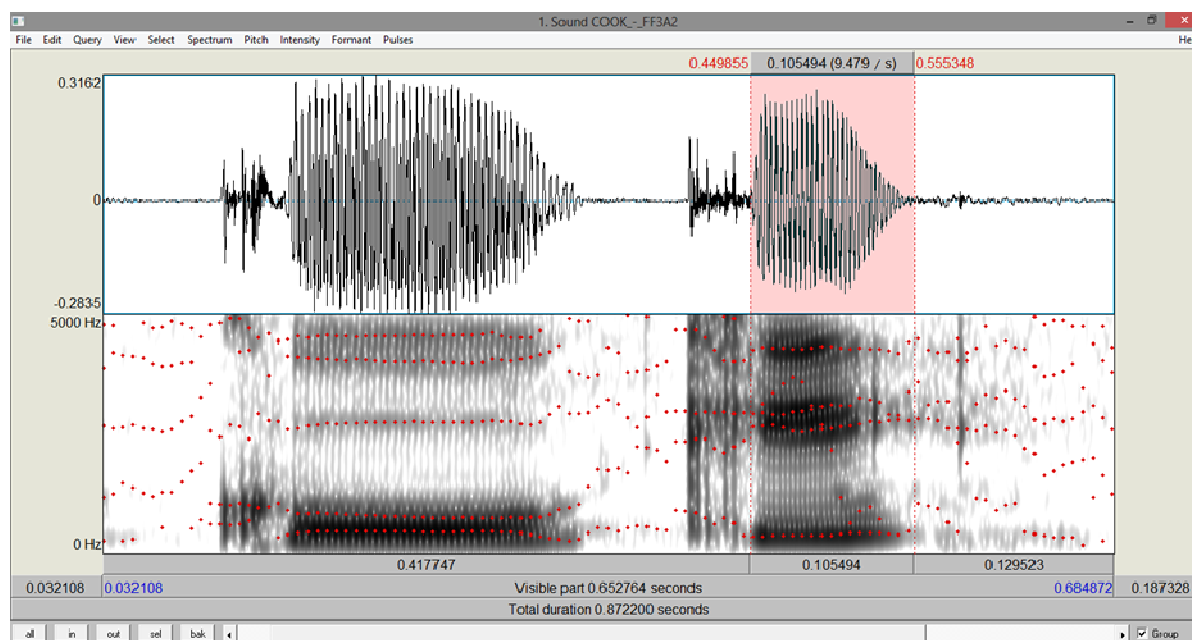
relação à vogal e em posição final, espera-se que essa configuração influencie na produção de epêntese, já que tais vogais não apresentam som nas palavras escolhidas, porém no PB a vogal e em posição final apresenta som de i.

3.4. Seleção das variáveis dependente e independentes

Este estudo analisa a variável dependente *emergência de epêntese* na realização de aprendizes potiguaras de ILE. A referida variável foi analisada de modo categórico, apresentando classificação binária, em que apontamos quer a presença ou ausência de emergência da vogal epentética na produção dos informantes do estudo. Foi utilizado o programa PRAAT versão 6.0.21 (BOERSMA; WEENINK, 2016) para a análise acústica das gravações obtidas.

A observação espectrográfica dos dados analisados no estudo pode ser observada nas figuras 1 e 2. A primeira figura apresenta a ocorrência da vogal epentética, destacada em vermelho, na palavra *cook*[ij].

Figura 1 – Realização da palavra *cook* com emergência de epêntese vocálica.

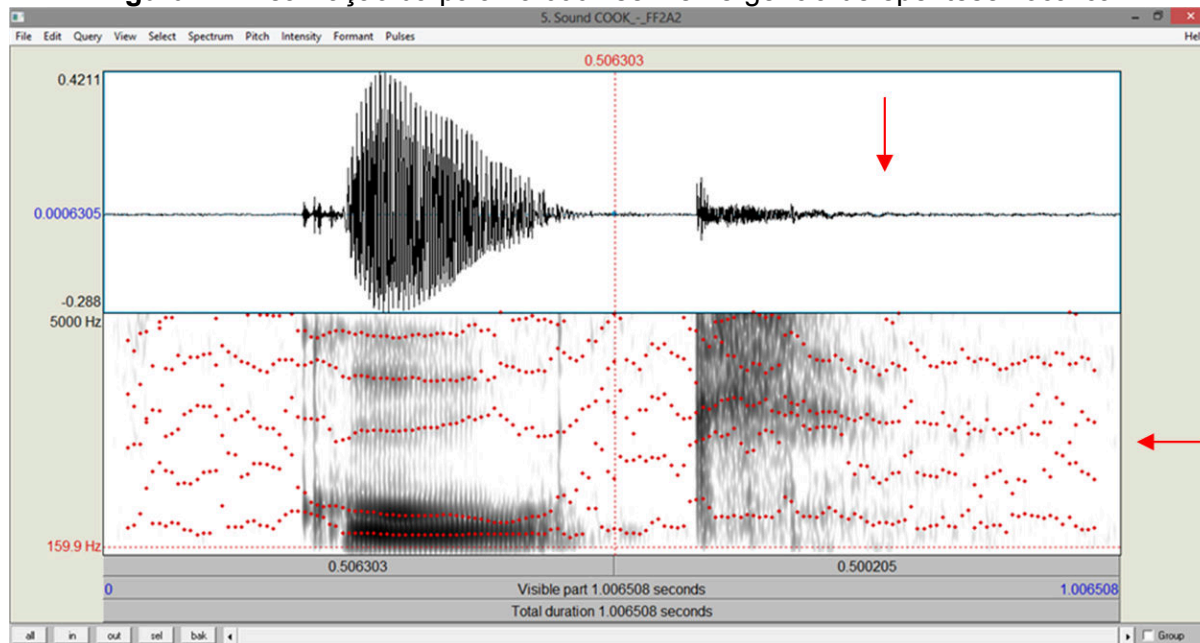


Fonte: Própria autoria.

Já a figura 2 apresenta o espectrograma da mesma palavra, porém sem emergência da vogal epentética após a oclusiva *k*, a qual é a pronúncia esperada dos informantes. As setas vermelhas indicam a ausência de ondas sonoras

periódicas e de formantes no espectrograma, indicando inexistências de vogal epentética.

Figura 2 – Realização da palavra *cook* sem emergência de epêntese vocálica.



Fonte: Própria autoria.

As variáveis independentes aqui listadas foram selecionadas com base no levantamento teórico presente na seção anterior. A primeira variável independente, *nível de proficiência*, busca analisar se o nível de proficiência dos estudantes foi um fator influenciador para a emergência de epêntese. Para estudar esta variável, os informantes foram divididos em dois grupos de acordo com o quadro comum europeu, A2 e B1, sendo classificados quanto ao tempo de estudo do ILE no momento da coleta de dados.

A segunda variável independente, *tipo de coda silábica*, analisa o papel de algumas consoantes em posição de coda final na emergência de epêntese. Foram analisadas palavras terminadas em **p**, **t**, **k**, **f** e **s** em posição de coda final.

A terceira variável independente, *influência da escrita*, analisa palavras terminadas em consoante em posição de coda final seguidas da letra **e** e não realizada, por exemplo *nice*, *bite*, etc.

A quarta variável independente, *contexto fonotático*, analisa a relação da estrutura da palavra com a emergência de epêntese. Foram analisados três

contextos: CVC (consoante, vogal e consoante), CVCC (consoante, vogal, consoante e consoante) e CVVC (consoante, vogal, vogal e consoante).

As quatro variáveis independentes selecionadas para este experimento foram analisadas através do teste estatístico de chi-quadrado (χ^2) a fim de descobrir se há ou não uma relação entre elas e a *emergência de epêntese*, variável dependente deste estudo. Para a realização do teste estatístico foram utilizadas as ferramentas on-line de Lowry (2017).

Findadas a descrição dos procedimentos de coleta e análise de dados, expomos a seção de análise e discussão na seção a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção foram analisados os efeitos das variáveis independentes sobre a variável dependente. A análise foi dividida em três subseções, uma para cada variável. A primeira variável analisada será o *nível de proficiência*, seguida pelo *tipo de coda final* e pela *influência da escrita* e, por último, o *contexto fonotático*.

4.1 Nível de proficiência

Os resultados da análise da variável *nível de proficiência* estão expostos na Tabela 1.

Tabela 1 – Nível de proficiência

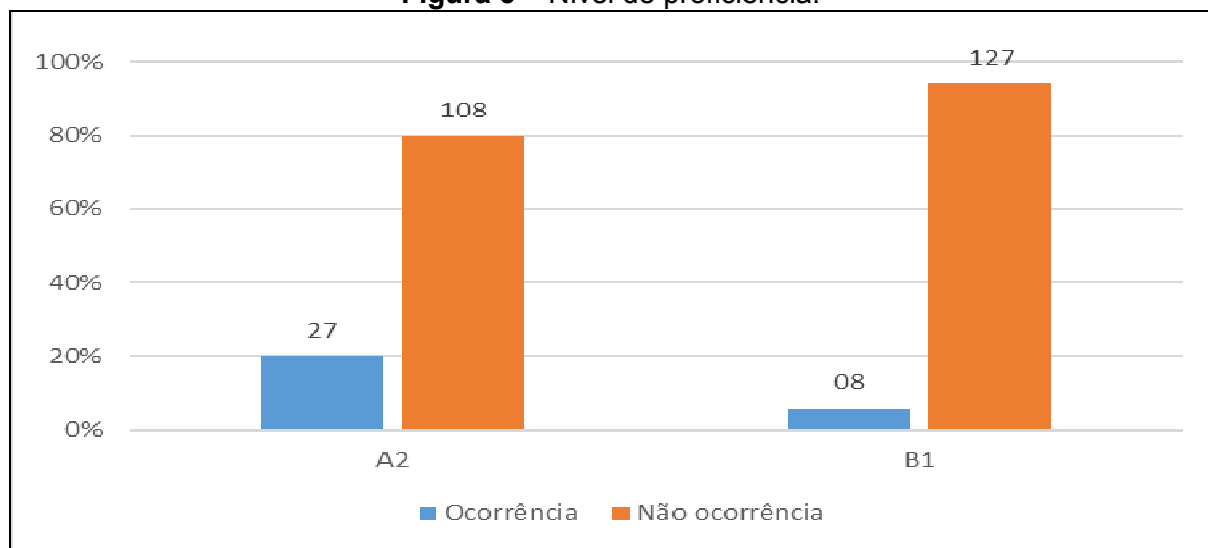
Níveis de proficiência	Ocorrências/Total	Frequência
A2	27/135	20%
B1	8/135	5,9%
TOTAL	35/270	12,9%

$\chi^2 (1) = 10,6; p = 0,001, V$ de Cramer = 0,21

Conforme previsto, os informantes de nível A2 apresentaram mais casos de ocorrência de epêntese. O grupo de informantes A2 apresentou 27 ocorrências (20%), enquanto que o grupo B1 apresentou apenas 8 ocorrências (5,9%). Tal resultado era esperado, já que o primeiro grupo é composto por alunos iniciantes que tem pouca ou nenhuma experiência com língua inglesa. Do mesmo modo, o segundo grupo é formado por informantes de nível pré-intermediário. Entretanto, o valor ainda é relativamente baixo para alunos iniciantes.

A análise estatística envolvendo o teste de chi-quadrado apontou diferença significativa entre os grupos de informantes iniciante e pré-intermediário. Pode-se afirmar que o nível de proficiência influencia a emergência da epêntese vocálica indevida no ILE de aprendizes brasileiros. Aprendizes de ILE com maior proficiência tendem a permitir uma menor realização do fenômeno. A Figura 3 apresenta os dados desta variável.

Figura 3 – Nível de proficiência.



Fonte: Própria autoria.

Tal resultado vai ao encontro das pesquisas citadas no capítulo anterior, as quais demonstram que alunos de nível iniciante em língua inglesa tendem a produzir mais epêntese. Os informantes de nível básico do estudo de Gutierrez e Guzzo (2013) apresentaram ocorrência de epêntese em 23,2% dos casos, assim como no estudo de Lucena (2012), em que estudantes iniciantes apresentaram resultados semelhantes. Além desses estudos, a pesquisa de Lima e Lucena (2013) apresentou valores mais discrepantes, 20% de ocorrência de epêntese para os estudantes iniciantes contra 6,1% dos avançados.

Os informantes desta pesquisa produziram 35 ocorrências, totalizando 12,9% do total de dados analisado. Entretanto, ao comparar este resultado aos números obtidos nas pesquisas aqui mencionadas, nota-se um número menor de emergência de epêntese vocálica no falar de aprendizes potiguaros de ILE. Os informantes paraibanos de Lucena (2012) apresentaram emergência de epêntese em 21% dos casos, enquanto que os de Lima e Lucena (2013) apresentaram 14,7% e os

informantes gaúchos de Gutierrez e Guzzo (2013) realizaram epêntese em 19% dos casos.

Passamos à análise da variável tipo de coda final a seguir.

4.2 Tipo de coda final

A Tabela 2 apresenta os resultados referentes à variável *Tipo de coda final*.

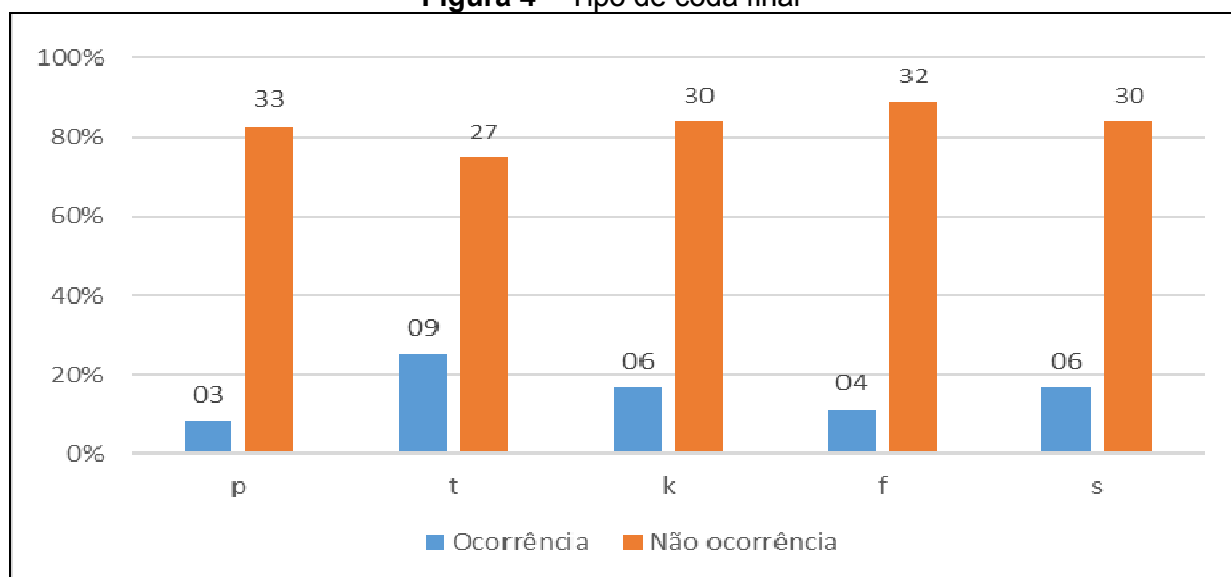
Tabela 2 – Tipo de coda final

Coda final	Ocorrências/Total	Frequência
p	3/36	8,3%
t	9/36	25%
k	6/36	16,6%
f	4/36	11,1%
s	6/36	16,6%
TOTAL	28/180	15,5%

$$X^2 (4) = 4,48, p = 0,35, V \text{ de Cramer} = 0,16$$

O objetivo desta análise foi observar qual oclusiva ou fricativa desvozeada em posição de coda final apresentaria o maior número de ocorrências de epêntese. Observamos uma considerável variação na emergência de epêntese em posição de coda final variando entre 8%, no caso de **p**, e 25%, no caso de **t**. Valores intermediários foram encontrados no caso dos sons **k**, **f** e **s**.

Figura 4 – Tipo de coda final



Fonte: Própria autoria.

A análise estatística envolvendo o teste de chi-quadrado apontou diferença apenas não-significativa entre as consoantes em posição de coda final **p**, **t**, **k**, **f** e **s**. Tendo em vista esses resultados, é impossível associar a variável *tipo de coda final* e a realização da vogal epentética nesta pesquisa. A Figura 4 apresenta os dados desta variável.

Os resultados da variável *Tipo de segmento perdido em coda* na pesquisa de Lucena e Alves (2010) apresentam-se distribuídos de forma semelhantes ao presente estudo. Entretanto, os números expostos na Tabela 2 vão de encontro aos resultados da pesquisa de Lucena (2012), a qual mostrou que palavras terminadas em **p** em posição de coda final apresentaram mais ocorrência de epêntese em relação às palavras terminadas com **t**. Lembramos que nesta pesquisa observamos resultados distintos, três casos de epêntese com a oclusiva **p** e nove ocorrências com a oclusiva **t** em posição de coda final.

Passamos à análise da variável *influência da escrita* a partir deste momento.

4.3 Influência da escrita

Dando seguimento à análise com a variável *influência da escrita*, a Tabela 3 apresenta os resultados da análise das palavras terminadas em consoantes em posição de coda final em relação a palavras grafadas com e final.

Tabela 3 – Tipo de coda final (consoantes x vogal e)

Coda final	Ocorrências/Total	Frequência
Consoantes	28/180	15,5%
e final	15/90	16,6%
TOTAL	43/270	15,9%

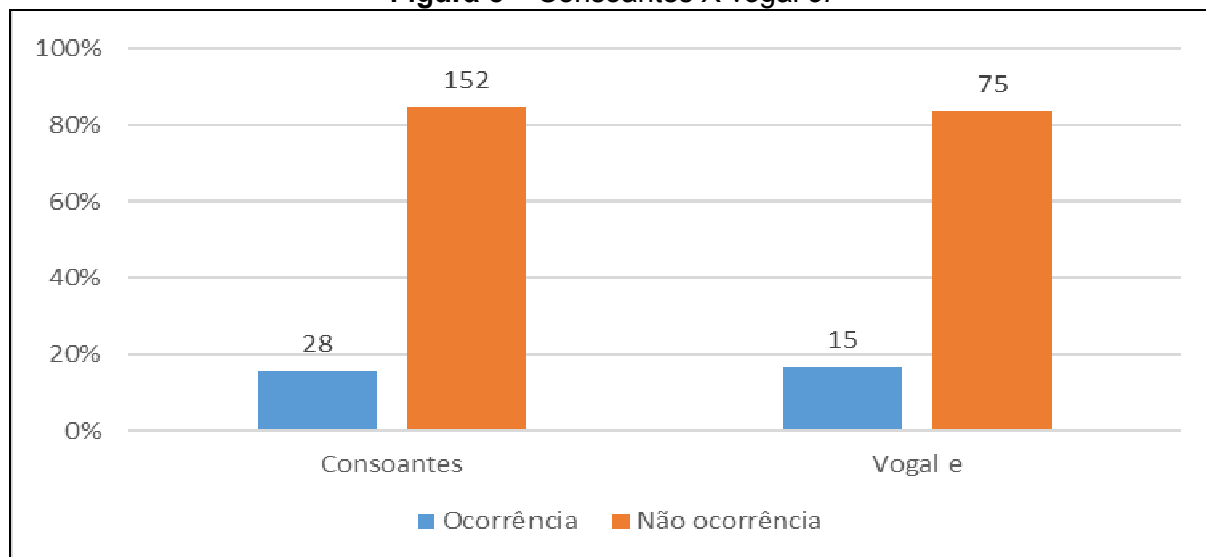
$$X^2 (1) = 0, p = 1, V \text{ de Cramer} = 0,15$$

Para esta análise, esperava-se que as palavras terminadas em e apresentassem maior ocorrência de epêntese em relação às palavras terminadas com consoante em posição de coda final. Tal expectativa se deu devido ao fato da

vogal e no PB ser pronunciada como i em posição final, como na palavra *el[i]*, enquanto que, no ILE, este grafema não apresenta som, como na palavra *nice*. Por outro lado, observa-se na literatura que o cancelamento de vogais postônicas é um fenômeno recorrente no PB atual (NASCIMENTO, 2016).

A análise estatística é fundamental para o entendimento do papel na vogal final e na emergência da vogal epentética. A realização do teste chi-quadrado indica a existência de diferença apenas não-significativa entre as variáveis analisadas. Pode-se afirmar que, de modo contrário à hipótese do estudo, a vogal final e não favorece a emergência da epêntese no ILE de aprendizes potiguares. A Figura 5 apresenta os dados dessa análise.

Figura 5 – Consoantes X vogal e.



Fonte: Própria autoria.

Uma observação superficial pode comprometer sobremaneira a análise dos dados. Quando atentamos apenas para os números absolutos, observa-se uma marcante tendência pela emergência da epêntese após consoantes finais. Todavia, quando observamos os valores percentuais, observamos valores muito aproximados envolvendo os dois grupos de dados analisados.

Passamos à análise da variável contexto fonotático a seguir.

4.4 Contexto fonotático

A Tabela 4 apresenta os resultados referentes à variável *Contexto fonotático*.

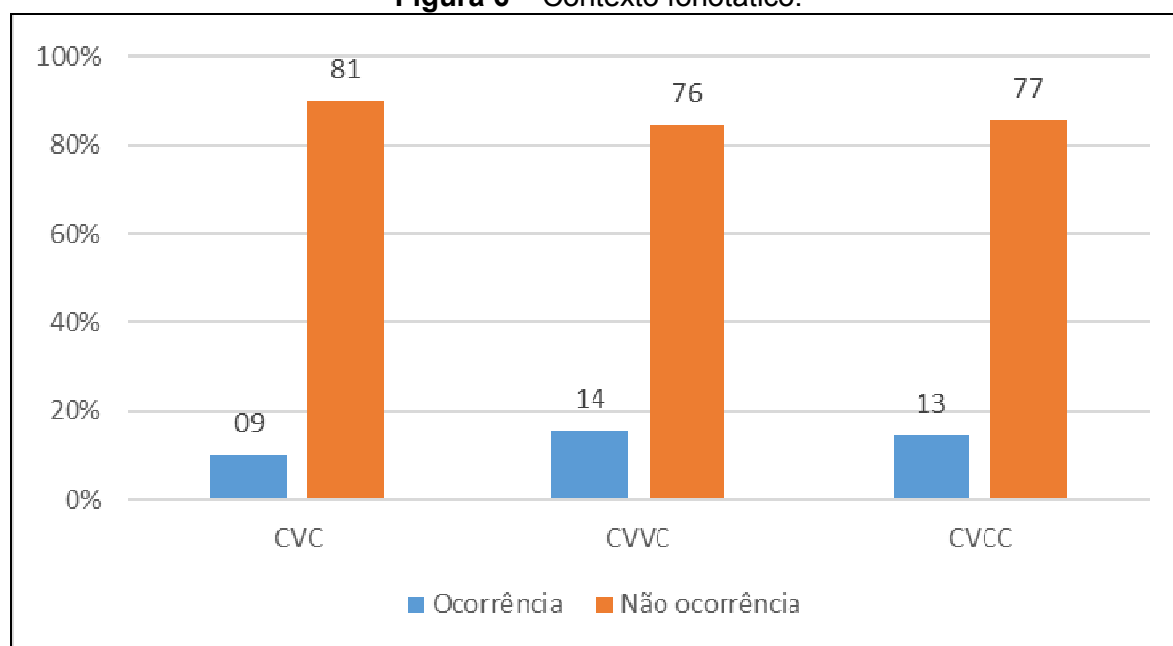
Tabela 4 – Contexto fonotático

Contexto Fonotático	Ocorrência/Total	Frequência
CVC	9/90	10%
CVVC	14/90	15,5%
CVCC	13/90	14,4%
TOTAL	36/270	13,3%

$$\chi^2 (2) = 1,35, p = 0,51, V \text{ de Cramer} = 0,07$$

Os dados apontam uma variação relativamente pequena quanto à emergência epêntese. Embora o contexto CVVC tenha apresentado uma porcentagem maior de casos de epêntese (15,5%), o contexto CVC apresentou um percentual aproximado (10%). A figura 6 apresenta os dados dessa análise.

Figura 6 – Contexto fonotático.



Fonte: Própria autoria.

Tendo em vista os dados aproximados de emergência da epêntese em diferentes contextos fonotáticos, o teste estatístico de chi-quadrado retornou diferença não-significativa entre os grupos. Pode-se afirmar que existe apenas diferença não-significativa entre a emergência da vogal epentética entre os diferentes contextos fonotáticos analisados nesta pesquisa. Os estudos

apresentados na seção de revisão da literatura não abordaram o contexto fonotático entre suas variáveis, dificultando, assim, uma comparação entre os resultados.

Encerramos neste momento a seção de análise e discussão dos dados. Na próxima seção, as considerações finais desta pesquisa serão descritas.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a emergência de epêntese vocálica após oclusivas e fricativas desvozeadas em posição de coda final no falar de aprendizes potiguares de inglês língua estrangeira (ILE). Para atingir esse objetivo, um experimento foi elaborado e quatro variáveis foram delimitadas: *nível de proficiência, tipo de coda final, influência da escrita e contexto fonotático*.

Esta pesquisa se baseou em autores como Collischonn (2003), Silveira & Seara (2009), Gutierrez & Guzzo (2013), Lucena (2012) e Lucena e Alves (2010) a fim de realizar um levantamento teórico sobre a emergência de epêntese no PB e no ILE.

Considerando os resultados obtidos neste estudo, é pertinente dizer que a epêntese vocálica é uma estratégia utilizada por falantes brasileiros de inglês como forma de facilitar a produção oral de determinadas consoantes ou encontros consonantais em posição final. Os resultados deste experimento foram semelhantes aos achados das pesquisas citadas no capítulo teórico.

Com relação ao *nível de proficiência*, os estudantes de nível A2 apresentaram mais casos de emergência de epêntese do que os alunos de nível B1. Tal resultado era esperado, já que nos estudos de Gutierrez e Guzzo (2013) e Lucena (2012) os estudantes de nível iniciante do ILE produziram mais casos de epêntese.

Embora os resultados para a variável *tipo de coda final* mostrem mais casos de epêntese em palavras com **t** em coda final, o teste estatístico considerou a diferença não-significativa devido à proximidade dos valores para as outras fricativas e oclusivas. Da mesma forma, na variável *influência da escrita* foi constatado mais casos de epêntese em palavras terminadas com a vogal **e** do que com oclusivas ou fricativas desvozeadas, porém o teste também classificou este

resultado como não-significativo devido à proximidade dos valores. Em relação à variável *contexto fonotáticos* constatou-se apenas variação não-significativa na emergência de epêntese no ILE.

A hipótese básica apontava que o nível de proficiência, o tipo de coda, a escrita e o contexto fonotático influenciariam de modo significativo a emergência da epêntese de aprendizes potiguaras de ILE. Todavia, somente o nível de proficiência dos aprendizes retornou diferença significativa entre os grupos. Os resultados permitem a confirmação apenas parcial da hipótese básica deste estudo.

De maneira geral, esta pesquisa se mostrou importante para o entendimento da emergência de epêntese vocálica após oclusivas e fricativas em posição de coda final por falantes potiguaras do ILE. Entretanto, há pontos que não foram abordados neste experimento, como a qualidade e a duração da vogal epentética produzida por falantes potiguaras do ILE, os quais podem ser uma oportunidade de continuação da análise deste tema em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

BOERSMA, Paul, WEENIK, David. (2016). *Praat: doing phonetics by computer*. Version 6.0.21. Disponível em: <http://www.praat.org>.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. (2000). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

COLLISCHONN, Gisela. (2003). Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 285-297.

_____. (2004). Epêntese vocálica e restrições de acento no português do sul do Brasil. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 7/1, p. 61-78.

GUTIERRES, A.; GUZZO, Natália. (2013). A produção variável de epêntese em coda final por aprendizes de inglês como L2. In: *Anais do V Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino*. Pelotas: 2013, p. 1-14.

LIMA, L. A. S.; LUCENA, Rubens M. (2013) Análise variacionista da epêntese vocálica medial na aquisição de inglês como L2. *Cadernos de Letras*, v. 47, p. 145-161.

LUCENA, Rubens M.; ALVES, U. K. (2010). Implicações dialetais na aquisição de obstruents em coda por aprendizes de inglês (L2): Uma Análise Variacionista. *Letras de Hoje*, v. 45, p. 35-42.

LUCENA, Rubens M. (2012). Aquisição fonológica da coda silábica por falantes brasileiros de inglês: análise a partir de padrões variáveis do português brasileiro. In: *Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: EDUFRN. v. 1. p. 1-9.

LOWRY, Richard. (2017). *VassarStats*. Disponível em: <<http://vassarstats.net/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

NASCIMENTO, Katiene Rozy Santos do. (2016). *Emergência de padrões silábicos no português brasileiro e seus reflexos no inglês língua estrangeira*. 2016. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

SILVEIRA, Francine; SEARA, Izabel. (2009). A vogal epentética em encontros consonantais heterossilábicos no português brasileiro: Um estudo experimental. *Revista do GEL*, São Paulo, v.6, n. 2, p. 9-35.

“A CULPA É SEMPRE DELAS ... SEMPRE”: DISCIPLINA E PODER NA CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA DE ESTUPRO

“THE FAULT IS ALWAYS THEIRS. ALWAYS...”: DISCIPLINE AND POWER IN THE CULPABILITY OF THE RAPING VICTIMS

Iza Maria Pereira⁶

Alaíde Angélica de Menezes Cabral Carvalho⁷

RESUMO: Os casos de estupro no Brasil são antigos e recorrentes e os discursos sociais que os circundam continuam sendo preocupantes, pois giram, ainda e atualmente, em torno da culpabilização da mulher (vítima) de estupro. O objetivo desse trabalho é discutir os mecanismos agenciadores ou os fatores que fundamentam os discursos de culpabilização da mulher vítima de estupro. Para tanto, como aporte teórico utilizam-se aqui as concepções de poder, disciplina e controle de Foucault (2004, 2014), dialogando com os estudos feministas e culturais a partir das contribuições de Perrot (2007), Louro (1997), Tavares (2012). O *corpus* dessa pesquisa é composto por 10 (dez) comentários emitidos por internautas no site g1.globo.com sobre uma matéria veiculada do caso de estupro coletivo sofrido por uma mulher, no Bairro Lagoinha São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Estupro. Discurso

ABSTRACT: The cases of rape in Brazil are ancient and recurrent and the social speeches that involve them keep being troubling, since turn, still and nowadays, to culpability of the women (victim) of rape. The objective of this work to discuss the generator mechanisms or the facts that give fundament to the discourses of women victim of rape culpability. For so, as a theoretical support we utilize here the conceptions of power, discipline and control of Foucault (2004, 2014), admitting the feminist studies and culture through the contributions of Perrot (2007), Louro (1997), Tavares (2012). The research's corpus is composed of 10 (ten) comments elicited by internet people on the site g1.globo.com about an article relating a collective rape suffered by a woman, in the suburb region of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Woman. Rape. Discourse.

⁶ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil, iza.pereira@ufersa.edu.br.

⁷ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil, angelicamenezes05@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os casos de estupro no Brasil são antigos e recorrentes e os discursos sociais que os circundam continuam sendo preocupantes, pois giram, ainda e atualmente, em torno da culpabilização da mulher vítima pelo estupro. Isso nos faz refletir e indagar sobre o porquê da persistência dessas práticas condenatórias e incriminadoras que apontam as mulheres como provocadoras ou culpadas pela violência que ainda sofrem atualmente, mesmo diante de tantos avanços conquistados por elas na sociedade atual.

Discutir sobre a culpabilização da mulher pela sociedade, nos casos de estupro, perpassa um caminho longo. Um caminho que percorre a construção social e as relações de poder que constroem e significam a figura feminina. É nesse sentido que essa pesquisa objetiva discutir os mecanismos agenciadores ou os fatores que fundamentam os discursos de culpabilização da mulher vítima de estupro.

Para tanto, como aporte teórico utilizam-se aqui as concepções de poder, disciplina e controle de Foucault (2004; 2014) dialogando com os estudos feministas e culturais a partir das contribuições de Perrot (2007), Louro (1997), Tavares (2012).

O *corpus* dessa pesquisa é composto por 10 (dez) comentários emitidos por internautas no site g1.globo.com⁸ sobre uma matéria veiculada do caso de estupro coletivo sofrido por uma mulher de 34 anos, no Bairro Lagoinha São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Essa proposta de análise nos fornece subsídios importantes para identificar como e porque a superioridade masculina ainda modela os discursos e as práticas cotidianas na sociedade brasileira.

2 A MULHER NO ESPAÇO PRIVADO X NO ESPAÇO PÚBLICO: MEMÓRIA, DISCIPLINA E PODER

Segundo Perrot (2007), durante muito tempo, as mulheres foram relegadas à invisibilidade e ao silêncio. Invisíveis porque sua atuação era quase que exclusivamente restrita ao ambiente privado do lar ou da família. O espaço público

⁸ Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/vitima-de-estupro-coletivo-em-sao-goncalo-rj-presta-novo-depoimento.html>

pertencia aos homens e eram poucas as mulheres que se aventuravam nele. Invisíveis eram as mulheres, também, pelo silêncio das fontes, porque, como são pouco vistas nesses locais públicos, pouco se falava delas e, assim, pouco se registrava sobre suas vidas, seus atos.

O papel da mulher ao longo da história foi se modificando na sociedade com os movimentos sociais de resistência e com a inclusão no mercado de trabalho. Ela passou a exercer função tripla: familiar, social e profissional. Essa afirmação é ratificada por Perrot (2007, p. 15) ao dizer que “A história das mulheres mudou. (...) Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação”.

Segundo Medeiros e Medeiros (2016, p. 284), “... tanto na esfera pública quanto na privada ainda se percebe claramente a desigualdade que existe entre homens e mulheres, pois diferentemente dos homens, as mulheres são frequentemente vigiadas”. São vigiadas por uma sociedade que regula o comportamento feminino determinando, por exemplo, a forma de se vestir, de andar, de olhar, de falar. Segundo Tavares (2012, p. 56),

a mulher sempre viveu em um mundo marcado por conceitos e regras que não foram criadas por elas, mas, para elas. Havia um controle sobre seus dizeres, seus afazeres, sua conduta, enfim, nas sociedades patriarcais, investiu-se na vigilância e na disciplinarização dos corpos das mulheres.

Esse controle torna-se uma técnica, método disciplinar de poder. Foucault (2004, p. 118) relata que “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’”. O referido autor continua relatando que esses processos disciplinares já existiam há muito tempo nos conventos, nos exércitos e nas oficinas, porém, as disciplinas se tornaram mais comuns no decorrer dos séculos XVII e XVIII como técnicas de dominação.

Nesses métodos disciplinares, os corpos que não se tornam obedientes, submissos acabam sofrendo um efeito de apropriação através de relações de violência e força, como ocorre no caso do estupro, que é um ato forçado e cruel, a

fim de uma apropriação do corpo de outrem. É nesse sentido que Foucault (1995) explica o exercício do poder, que é um modo de ação de alguns sobre outros. Vejamos:

O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre “parceiros” individuais ou coletivos; **é um modo de ação de alguns sobre outros**. O que quer dizer, certamente, que não há algo como o “poder” ou “do poder” que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído: **só há poder exercido por “uns” sobre “outros”; o poder só existe em ato**, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidades esparso que se apoia sobre estruturas permanentes (FOUCAULT, 1995, p. 242 - grifos nossos).

Nesse sentido, Foucault (1995) explica que o poder não é, por natureza, da ordem do consentimento, mas que ele pode representar o efeito de um consentimento anterior ou permanente, pois ele é ação sobre ações, se inscrevendo, portanto, no comportamento de sujeitos ativos. Não representando um ato de consentimento, o crime de estupro pode ser entendido como a manifestação de um poder histórico do homem sobre o corpo das mulheres, um exercício de poder histórico e socialmente construído.

A concepção de poder para os estudos feministas é uma importante referência, pois nas mais diferentes práticas sociais, homens e mulheres estão constantemente e estrategicamente negociando, consentindo, discordando, avançando, recuando. É nesse sentido que Foucault concebe poder como estratégia que se concretiza, portanto, no exercício, tendo efeito sobre suas ações, e é nesse sentido, também, que Foucault considera que o poder é uma “rede de relações sempre tensas, sempre em atividade” (*apud* LOURO, 1997, p. 39).

Portanto, entender o exercício do poder contribui para compreendermos os fatores que englobam as situações de violência contra a mulher.

3 A CULPABILIZAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE PODER E DISCIPLINA

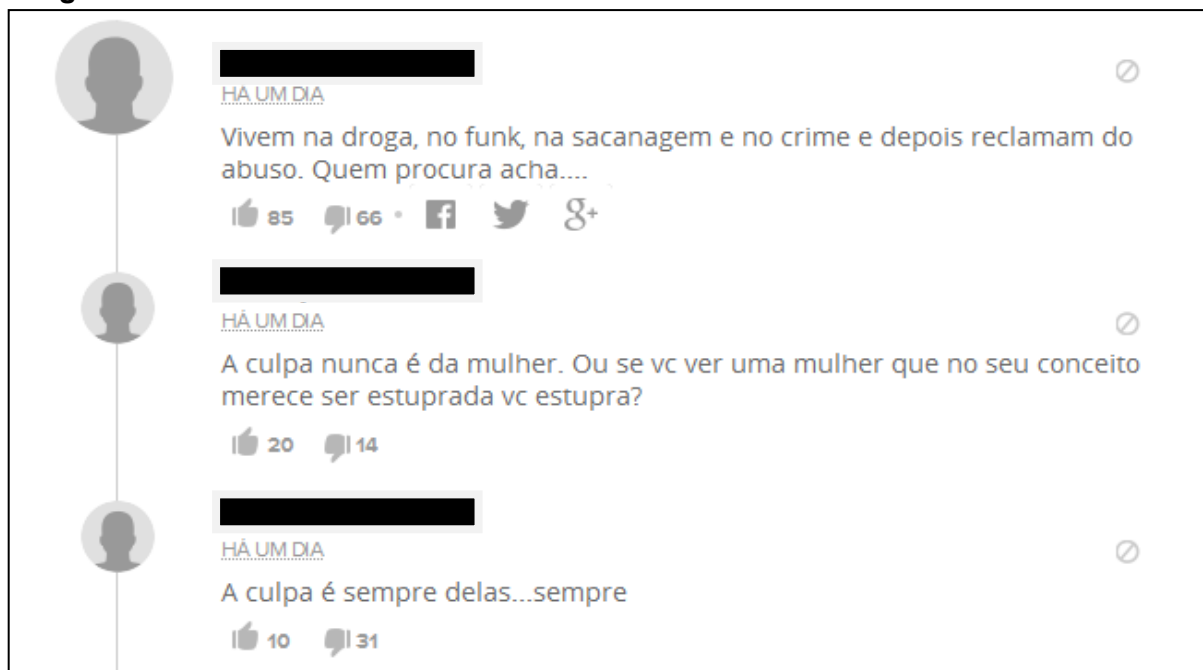
Para tratar da culpabilização da mulher, no caso de estupro, analisando as relações de poder e disciplina, iremos retratar o caso de estupro coletivo ocorrido no Bairro Lagoinha São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sofrido por uma mulher de 34 anos. Essa mulher passou a ser violentada por integrantes do

mesmo grupo de traficantes da localidade onde ela morava, após ter um vídeo íntimo vazado por seu ex-marido, como vingança pela separação. Ela foi vítima de quatro estupros durante quatro anos. No último, ocorrido no dia 17 de outubro de 2016, pelo menos 10 (dez) homens, incluindo menores de idade, a violentaram. O caso só se tornou público após policiais prenderem dois dos criminosos em flagrante⁹, sendo a matéria veiculada em vários meios de comunicação.

No entanto, escolhemos a matéria, sobre o referido caso, veiculada no g1.globo.com¹⁰, por ser um site bastante conhecido e acessado por muitos internautas. O portal de notícias G1 oferece uma variedade de informações, atualizadas, praticamente, instantaneamente, selecionadas e publicadas de acordo com a prioridade de divulgação e critérios próprios do portal.

Dentre as várias ferramentas do portal, ele disponibiliza que as notícias publicadas possam ser compartilhadas via redes sociais (Facebook e Twitter) e, ainda, que o leitor emita sua opinião através de um ícone em que ele pode deixar o seu comentário. Foi dessa ferramenta que extraímos o *corpus* desse trabalho. Assim, selecionamos 10 (dez) comentários emitidos por internautas nesse site de notícias. Passemos à análise observando os seguintes comentários:

Imagem 1



Fonte: <http://g1.globo.com>.

⁹ Fonte: <https://goo.gl/X6eUGt>

¹⁰ Fonte: <https://goo.gl/oZTxEb>

Imagem 2



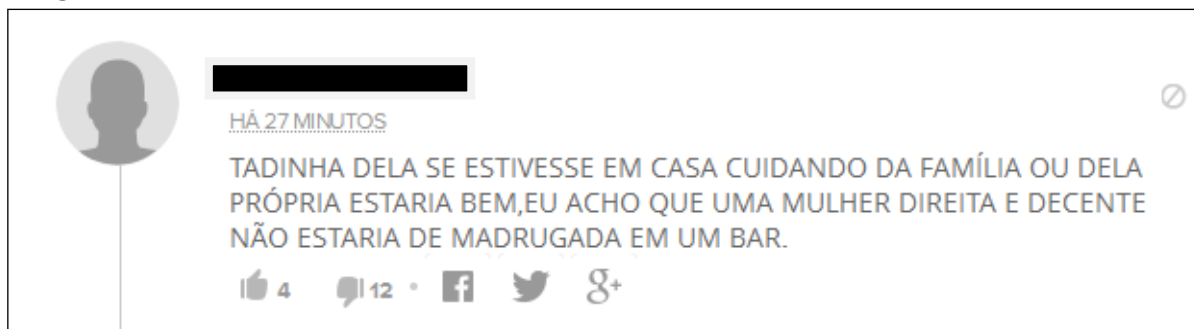
Fonte: <http://g1.globo.com>.

Nos comentários dos internautas 1 e 3 (Imagem 1) e internautas 1 e 2 (Imagem 2), o estupro funcionaria como espécie de corretivo, castigo para as mulheres “desviantes”, pois “quem procura acha”. Mulheres “desviantes”, pois estão em lugares “errados” como no baile funk. Se estivessem na igreja isso não aconteceria.

Vejamos que essa visão é ratificada por uma mulher, como podemos observar no comentário da internauta 3 (Imagem 2). O consentimento feminino também está ligado aos discursos naturalizados que hierarquizaram homens e mulheres na sociedade, colocando-os em situações desiguais de poder. Esses dizeres reforçam o discurso de culpabilização da mulher vítima pela violência sofrida, ditando que “a culpa é sempre delas ... sempre”, e de manutenção da mulher no espaço que a sociedade machista e patriarcal lhe atribui: o lar. Um corpo dócil que não deveria deixar o espaço privado como a casa, igreja, trabalho, como os próprios internautas sugerem, pois o espaço público (bar, festas, por exemplo) pertence ao homem.

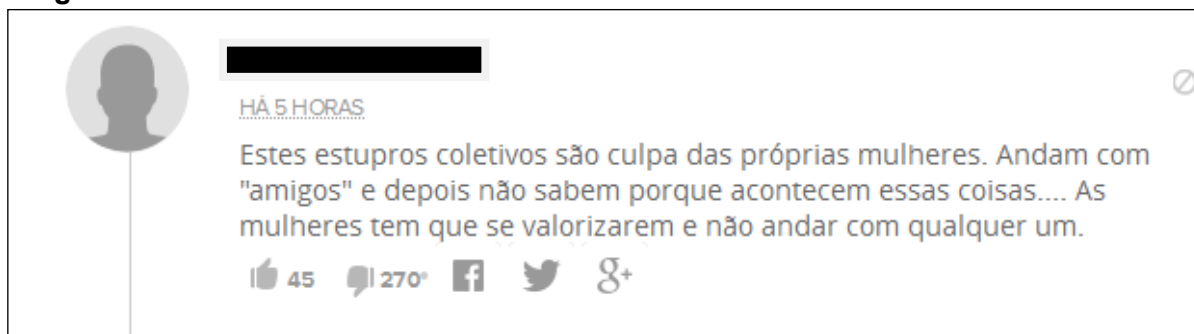
Esses são resquícios de uma sociedade patriarcal que dá ao homem o direito de ir e vir para onde e com quem quiser, e de fazer o que quiser. Já a mulher é forçada a permanecer no espaço privado.

Imagem 3



Fonte: <http://g1.globo.com>.

Imagem 4



Fonte: <http://g1.globo.com>.

Nas imagens 3 e 4, os comentários dos internautas retomam a memória do discurso machista e patriarcal sobre a mulher, o discurso da mulher resignada ao lar. Ou seja, aquele discurso de que a mulher deve estar em casa cuidando da sua família e de si própria. Qualquer outro comportamento que foge a isso seria inapropriado ou errôneo.

Esses comentários reforçam a visão de que as mulheres devem se comportar “de maneira adequada” para evitar violências, especificamente a sexual. Se a violência ocorre é porque o comportamento da mulher não foi adequado, quando, por exemplo, usam roupas curtas, indo sozinhas ou “mal” acompanhadas a lugares de divertimento como um bar.

O comportamento da mulher continua sob vigilância. Ainda ditam formas de se vestir, de andar, de se comportar, de onde ir e com quem andar,

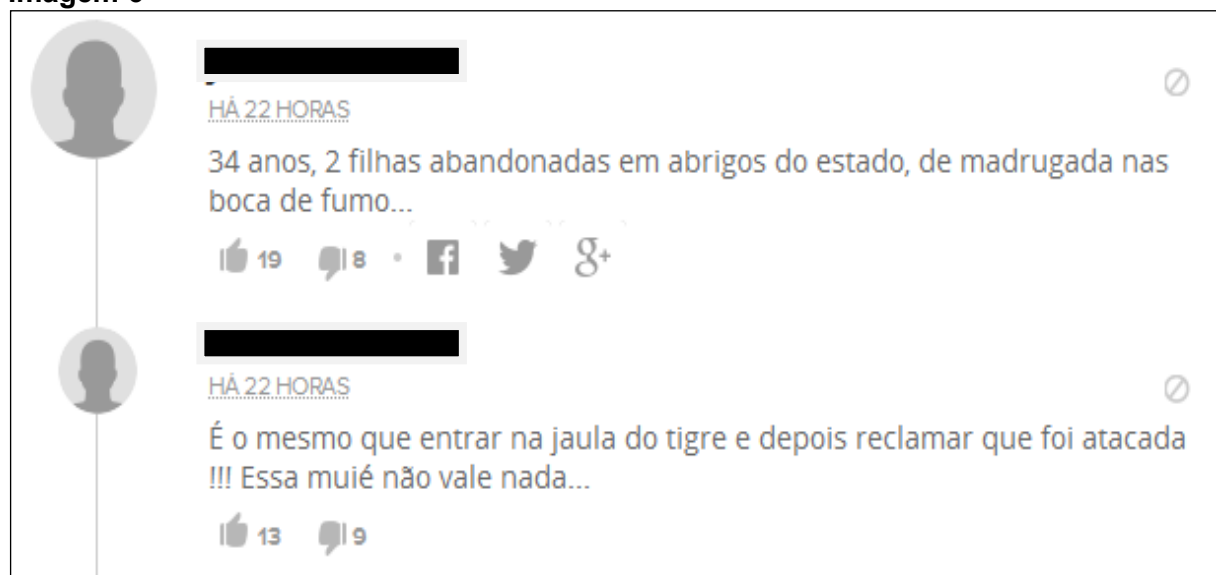
reforçando o que Foucault (2004, p. 118) diz que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações”. A mulher ainda precisa ser comportada, do lar e se ela não for assim ela é condenada, julgada e culpabilizada por todo e qualquer ato ou fato que lhe aconteça. Essa é a disciplina ainda imposta à mulher. Um controle imposto ao corpo e ao comportamento feminino.

Imagem 5



Fonte: <http://g1.globo.com>.

Imagem 6



Fonte: <http://g1.globo.com>.

Existe também a ideia de que os homens não conseguiriam controlar seu “apetite sexual”. Podemos visualizar essa visão no comentário do internauta 2 (Imagem 6) ao dizer que “É o mesmo que entrar na jaula do tigre e depois reclamar”. Assim, as mulheres deveriam se comportar para não sofrerem o estupro e se sofrerem não podem reclamar porque é da “natureza do homem”.

Associado à discriminação de gênero existe a discriminação sócio-espacial, conforme observamos nos comentários dos internautas 2 (Imagem 5) e 1 (Imagem 6), pois há a concepção de que as pessoas que vivem na favela ou em abrigos do estado não têm valor, dignidade e, portanto, não merecem ser respeitadas.

São muitos os motivos para culpabilizar a mulher pela violência sexual sofrida, provocando o entendimento de que ela mereceria ser estuprada para aprender a se comportar adequadamente (PICHONELLI, 2014).

O contexto da sociedade atual ainda permite a aceitação e justificação dessas violências e na responsabilização das vítimas pelas violências sofridas. Essa situação é construída com base na naturalização da superioridade masculina que ainda limita as possibilidades de vivências no âmbito público pelas mulheres.

O estupro é uma forma simbólica de manifestação do poder que se dá ao masculino em uma sociedade ainda patriarcal. Segundo Cerqueira e Coelho (2014, p. 2).

a violência de gênero é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. Como subproduto do patriarcalismo, a cultura do machismo, disseminada muitas vezes de forma implícita ou sub-reptícia, coloca a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, entre os quais o estupro.

Portanto, o estupro é a manifestação de um poder histórico do homem sobre o corpo das mulheres que o considera como seu objeto, um exercício de poder histórico e socialmente construído e justificado ou apoiado por uma sociedade machista que incrimina e culpabiliza a mulher quando, nesse caso, é vítima de estupro.

Mesmo diante de muitos avanços e conquistas sociais das últimas décadas, vemos, ainda, a cultura sexista reproduzida nos discursos e práticas dos sujeitos,

uma cultura repassada entre as gerações pelos vestígios da memória de uma sociedade patriarcal, que desvaloriza a mulher em detrimento do poder do homem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é de se considerar que ainda perpetua uma ordem simbólica marcada por relações assimétricas de poder entre homens e mulheres que dinamizam e ressignificam o cotidiano da vida social.

A figura feminina ainda está veiculada à ideia de submissão, de inferioridade e servidão aos impulsos e desejos masculinos, contribuindo para a naturalização de dizeres que fundamentam o discurso do agressor, legitimando a violência contra as mulheres. Há um respaldo, um apoio social na culpabilização da mulher vítima de estupro.

Vivemos em uma sociedade que culpabiliza a mulher vítima de estupro ao invés de acolhê-la, contribuindo cada vez mais para o silenciamento¹¹ das vítimas, ao protegerem os criminosos.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde*. 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnica_diest11.pdf. Acesso: 26 nov 2016.

MEDEIROS, Francélia; MEDEIROS, Lúcia Helena. Discurso e memória: a constituição da imagem feminina no Livro Didático de Português. In: ALVES, Alexandre; BARBOSA, José Roberto Alves; SILVA, Moises Batista da (Orgs.). *Pesquisas em literatura, linguística e ensino*. Mossoró/RN: UERN, 2016.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In.: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. *Vigiar e punir*. nascimento da prisão. 29. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹¹ Pesquisas mostram que apenas 10% dos casos de estupro são registrados no Brasil. Fonte: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf.

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Rio de Janeiro/RJ: Vozes, 1997. p. 37-56.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PICHONELLI, Matheus. *Se a mulher se comportasse, haveria menos estupros*. Carta Capital, 27/03/2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/para-o-brasileiro-se-a-mulher-soubesse-se-comportar-haveria-menos-estupros-2334.html>. Acesso: 26 nov 2014.

TAVARES, Lúcia Helena M. C. *Mulher, trabalho e família: jogos discursivos e redes de memória na mídia*. João Pessoa – PB, UFPB, 2012. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6385/1/Arquivototal.pdf>. Acesso: 15 nov 2016.

O ROTACISMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

ROTACISM IN COMIC BOOKS

Francélia Nunes de Medeiros Ferreira¹²
Clerton Luiz Felix Barboza¹³

RESUMO: Este artigo objetiva analisar o rotacismo de /r/ em // na fala do personagem Cebolinha, levando em consideração o distúrbio fonológico comumente conhecido como dislalia. Para tanto, como corpora de análise utilizamos as HQs Cebolinha (2010) e Mônica Jovem (2011) de Maurício de Souza, a fim de investigar se durante a passagem de transição da fase de criança para adolescente Cebolinha continua apresentando o distúrbio da dislalia, haja vista que essa patologia pode ser corrigida através de tratamento fonoaudiológico. Como base teórica nos fundamentamos nos trabalhos de Câmara Jr. (1970), Bagno (2006; 2007), Souza (2015) e Romano e Fonseca (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome. Fala. Cebolinha.

ABSTRACT: This paper aims to analyze rotacism of /r/ to // in the speech of the HQ character Cebolinha, taking into account the phonological disorder commonly known as dyslalia. In order to do so, as a corpus of analysis, we used the Cebolinha (2010) and Mônica Jovem (2011) HQs by Maurício de Souza, in order to investigate whether during the transition period from the childhood to adolescence, Cebolinha continues to present the aforementioned phonological disorder, once this pathology can be corrected through speech-language therapy. As a theoretical basis we followed the work of Câmara Jr. (1970), Bagno (2006, 2007), Souza (2015) and Romano e Fonseca (2015).

KEYWORDS: Syndrome. Speaks. Cebolinha.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o rotacismo de /r/ em // presente na fala do personagem Cebolinha, nas histórias em quadrinhos (HQs) *Cebolinha (2010)*

¹² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: francelia_estrela@hotmail.com.

¹³ Doutor em Linguística. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff. Email: clertonluiz@gmail.com.

e *Mônica Jovem* (2011), levando em consideração o distúrbio articulatorio da dislalia. O rotacismo é caracterizado no português brasileiro, doravante PB, pela alternância entre a consoante lateral alveolar // e a vibrante simples /r/, como nos pares: *flamengo* > *framengo* e *bruxa* > *bluxa*, por exemplo. Sobre esse acontecimento, Câmara Jr. (1970, p. 51) ressalva que:

[...] um e outro contrastes são muito precários nos dialetos sociais inferiores e mesmo num registro muito familiar. [...] Nos grupos de líquidas como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do //, que muda em /r/'¹⁴.

No entanto, é válido frisar que o rotacismo não pode ser estigmatizado como um erro de pronúncia e escrita de uma palavra ligada exclusivamente aos dialetos caipiras ou marginalizados. Do ponto de vista fonoaudiológico, ele pode ser tratado como um distúrbio chamado *dislalia*, que apresenta como principal característica a dificuldade na articulação dos fonemas, que pode ocorrer por omissão: *abóbora* > *abóbra*; por troca: *barato* > *balato*; mudança de posição: *caderneta* > *cardeneta*; e/ou acréscimo: *freada* > *freiada*¹⁵.

A síndrome da dislalia pode ser dividida em quatro tipos, a evolutiva, a funcional, a audiógena e a orgânica. Nos interessa para este estudo a primeira e a segunda que ocorre principalmente em crianças no período da aquisição da fala, entre 0 e 5 anos de idade, e que pode ser corrigida gradativamente durante seu desenvolvimento. Se não tratada a dislalia pode levar futuramente aos vícios de linguagem ou barbarismos, que os gramáticos costumam taxar como erro gramatical.

Logo, nesta pesquisa pretendemos demonstrar que a troca do /r/ em // na fala do personagem Cebolinha está ligada a uma patologia e não a um desconhecimento da norma culta do PB. Para tanto nos apoiamos nas epistemologias de Câmara Jr. (1970), Bagno (2006; 2007), Souza (2015) e Romano e Fonseca (2015).

¹⁴ Símbolo /r/ utilizado pelo autor em decorrência da data da obra, 1970, período em que era mais difícil o uso do símbolo em IPA na edição de livros.

¹⁵ Disponível em: <https://goo.gl/UyBF7i>. Acesso: 26. nov. 2016.

Este trabalho possui a seguinte organização: a seção 1 apresenta o conceito e a causa da dislalia. A seção 2 expõe algumas considerações sobre o rotacismo entre /l/ e /r/. A seção 3 traz a análise das HQs *Cebolinha* (2010) e *Mônica Jovem* (2011). E por fim, segue a conclusão desta pesquisa e os seus principais achados, seguida pelas referências bibliográficas.

2 A DISLALIA

A *dislalia* (do grego dys + lalia) também conhecida como *desvio fonológico* ou *distúrbio articulatorio*, consiste na dificuldade em combinar os traços fonêmicos ao realizar um fonema ou alofone, seja omitindo ou acrescentando fonemas, alterando um fonema por outro ou ainda modificando sua ordem sequencial. As trocas mais comuns no PB ocorrem, segundo Souza (2015), em: /p/ por /b/; /f/ por /v/; /t/ por /d/; /r/ por /l/; /l/ por /s/; /j/ por /ʒ /; /x/ por /s/; entre outras ocorrências.

Souza (2015) mostra que existem quatro tipos de dislalias, são elas:

- a) **Evolutiva:** geralmente se dá na infância e tende a desaparecer ao logo da transição para a fase adulta;
- b) **Funcional:** a mais comum, no qual ocorre a supressão, substituição, ou acréscimo de fonemas;
- c) **Audiógena:** ocorre quando a criança possui deficiência auditiva, o que leva a realizações não-padrão;
- d) **Orgânica:** ocasionada por lesões no encéfalo, anomalias ou alterações na boca, dificultando a realização das palavras.

A dislalia infantil também pode apresentar outras causas, como por exemplo o uso prologando de chupetas e mamadeiras, a onicofagia¹⁶ e a sucção de dedo, bem como inadequação na hora da mastigação e deglutição dos alimentos. Outras possíveis causas são também a hiperatividade e a língua hipotônica, esta última pode acarretar na má formação da arcada dentária, interferindo na produção do som pelos articuladores: dentes, alvéolos, palato, língua e/ou lábios.

Observando esse fenômeno do ponto de vista fonético temos o que alguns autores costumam denominar de rotacismo, conceito explicado na próxima seção.

¹⁶ Roer as unhas.

3 O ROTACISMO ENTRE /l/ E /r/

O fenômeno do rotacismo é um fato linguístico diacrônico registrado desde a evolução do latim vulgar para as línguas românicas através de documentos como o *Appendix Probi*. De acordo com Silva Neto (*apud*, Costa, 2011) o documento representa uma lista anônima, provavelmente organizada por um professor para uso de seus alunos, com 227 correções da língua, mostrando o latim falado (vulgar) em oposição ao clássico. Para o desconhecido professor se deveria pronunciar: “flagellum non fragellum¹⁷”, “suppellex non superlex¹⁸” e “glatri non cracli¹⁹”. Isso porque de acordo com a norma do latim culto era a forma correta de se escrever tais palavras. Bagno (2007) também aponta como vestígio histórico do rotacismo, a famosa obra *Os Lusíadas* de Camões, cujo autor emprega o rotacismo ao escrever *ingrês, pubricar, pranta, frauta e frecha*.

Considerando os exemplos do parágrafo anterior podemos tomar o rotacismo como uma tendência natural na evolução das chamadas línguas românicas, caracterizado particularmente pela troca do /l/ pelo /r/, ou vice-versa, nos encontros consonantais. Para ilustrar a evolução linguística diacrônica trouxemos um quadro comparativo entre as palavras, *igreja, Brás, praia, escravo e frouxo*, com sua origem latina em correspondência à outras línguas que derivaram do latim, conforme Bagno (2006). Vejamos:

Quadro 1: evolução das palavras a partir do latim (BAGNO, 2006, p. 50).

Latim	Francês	Espanhol	Português
Ecclesia	Église	Iglesia	Igreja
Blasiu	Blaise	Blas	Brás
Plaga	Plage	Playa	Praia
Sclavu	Esclave	Sclavo	Escravo
Fluxu	flou	flojo	frouxo

Fonte: Autoria própria.

¹⁷ Flagelo não fragelo.

¹⁸ Mobiliário não mobiriário.

¹⁹ Glabra não grabra.

No Latim havia um // que se conservou em francês e espanhol (castelhano) através dos tempos, mas que em português transformou-se em /r/, isto pode ser explicado pelo ponto de vista articulatório, na qual as consoantes /r/ e // constituem o grupo das líquidas e apresentam algumas características em comum. Pelo viés fonético, temos:

Quadro 2: descrição fonética de /r/ e //, criada a partir de Silva (1999).

	//	/r/
Ponto de articulação	alveolar	alveolar
Modo de articulação	lateral	vibrante
Ressonância	oral	oral
Vibração Laríngea	sonora	sonora

Fonte: Autoria própria.

Na leitura do quadro dois podemos observar que as líquidas // e /r/ se diferem apenas no modo de articulação. Enquanto a primeira é lateral, em que “a corrente de ar é obstruída no centro da parte anterior da cavidade oral pela língua, mas o ar escapa pelas laterais sem causar fricção” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20); a segunda é uma vibrante simples, no qual o “som é produzido quando o articulador ativo bate várias e rápidas vezes no articulador passivo.” (SOUZA e SANTOS, 2010, p. 20), em que o articulador ativo é a ponta da língua e o articulador passivo os alvéolos. Isso pode explicar o porquê de ambos os fonemas serem comumente trocados na realização fonética, haja vista semelhanças articulatórias entre eles.

A comparação entre as líquidas também pode ser expressa por meio da matriz fonética criada pela fonologia gerativa padrão de Chomsky e Halle, que leva em consideração os traços fonológicos binários (+) e (-) para distinguir propriedades fonéticas. Sob este aspecto temos para // e /r/, as seguintes representações:

Quadro 3: matriz de traços distintivos, segundo Chomsky e Halle (1968).

	//	/r/
Silábico	—	—
Consonantal	+	+
Soante	+	+
Alto	—	—
Baixo	—	—
Recuado	—	—
Anterior	+	+
Coronal	+	+

Arredondado		
Contínuo	+	+
Estridente	-	-
Nasal	-	-
Lateral	+	-
Soltura Retardada	-	-
Vozeado	+	+

Fonte: Chomsky e Halle -1968 (*apud* SEARA et al, 2011).

Neste sistema linear a troca de uma vibrante por uma lateral, mutuamente, consiste no valor do traço lateral. No qual o valor negativo é perdido na vibrante, e uma regra de redundância para as consoantes líquidas introduzirá o valor do traço positivo, fazendo com que haja a rotação entre o /r/ e // na fala, a partir do momento em que o articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar não escapa pela lateralidade. O que ocorre é que o articulador ativo irá bater uma ou várias e rápidas vezes no articulador passivo, causando vibração. Considerando que “os traços distintivos formam as oposições fonológicas das líquidas, enquanto os redundantes são marcados pelo contexto em que ocorrem” (SOUZA, 2015, p. 20).

É válido destacar também, segundo Wiethan et al (2011), que as líquidas no PB, em termos de sistema fonológico, são representadas por //, /N/, /R/ e /r/.

A líquida // é observada nas posições de *onset* (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o *glide* [w], em termos de estrutura silábica, este fonema pode compor o *onset* simples e complexo; o /N/ ocorre na posição de *onset* medial e em poucas palavras, na posição de *onset* inicial; o /R/ apresenta-se em *onset* inicial e medial e na posição de coda na maioria dos Estados brasileiros; o /r/ apresenta-se em *onset* simples (medial) e em *onset* complexo, além de ser produzido em coda medial e final na região sul do Brasil (Wiethan et al, 2011, p. 01).

A citação acima mostra que no PB a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos, no ataque complexo (corresponde a primeira posição na sílaba preenchida por duas consoantes), como ocorre em *blusa* > *brusa*, ou na coda silábica (representa a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba) como ocorre com *sal* > *sar*. Em se tratando do ataque complexo, no PB, ele se configura de forma bastante simples. Apenas o /r/ e o // podem ocupar a segunda posição de ataque, independente de a sílaba ocorrer em

posição final ou medial, como podemos observar no quadro abaixo, segundo Oliveira (2016):

Quadro 4: ataque complexo (OLIVEIRA, 2016, p. 34).

<i>/r/</i>			<i>/l/</i>		
Segmento	Posição inicial	Posição Medial	Segmento	Posição inicial	Posição Medial
/p/	pra.to	com.pra	/p/	pla.ca	du.pla
/b/	bra.ço	ca.bra	/b/	blo.co	pú.bli.co
/t/	tra.go	en.tra	/t/	tlim	a.tlas
/d/	dro.ga	qua.dro	/d/	–	–
/k/	cro.mo	a.cre	/k/	cla.ro	a.cla.ma
/g/	gra.ma	ti.gre	/g/	gló.ria	si.gla
/f/	fra.co	es.pi.na.fre	/f/	fle.cha	ca.mu.fla.do

Fonte: Autoria própria.

O ataque complexo foi enfatizado em detrimento da coda silábica, pelo fato de ser mais comum na fala do personagem central desta pesquisa. Sobre o ataque, Oliveira (2016) comenta que o fato de termos apenas duas consoantes podendo ocupar a posição de ataque complexo pode ser uma das explicações para a grande produtividade de substituições de uma líquida por outra, principalmente na fase de aquisição da linguagem. É o que ocorre com o Cebolinha que faz a rotação de */r/* em */l/* na sua fala, principalmente na infância, período em que se aprende os fonemas.

Para que possamos compreender essa proposta, apresentaremos, logo abaixo, uma análise da fala do personagem Cebolinha com os pressupostos teóricos subjacentes à análise: o rotacismo e a dislalia.

4 DISLALIA INFANTIL: O ROTACISMO NAS HQS

De acordo com Souza (2015, p. 06) é “por volta dos oito anos, que a criança atinge a maturidade necessária para produzir todos os sons linguísticos”. Portanto, só poderíamos dizer que uma criança apresenta o distúrbio da dislalia, se diagnosticado por um especialista, após a referida idade. Considerando o

personagem Cebolinha de Maurício de Souza percebemos que o mesmo ainda está enquadrado dentro da idade comum para que haja a confusão na troca de fonemas na hora de pronunciar uma palavra. O problema fonológico que o personagem apresenta é a troca do /r/ pelo // que é comumente chamado de rotacismo pela literatura fonética. Bagno (2007) ao tratar do assunto defende que:

Hoje, o rotacismo em encontro consonantal é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Já o rotacismo em final de sílaba é característico de algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo e Sul de Minas Gerais etc.) (BAGNO, 2007, p. 145).

Apoiados no pensamento do autor, percebemos por meio dos personagens da *Turma da Mônica*, que Cebolinha apresenta o rotacismo que ocorre em contexto de ataque complexo (CCV). Outro personagem, Chico Bento, por ter nascido na roça, apresenta o dialeto caipira típico do interior, e traz na sua fala o rotacismo de final de sílaba, ao realizar palavras como *peçoar* ao invés de *peçoal*. Se levado para o campo da linguística variacionista, Chico Bento apresentaria uma variação da língua padrão, considerando o grupo social no qual ele está inserido, no entanto Cebolinha apresenta um distúrbio de fala chamado de dislalia, e não uma variedade estigmatizada como aponta Bagno (2007), tendo em vista que na escrita ele conhece a norma padrão do PB.

Souza (2015) explica que a dislalia por ser um distúrbio de articulação que leva a dificuldade de realização de determinados sons, pode interferir também no aprendizado da escrita, tendo em vista que alguns portadores da síndrome, geralmente crianças, tendem a escrever como pronunciam as palavras. O erro mais comum, quando uma criança está aprendendo a correspondência grafofônica do PB, é a troca da sequência fônica das palavras, como em **pato** e **bato** (SEARA et al., 2001). Neste caso a distinção se dá porque o /p/ é desvozeado e o /b/ é vozeado. No caso do rotacismo a troca do /r/ em //, reciprocamente, se dá porque ambos fazem parte do grupo das líquidas e apresentam algumas características em comum, como já explicitado na seção dois. Ao fazerem a troca de fonemas as crianças muitas vezes acabam mudando tanto o significante quanto o significado da palavra. Vejamos um exemplo no quadrinho abaixo:

Figura 1: troca do /R/ pelo /l/ na palavra rua.



Fonte: (SOUZA, 2010).

Observe que no terceiro quadrinho Cebolinha troca o erre forte do PB /R/ pelo /l/: *rua* > *lua*. Consequentemente acaba mudando tanto o significante quanto o significado da palavra. O que era para ser considerado popularmente como uma via pública, acaba sendo confundido com o satélite da Terra. Já analisando o quadrinho seis, no que toca o acarretamento da fala “incorreta” na produção da escrita, podemos observar que o personagem não apresenta esse problema decorrente da dislalia, tendo em vista que diferentemente da fala, em que pronunciou *lua* ao invés de *rua*, ele escreveu na placa “Rua do Cebolinha”, não fazendo a troca dos grafemas <r> por <l>. Ou seja, ele já consegue observar as

inconsistências grafofônicas entre a fala e a escrita do PB, apesar de ser ainda incapaz de realizá-las.

Comparemos agora a figura um com a figura dois, de Chico Bento:

Figura 2: omissão de fonemas na escrita.



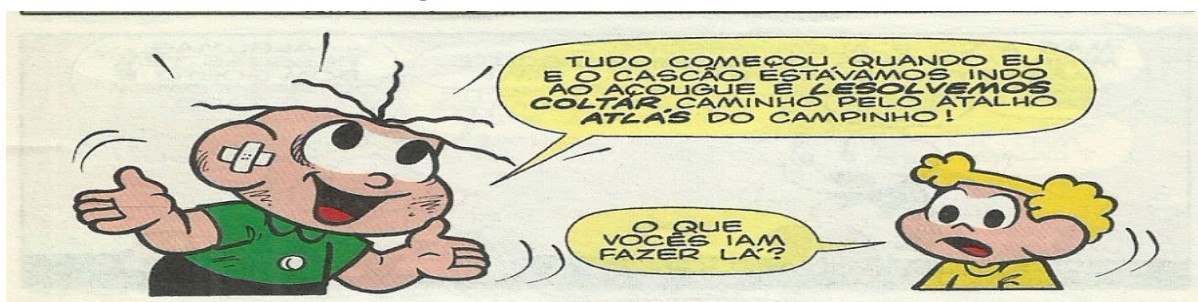
Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/cJnVhk>. Acesso em: 27. nov. 2016.

Como podemos observar, diferentemente de Cebolinha, Chico Bento não consegue desassociar a fala da escrita. Note que ele faz uma omissão dos três primeiros fonemas da palavra *professora* que se reduz, tanto na fala como na escrita, em *fessora*, isto representa o que alguns foneticistas (BAGNO, 2006) costumam chamar de lei do menor esforço, origem da transformação dos vocábulos

que deram origem a formação da Língua Portuguesa, como já explicado na seção dois. A lei do menor esforço consiste em uma “tendência universal em que o falante simplifica a emissão dos sons, facilitando os órgãos do aparelho fonador” (CRUZ et al, 2010, p. 672). Como exemplo podemos citar a síncope, supressão do fonema no meio da palavra; a apócope, supressão do fonema no fim da palavra; e a aférese, supressão do fonema no início da palavra, como ocorre em *fessora*.

Como foi apresentando na seção um deste trabalho, existem quatro tipos mais recorrentes de dislalia, dentre elas Cebolinha apresenta a do tipo funcional, já que ele faz a substituição de um fonema por outro, no caso do /r/ por /l/. Câmara Jr. (1970) ressalva que no PB as laterais e vibrantes anteriores figuram como um segundo elemento de um grupo consonântico que cria contrastes, como entre - *bloco*: *broco* (1ª pes. ind. pres. do verbo *brocar*), *atlas*: *atras* (fem. pl. de *atro*), *clave*: *crave* (subj. de *clavar*), *fluir* (correr): *fruir* (gozar) ressaltando que “há nos dialetos sociais populares o *rotacismo* do /l/” (CÂMARA JR., 1970, p. 50-51). A fala do autor explica o distúrbio da dislalia funcional que Cebolinha apresenta, pois o personagem faz justamente essa rotação de uma lateral por uma alveolar. Vejamos mais um exemplo:

Figura 3: rotacismo de /R/ em /l/.



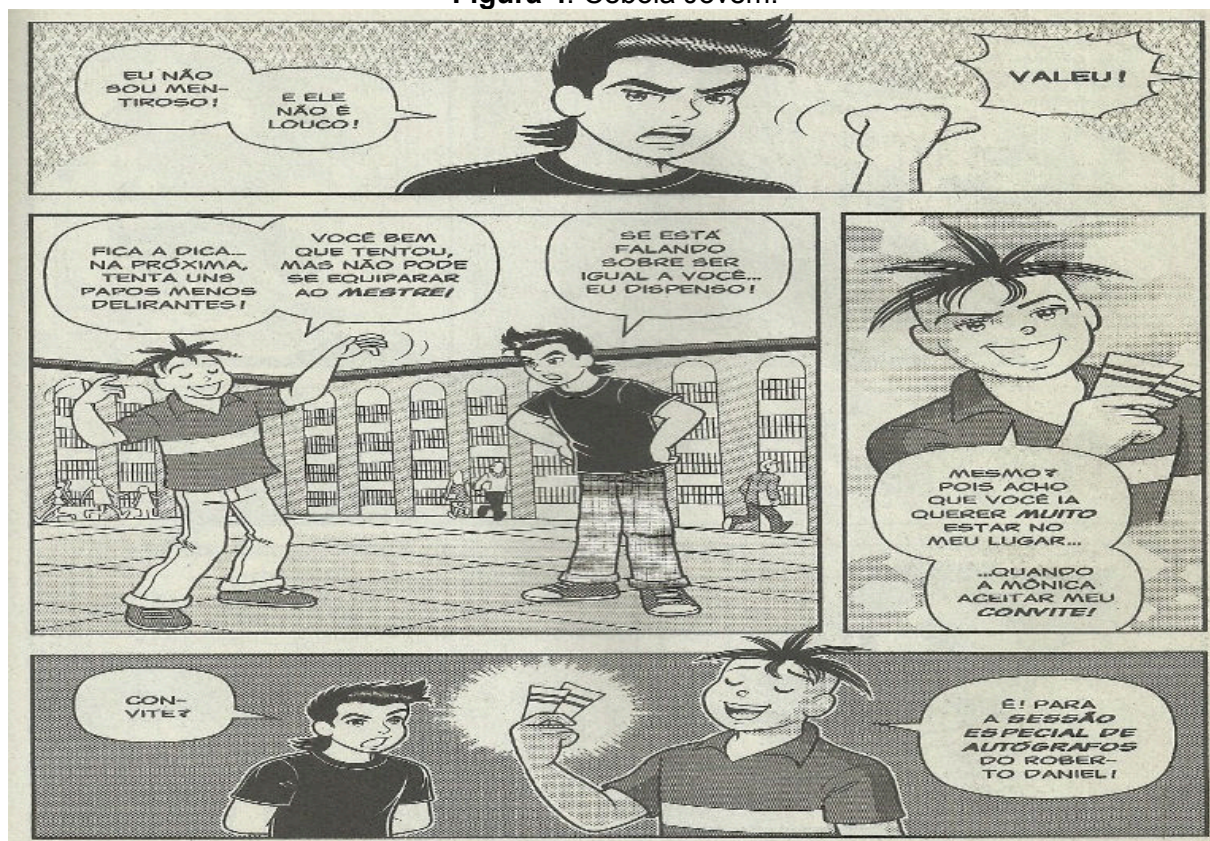
Fonte: Souza (2010).

Atentando para a imagem podemos perceber o rotacismo por meio das palavras *lesolvemos* > *resolvemos*, *coltar* > *cortar* e *atlás* > *atrás*, havendo a substituição do /R/ em /l/. Note que o rotacismo mais comum na fala do personagem é o que ocorre em contexto de ataque complexo, como mostra a palavra *coltar*, em que ele não fala *coltal* substituído o /R/ pelo /l/ em final de sílaba, uma vez que o /R/ no final de verbos no infinitivo, geralmente não é pronunciado no PB.

Nascentes (*apud* ROMANO; FONSECA, 2015, p. 401) mostra que o rotacismo não é tendência apenas do PB podendo ser encontrado também em

Angola, onde o nativo “teve grande dificuldade em articular o *r* português substituindo-o justamente por *l*: *era - ela, claro - calalo, fora-fola*”. O autor ainda apregoa que essa dificuldade pode ser encontrada em diversas línguas, como no francês vulgar de Paris, napolitano, toscano, espanhol, inglês americano, etc. Assim podemos perceber que a troca de */r/* em *//* não é apenas tendência da fala do personagem Cebolinha, mas que pode ser encontrado comumente na fala de sujeitos reais.

Figura 4: Cebola Jovem.



Fonte: Souza (2011).

Com o passar dos tempos o autor Maurício de Sousa criou uma releitura dos personagens da *Turma da Mônica*, por meio da criação da HQ *Turma da Mônica Jovem*. Agora o personagem Cebolinha se encontra na fase de adolescência e é chamado de Cebolácio Júnior Menezes da Silva, vulgo "Cebola", rejeitando seu apelido de infância. Com o passar dos anos, Cebola tratou de seu distúrbio da dislalia com um fonoaudiólogo²⁰, deixando de praticar o rotacismo em sua fala.

²⁰ Dados disponíveis em: <https://goo.gl/CJyacm>. Acesso: 28. ago. 2016.

Porém, em situações de *stress* e nervosismo ele acaba trocando o /r/ pelo // como fazia na infância.

Note que o distúrbio da dislalia parece ter desaparecido da fala do personagem Cebola com o passar do tempo, o que caracteriza a dislalia evolutiva, no qual a patologia tende a desaparecer na medida que o sujeito aprende a usar os articuladores corretamente na hora de produzir o som. Assim Cebola já não faz o rotacismo de /r/ em //, como bem mostra a palavra *mestre* grafada em negrito, no segundo quadrinho, assim como também as palavras *delirante*, *equiparar*, *querer*, *estar*, etc. Observe que em algumas palavras, no qual esperaríamos que houvesse a troca do /r/ por //, há um destaque em negrito, uma estratégia do autor para chamar a atenção para o fenômeno de variação na fala de Cebola, algo que foi se modificando com o passar dos tempos. No entanto, em outros quadrinhos, quando o personagem fica nervoso o distúrbio volta a emergir, e ele realiza involuntariamente o rotacismo, como mostra a próxima figura. Atentemos mais uma vez, para o destaque em algumas palavras, agora enfatizando a troca das líquidas.

Figura 5: Cebola nervoso.



Fonte: Souza (2011).

Na figura cinco, deduzimos pela expressão do personagem seu nervosismo que, conseqüentemente, faz com que ele volte a fazer a troca do /r/ pelo //, como nas palavras *holível*, *tlocando* e *letlas*. Portanto podemos constatar que o seu distúrbio fonológico não foi completamente curado, mesmo levando em conta que ele já passou da idade comum para apresentar o problema, a infância.

A dislalia, contudo não é algo inerente aos personagens de HQs, mas ocorre corriqueiramente no dialeto social menos prestigiado por meio do rotacismo e outros fenômenos fonéticos/fonológicos, como os metaplasmos e os encontros

consonantais tautossilábicos, desaguando nos chamados vulgarismos, que de acordo com Silva e Neto (*apud* ROMANO;FONSECA, p. 401), “pertencem às ‘tendências já contidas na *deriva* da língua que logo irrompem quando o meio social é turvo e incerto pela convivência de populações de origens diversas e a falta de rígida norma linguística”. Neste caso temos nos dialetos sociais de menos prestígio pronúncias como *probrema*, *cardo*, *blinco*, *blanco*, ao invés de *problema*, *caldo*, *brinco* e *branco*. Logo vemos que o rotacismo proveniente da dislalia pode desaparecer na infância ou permanecer ao longo da vida adulta se o distúrbio não for tratado, e que outros casos que fogem à síndrome são vistos como variações linguísticas ou desvios da norma culta. Este último pode levar ao preconceito linguístico que por conseguinte pode acarretar na exclusão social, como bem apontou a figura cinco, quando o autor tenta quebrar esse tipo de preconceito inerente a fala “incorreta” na seguinte passagem: “Por um mundo, onde quando alguém fala errado, todos os outros acompanham para ninguém ficar excluído”. Um exemplo de preconceito linguístico pode ser visto no quadrinho abaixo:

Figura 6: preconceito linguístico.



Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/1GNHJR>. Acesso em: 27.nov. 2016.

Observe no quadrinho acima através da fala da professora, “isso é lá português que se fala”, a existência do que Bagno (2006) chama de preconceito linguístico. De acordo com o autor este preconceito se baseia na crença de que só existe,

[..] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2006, p. 37).

Bagno (2006) atenta para a necessidade de se olhar para o fenômeno da variação como algo comum na língua, uma vez que todas as línguas naturais apresentam marcante variação e que cada falante tem seu modo particular de realizar uma palavra. No que toca ao ensino nas escolas, como é apresentado na figura seis, o autor comenta que “infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português” (BAGNO, 2006, p. 48). O que leva a discriminação e a estigmatização das falas, como ocorre com o fenômeno do rotacismo que, por vezes, é caracterizado como erro gramatical, mesmo estando ligado a uma patologia como a dislalia. Fato que buscamos observar nesta pesquisa.

5 CONCLUSÃO

O rotacismo, segundo Romano e Fonseca (2015, p. 408) “revela aspectos conservadores do português brasileiro, uma vez que, diacronicamente, observa-se a presença do fenômeno já no latim vulgar e na sua passagem para as línguas românicas”. Esta presença pode ser vista por meio da evolução da palavra *Ecclesia* que deu origem a *Igreja* no PB. Sincronicamente, a troca da vibrante pela alveolar pode ser descrita não apenas como um fenômeno fonético, mas também como um distúrbio fonológico conhecido como dislalia, que leva o falante a fazer a troca de fonemas ao realizar uma palavra, algo mais recorrente na infância.

Por meio das HQs analisadas observou-se que o personagem Cebolinha na sua infância apresenta a dislalia por meio do rotacismo do /r/ em //, mas que gradativamente esta perturbação foi perdendo a força na adolescência, tendo em vista que Cebola faz a rotação apenas quando fica nervoso. Isto mostra que o distúrbio, caso haja tratamento, pode desaparecer à medida que o sujeito vai tomando conhecimento do seu aparelho articulatório, no caso do Cebolinha podemos depreender que ele tinha dificuldade na infância em fazer com que a ponta da língua tocasse nos alvéolos para produzir o som da vibrante /r/, deixando, ao invés disso, o ar escapar pelas laterais da língua produzindo o som lateral de //.

Logo, podemos inferir que o que o personagem apresentava quando criança a síndrome da dislalia e não uma falta de conhecimento da norma padrão do PB, pois na escrita, como foi mostrado na figura de número um, ele escreve corretamente as palavras, mas não às pronuncia de acordo com a gramática normativa, fazendo a troca de /r/ em //.

Conclui-se que o mundo das HQs é bastante rico no que tange à representação da variação linguística encontrada no PB. Estudos complementares podem ser realizados enfatizando os desvios fonológicos da fala de diversos outros personagens infantis, como Hortelino Troca-Letras e Gaguinho, personagens dos estudos Hanna-Barbera.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 48 e 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Luciane Trennephol da. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2001. p. 173. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CRUZ, Ana Gabriela Caldeira da, et al. A variação fonológica: metaplasmos em tiras de HQS. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS, 7 ed., 2010,

Pará. *Anais do VII Seminário de Iniciação Científica SóLetras – CLCA*, Pará: UENP, 2010, p. 671-680.

OLIVEIRA, Demerval da Hora. *Fonética e Fonologia*. Disponível em: <https://goo.gl/nf34uC>. Acesso em: 28. nov. 2016.

ROMANO, Valter Pereira; FONSECA, Cecília Godoi. Uma abordagem sociodialeológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG, *Web-revista sociodialeto*, vol. 6. nº 16. p. 395 – 401, 2015.

SEARA, Izabel Christine, et al. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel Santana. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 09-31.

SOUZA, Maurício de. *Cebolinha*. Rio de Janeiro: Panini Brasil LTDA, nº 41, maio, 2010.

_____. *Mônica jovem*. Rio de Janeiro: Panini Brasil LTDA, nº 30, jan. 2011.

SOUZA, Marina Castro de. *Dislalia na escola*. São Carlos: IFCC, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/J2RPh4>. Acesso: 28. out. 2016.

WIETHAN, Fernanda Marafiga, et al. Consoantes líquidas: ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico, *Reviata Cefac*, vol.13, nº 4, p. 607-616, 2011.

TRUMP E O DISCURSO XENÓFOBO: ANÁLISE DOS CONTEÚDOS IMPLÍCITOS EM ENUNCIADOS DO PRESIDENTE NO TWITTER

TRUMP Y EL DISCURSO XENÓFOBO: ANÁLISIS DE LOS CONTENIDOS IMPLÍCITOS EN ENUNCIADOS DEL PRESIDENTE EN TWITTER

Renatha Rebouças de Oliveira²¹

RESUMO: Os pronunciamentos de Donald Trump na mídia para tratar do assunto das relações exteriores, tem causado polêmica quanto ao conteúdo excessivamente nacionalista que carrega. Este artigo busca analisar, sob a ótica da Pragmática, os conteúdos implícitos em enunciados do presidente dos EUA com o objetivo de identificar a presença do discurso xenófobo. Para isso, utilizaremos a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e analisaremos alguns enunciados proferidos pelo presidente em seu Twitter pessoal, com vistas a observar que nem tudo que quer se dizer é dito explicitamente no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática. Implícitos. Discurso xenófobo.

ABSTRACT: Los pronunciamientos de Donald Trump en los medios de comunicación para tratar del asunto de las relaciones exteriores, han causado polémica por el contenido excesivamente nacionalista que posee. Este artículo buscar analizar, bajo la óptica de la Pragmática, los contenidos implícitos en los enunciados del presidente de EUA con el objetivo de identificar la presencia del discurso xenofóbico. Para ello, utilizaremos a Teoría de las Implicaturas de Grice (1975) y analizaremos algunos enunciados proferidos por el presidente en su Twitter, con vista a observar que en todo que se quiere decir es dicho explícitamente en el discurso.

KEYWORDS: Pragmática. Implícitos. Discurso xenófobo.

1 INTRODUÇÃO

Os significados das palavras que compõem o discurso nem sempre dão conta dos sentidos dos enunciados. Isso significa que, na comunicação, além dos

²¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: renathareboucas@hotmail.com.

fatores linguísticos, os extralinguísticos também fazem parte da produção dos sentidos. Os estudos pragmáticos da linguagem têm favorecido o entendimento da linguagem em uso, levando em consideração o locutor, interlocutor e o contexto de uso, e relacionando também elementos linguísticos e extralinguísticos dos enunciados, com vistas a entender a linguagem como interação (VIDAL, 2004).

No contexto real da comunicação, é fundamental que se tenha conhecimento da situação comunicativa ou do contexto para que os sentidos sejam compreendidos. Isso por que nem tudo que é dito está explícito no discurso. Os elementos implícitos também fazem parte e são presentes na comunicação. A pragmática, então, estuda o uso da linguagem em contextos, que, entre outras coisas, por meio da inferência possibilita o entendimento dos fenômenos comunicativos que não estão explicitados nos enunciados.

Assim como em todos os atos linguísticos, também os enunciados políticos podem ser analisados do ponto de vista comunicacional, com vistas a agir sobre os indivíduos e provocar reações. O discurso político apresenta estratégias discursivas que perpassa os limites do que é verbalizado. Isso porque esse tipo de discurso é entendido como um ato comunicativo que busca a ação, muito mais do que simplesmente repassar informação.

Então, os estudos pragmáticos da linguagem aparecem como uma forma de dar conta dos atos comunicativos no seu uso, isto é, de compreender os atos concretos de fala que podem dizer muito mais do que explicitado. Fiorin completa:

A Pragmática estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, o que fora deixado de lado pelas correntes anteriores da Linguística, que criaram outros objetos teóricos. O estudo do uso é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala. (FIORIN, 2004, p. 229)

Para compreender como as palavras não dão conta da complexidade de sentidos dos enunciados, bem como para observar como os implícitos podem trazer outros sentidos às comunicações, observamos o discurso político de Donald Trump, que, por meio de alguns enunciados excessivamente nacionalista, tem provocado questionamentos sobre o real sentido do seu discurso. Por meio de elementos extralinguísticos, os enunciados proferidos por Trump falam mais sobre a xenofobia

do que sobre o nacionalismo. Daí a necessidade de estudar pragmaticamente o seu discurso, com o objetivo de identificar outros sentidos por meio da inferência.

2 PRAGMÁTICA: UMA CIÊNCIA CENTRADA NO USO

Até a década de 70, a Linguística centrava seus estudos na língua. As teorias saussurianas da linguagem observavam a língua como um sistema de signos organizados, na qual os usuários seguiam regras estabelecidas socialmente por membros da comunidade e que não podiam ser modificadas pelo usuário individual. Para Fiorin (2004), o objeto de estudo da Linguística saussuriana era a língua, sem se preocupar com a fala, muito menos com o uso concreto da linguagem. Apesar de reconhecer a fala, Saussure dedicou seus estudos apenas a língua e deixou de lado a linguagem enquanto comunicação e interação (FIORIN, 2004).

Durante muito tempo, os estudos linguísticos deixaram de lado a linguagem em uso, nos contextos e situações comunicativas. Entretanto, observava-se que os estudos linguísticos centrados na língua não davam conta da diversidade de sentidos e funções da linguagem. Era necessário, portanto, estudar a língua em uso, voltada para o social, isto é, para/como práticas sociais. Fiorin (2004) afirma que alguns fatos linguísticos não conseguem ser explicados por meio de regras combinatórias, nem por meio das oposições semânticas. Isso significa que apenas uma ciência voltada para o uso daria conta de fenômenos linguísticos específicos. Eis, então, a que surgem os estudos pragmáticos da linguagem.

A pragmática surge da observação da linguagem humana como comunicação. Isso significa que sua função vai além da decodificação linguística. Ela é a maneira pela qual interagimos e agimos no mundo, por isso o objeto de estudo é a língua em uso, ou seja, a pragmática estuda a língua do ponto de vista dos falantes, observando as escolhas lexicais, as ocorrências comunicativas, bem como os efeitos do uso sobre os interlocutores (FIORIN, 2004).

Dentre alguns filósofos que se dedicaram aos estudos da Pragmática, Grice (1975) merece destaque quando traz como principal contribuição as teorias das implicaturas e o princípio da cooperação. Para ele, os enunciados dizem mais do que está explícito em uma enunciação. Isso significa que existem conteúdos implícitos que só se apresentam no ato comunicativo real, perpassando as

estruturas gramaticais do enunciado. Além disso, para Grice (1975), uma conversação deve ser regida pelo princípio da cooperação no qual os indivíduos envolvidos no diálogo devem agir de forma cooperativa, visando auxiliar na compreensão do diálogo e conseqüentemente facilitar a comunicação.

Para se ter a compreensão semântica do enunciado, Grice (1975) observa que é através do princípio de cooperação que se pode estabelecer as inferências. Isso significa que embora os enunciados não apresentem explicitamente o que foi dito, podem ser inferidos outros sentidos por meio dos implícitos que se dão a partir do contexto comunicativo ou de conhecimentos prévios de situações comunicativas. Fiorin (2004) afirma:

A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. Em outras palavras, a Pragmática deve mostrar como se fazem inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados (FIORIN, 2004, p. 168).

Partindo do entendimento de que os enunciados dizem mais do que foi explicitado em uma enunciação, isto é, de que a partir dos implícitos podemos realizar inferências fundamentais para a compreensão semântica de enunciados, bem como de que a Pragmática estuda a linguagem em uso enquanto ato de fala, tentaremos compreender mais adiante as contribuições de Grice (1975) para os estudos pragmáticos da linguagem através do princípio de cooperação, das máximas conversacionais e das implicaturas.

2.1 Dizer além do que é dito: as contribuições de Grice

A comunicação só é estabelecida quando os interlocutores compreendem os enunciados e se fazem compreender. Entretanto, os enunciados são carregados de sentidos que muitas vezes não são explicitados por meio das palavras, mas nas entrelinhas. Para que os indivíduos se comuniquem de maneira satisfatória, é necessário compreender o contexto comunicativo em que estão inseridos, bem como relacionar os elementos linguísticos e extralinguístico do discurso (FIORIN, 2004).

Grice (1975) publica um artigo denominado de *Logic and Conversation* no qual estuda as conversações a partir do princípio cooperativo e da teoria das implicaturas (ORDÓÑEZ, 2004). Aqui ele traz o conceito dos significados implícitos que, segundo ele, se refere aos sentidos que não estão expressos na enunciação dos falantes. Ele chama de “dito” os enunciados explícitos pelo falante, de forma literal e de “não-dito”, os sentidos que se podem inferir dessas falas. “Assim, as implicaturas griceanas são aquilo que é não-dito em um grau imediatamente abaixo do dito depreendidas pelos contextos dos diálogos” (SILVA, 2009, p.41).

Levinson (2007) afirma que, segundo Grice (1975), existem um conjunto de suposições mais amplas que orientam e conduzem as conversações que podem ser utilizados como diretrizes para o uso eficiente da língua na conversação. Por isso, ele apresenta o princípio cooperativo e os estudos dos implícitos e das implicaturas para tentar explicar como podemos dizer além do que é dito em uma enunciação. “Grice identifica como diretrizes deste tipo quatro **máximas** básicas da **conversação** ou princípios gerais subjacentes ao uso cooperativo da língua, que, juntos, expressam **um princípio cooperativo geral**”²² (LEVINSON, 2007, p. 126). Para a teoria griceana, esses princípios se expressam da seguinte forma:

O princípio cooperativo: faça sua contribuição como for exigido, na etapa na qual ela ocorre, pelo fim ou direção aceitos da troca convencional em que você está envolvido

A máxima da qualidade: tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira, especificamente:

(i) não diga o que acredita ser falso

(ii) não diga coisas para as quais você carece de evidências adequadas

A máxima de quantidade:

(i) faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto for exigido para os presentes fins do intercâmbio

(ii) não faça com que sua contribuição seja mais informativa do que é exigido

A máxima da relevância: faça com que sua contribuição seja relevante

A máxima do modo: seja perspicuo e, especificamente

(i) evite a obscuridade

(ii) evite a ambiguidade

(iii) seja breve

(iv) seja ordenado (LEVINSON, 2007, p. 126 e 127).

²² Grifos do autor.

Essas máximas são trazidas por Grice (1975) como sendo as diretrizes da conversação, para que os participantes cooperem de forma que a comunicação seja eficiente. Para isso, ele afirma que se deve falar a verdade, de forma clara, objetiva, breve e ordenada de maneira que não traga informações em excesso e que seja relevante para os participantes. Esse princípio cooperativo de Grice (1975) retrata, então, os elementos explícitos na comunicação, que devem estar presentes em todo ato conversacional. Entretanto, nem sempre esses princípios são seguidos na conversação. Isso porque os atos de fala não seguem padrões específicos. É comum que haja violações dessas máximas propostas por Grice (1975). E quando as máximas são violadas pelo emissor, é necessário que o ouvinte capture os significados implícitos no enunciado.

Quando os participantes da conversa estão dispostos a cooperarem entre si e eles fazem uso das máximas de forma que facilitem a comunicação, Grice (1975) considera que o ato foi eficiente. Entretanto, quando o dito não é o suficiente para que o sentido seja extraído, é necessário que o interlocutor faça inferências a fim de compreender o que o locutor quis dizer. As inferências que são extraídas dos enunciados são chamadas, por Grice (1975), de implicaturas. Fiorin (2004, p. 176) explica que Grice “não usa o termo implicação, porque a noção de implicatura é mais ampla do que a de implicação, já que esta só pode ser provocada por uma expressão linguística, enquanto aquela pode ser suscitada por expressões linguísticas e pelo contexto ou pelos conhecimentos prévios do falante”.

Grice (1975) divide as implicaturas em dois tipos diferentes: implicaturas convencionais e implicaturas conversacionais. Por implicaturas convencionais podemos entender como aquelas que estão presas aos sentidos convencionais das palavras, não estando presas a contextos externos, mas ao sentido literal do que é dito. Já as implicaturas conversacionais precisam de fatores extralinguísticos para fazerem sentido, isto é, necessitam que se tenha conhecimento de situações reais de uso, dos princípios comunicativos e do contexto para que se realize as inferências (FIORIN, 2004).

Para Levinson (2007, p. 121), “a noção de implicatura conversacional é uma das ideias mais importantes da pragmática”. Isso pode ser explicado por várias razões, das quais quatro delas são destacadas pelo autor:

Primeiro a implicatura coloca-se como exemplo paradigmático da natureza e da força das explicações pragmáticas dos fenômenos linguísticos (...). O conceito da implicatura parece, portanto, oferecer algumas explicações funcionais significativas dos fatos linguísticos. (...)Uma segunda contribuição importante feita pela noção de implicatura é o fato de que ela dá uma explicação até certo ponto explícita de como é possível querer dizer (num sentido geral) mais do que é efetivamente “dito” (isto é, mais do que se expressa literalmente pelo sentido convencional das expressões linguísticas enunciadas). (...)Terceiro, parece provável que a noção de implicatura traga simplificações substanciais na estrutura e no contexto das descrições semânticas. (...) Quarto, a implicatura, ou pelo menos, algum conceito intimamente relacionado, parece ser simplesmente essencial para que vários fatos básicos a respeito da língua sejam explicados adequadamente. (LEVINSON, 2007, p. 121 - 125).

Dessa forma, a afirmação de que as implicaturas conversacionais são ideias de grande importância para a pragmática é justificada pelas contribuições significativas que elas têm de explicar semanticamente uma variedade de fatos que ocorrem nas conversações, que perpassam os limites textuais escritos. Essa vastidão de interpretações de sentidos em fatos mais vastos ainda permite que, por meio das inferências, os interlocutores obtenham sentidos fora do convencional, isto é, que não estão escritos nas expressões linguísticas dos enunciados.

2.2 Os implícitos no discurso político

O entendimento de que a Pragmática estuda a linguagem em uso e que os enunciados podem dizer mais do que explicitado é o objeto de estudo desse artigo. Isso porque vai ser com base na análise dos conteúdos implícitos do discurso político que essa pesquisa irá se estruturar. Para dar continuidade a esse estudo, precisamos antes compreender o porquê de estudar os conteúdos implícitos no discurso político.

Como o discurso político é elaborado com o objetivo de persuadir os ouvintes, ele possui diversas estratégias discursivas que se estabelecem com a interpretação que os ouvintes dão aos enunciados. Alguns conteúdos considerados de senso comum são implícitos no discurso político como uma estratégia para o convencimento dos ouvintes. O discurso político pode ser entendido, portanto, como um texto argumentativo que, apesar de possuir um objeto definido, possui valores

coletivos (CRUZ, 2009). Isso significa que os implícitos no discurso político são estratégias que permitem que os ouvintes façam pressuposições de conteúdos que se apresentam nas entrelinhas do discurso. Campos (2008, p.1), conforme citado por Cruz (2009, p.109), diz que o discurso político é o “que mais explora o processo de significação complexa em que o dito semântico se enriquece com os implícitos pragmáticos”. Podemos, portanto, entender que os implícitos do discurso servem como a base do discurso político quando o não-dito dá sustentação ao que é explicitado.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO CORPUS

3.1 Caracterização da pesquisa

Esse estudo se realiza em duas etapas: a primeira é baseada na construção de um corpus discursivo acerca da Pragmática Linguística, com foco maior nas implicaturas de Grice (1975), compreendendo como os enunciados podem dizer muito mais do que é explicitado em uma oração, e no segundo momento realizamos uma análise teórico-metodológica de enunciados proferidos por Trump em seu TWITTER, mapeando a conexão entre o que foi explicitado em seus enunciados e o que ficou implícito nessas orações. Baseado na Pragmática Linguística, que estuda a linguagem em uso, esta pesquisa é de natureza qualitativa/interpretativista. Nessa perspectiva, essa investigação procura compreender e interpretar os fenômenos e acontecimentos que se apresentaram no caso em questão, buscando identificar os elementos que caracterizam que os “não ditos” demonstram a presença de implícitos xenófobos nos enunciados de Trump.

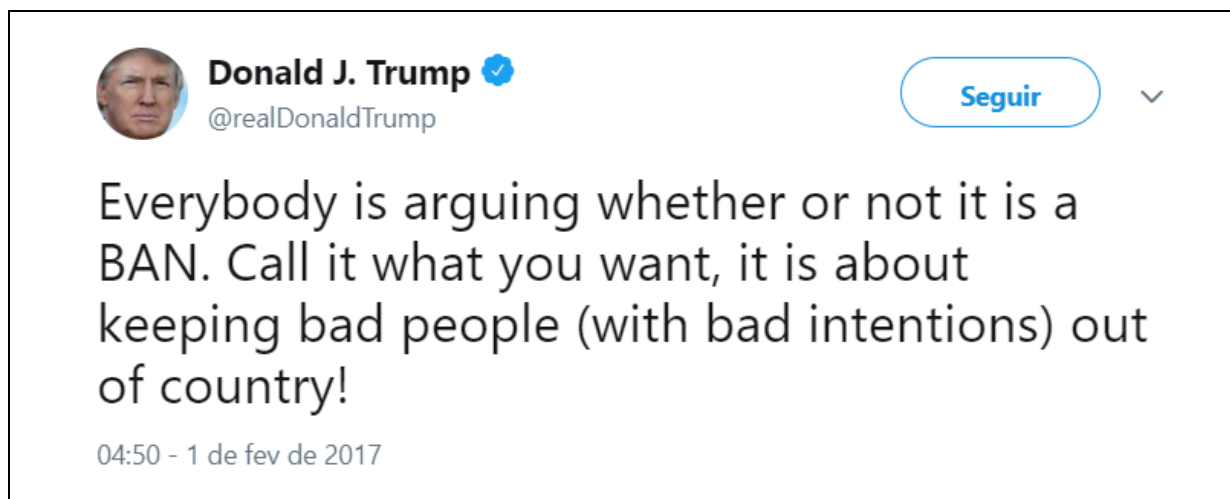
3.2 Análise dos dados

O corpus deste artigo se estrutura na perspectiva da Pragmática Linguística. Alguns enunciados proferidos pelo presidente dos EUA em seu Twitter pessoal serão submetidos à análise dos conteúdos implícitos, com vistas a identificar a presença de conteúdos xenófobos.

Alguns enunciados, proferidos por Donald Trump, em seu Twitter pessoal, têm provocado polêmica na imprensa e em diversos segmentos da comunicação.

Com enunciados de exaltação aos EUA, Trump em diversos tweets demonstrou agressividade quando se tratou de outras nações. Dentre alguns tweets, um que ganhou destaque foi a proposta de construir um muro separando os EUA do México, que é repetidamente trazida por Trump com a justificativa de defender o país dos imigrantes. No início do ano de 2017, o presidente americano enuncia no Twitter:

Imagem 1: 1º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/826774668245946368>

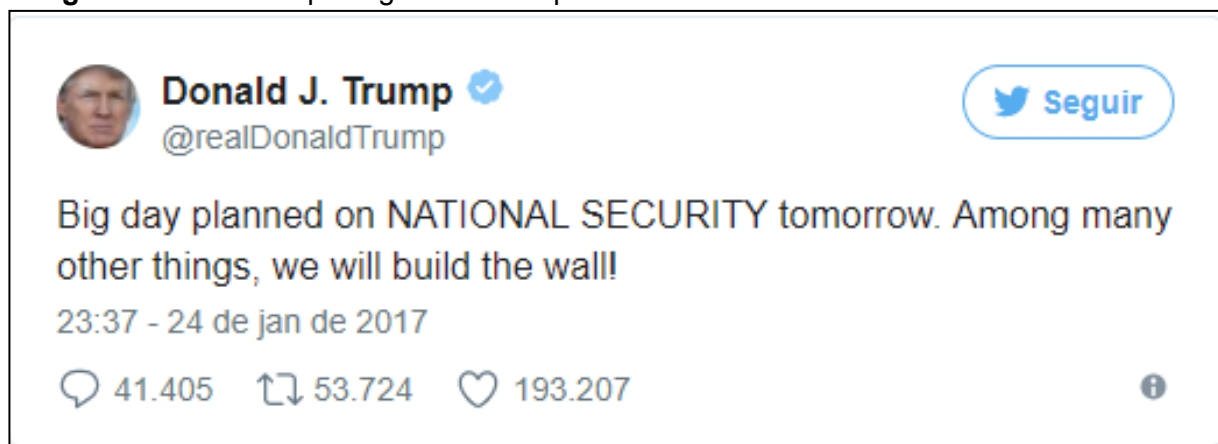
Traduzindo a frase, temos a seguinte sentença “*Toda a gente está a discutir se é ou não uma PROIBIÇÃO. Chamem o que quiserem, mas é uma tentativa de manter as pessoas más fora do país*”. O uso da expressão “manter as pessoas más fora do país” cria o pressuposto de que todos os Mexicanos são maus. Sendo assim, devem manter distância dos Americanos, que por sua vez são bons. Nota-se que o presidente deixa subentendido também que esse assunto tem causado muita polêmica, quando diz que “toda a gente está a discutir”. Nessa expressão, fica implícito que a construção do muro separando os EUA e o México está provocando discussão e polêmica.

Podemos perceber que há a presença de implicaturas convencionais quando ele liga as orações por meio da conjunção “mas”, que deixa implícito que ele concorda que se trata de uma proibição, mas que tem ressalvas ao termo. Percebe-se também o uso das implicaturas conversacionais quando, para compreender o porquê do uso do termo “proibição”, precisamos entender o contexto em que os

EUA estão inseridos, bem como as situações comunicativas em que Trump tem se estabelecido.

Outro tweet do presidente que fala da construção desse muro foi enunciado assim:

Imagem 2: 2º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/824083821889015809>

A publicação pode ser traduzida por “*Amanhã está sendo planejado um grande dia para a segurança nacional. Entre muitas outras coisas, vamos construir o muro!*”. A partir dela, destacamos que fica subentendido que, para o presidente, a construção do muro é uma medida de segurança nacional de importância porque os mexicanos são ameaça para o país. Fica pressuposto, então, que o presidente Trump é contra os imigrantes nos EUA e que ele atribui à imigração os problemas de violência no país. Fica implícito também, com isso, a presença de elementos que demonstram o posicionamento xenófobo do presidente.

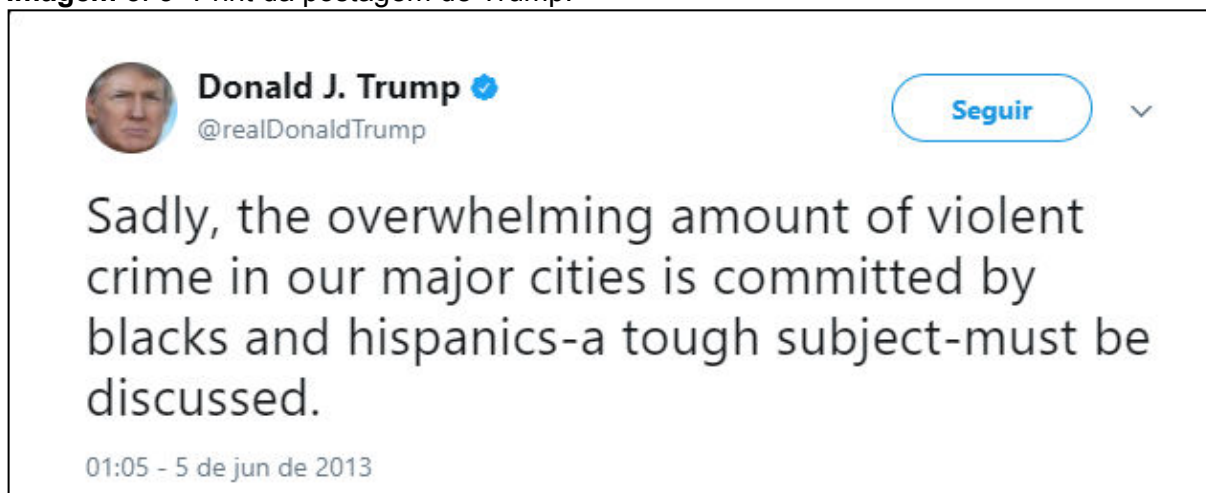
É evidente, mais uma vez, a presença da implicatura conversacional no tweet supracitado. Nela, precisamos ter conhecimento dos problemas de segurança que afeta o país, bem como conhecer os contextos comunicativos em que Trump tem se inserido desde o início da campanha eleitoral, para compreender os motivos que o levam a responsabilizar e rejeitar a presença dos imigrantes mexicanos no país.

Também podemos identificar a presença da implicatura convencional quando ele expressa “amanhã está sendo planejado”, deixando entender que esse planejamento não foi realizado outrora, ou até que esse “amanhã” já vem sendo planejado a tempos. Na expressão “entre muitas outras coisas” deixa implícito que

não é apenas o muro que garantirá a segurança da nação, mas que outras providências estão sendo tomadas como medida de segurança.

Em mais uma postagem, Trump expõe sua posição xenófoba com relação ao México. Outra vez, ele responsabiliza os mexicanos pelos crimes no país quando escreve:

Imagem 3: 3º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/342190428675796992>

Na publicação, ele afirma “*Infelizmente, a esmagadora quantidade de crimes violentos nas nossas grandes cidades é cometida pelos negros e pelos hispânicos. Um assunto que precisa ser discutido*”. Podemos perceber a presença das implicaturas conversacionais no momento em que ele faz referência a fontes externas para afirmar que a maioria dos crimes são cometidos pelo povo hispânico e pelos negros. Estamos diante de mais um caso em que o enunciado diz mais do que o que está exposto. Aqui, percebemos que ele deixa subentendido que a presença dos mexicanos e dos negros não é bem-vinda nos EUA.

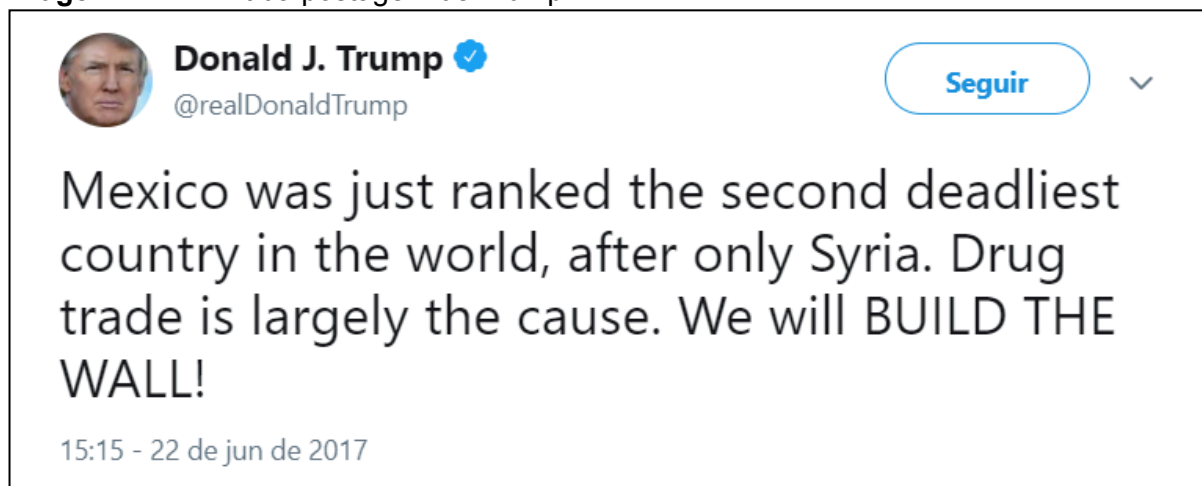
Quando afirma que a maioria dos crimes de violência são cometidos pelos negros e hispânicos, Trump diz, nas entrelinhas, que a culpa da violência na América do Norte é dos imigrantes, deixando evidente seu posicionamento xenofóbico. Ele deixa implícito também que os americanos brancos não são violentos, demonstrando discriminação racial.

Percebe-se aqui também a presença da implicatura convencional, quando, na expressão “precisa ser discutido” ele deixa subentendido que esse assunto não foi

tratado anteriormente, e que se deve discutir a restrição de acesso desse povo (negros e hispânicos) aos EUA.

Em outra postagem, Trump enuncia

Imagem 4: 4º Print da postagem de Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/878013639613186049>

Nossa tradução para este tweet: “*O México acabou de ser eleito o segundo país mais mortal do mundo, depois da Síria. O comércio de drogas é em grande parte a causa. Nós construiremos o muro!*”. Por meio das implicaturas conversacionais, é possível identificar que Trump atribui a segurança dos EUA à construção do muro. Quando ele expressa “nós construiremos o muro”, deixa subentendido que o isolamento das fronteiras dos EUA e do México trará segurança ao país, pois para ele os mexicanos são violentos e mortais. Estamos mais uma vez diante de enunciados xenófobos e discriminatórios.

Por meio das implicaturas convencionais também podemos analisar que a expressão “acabou de ser eleito” evidencia que se trata de uma pesquisa recente e que se trata de um fato novo.

Ao afirmar que “*O México acabou de ser eleito o segundo país mais mortal do mundo*”, ele tenta mostrar que o México, por ser um dos países mais mortais (perigosos) do mundo e por fazer fronteira com os EUA, torna-se uma ameaça para os Estados Unidos.

Outra evidência desse tipo de implicatura é quando ele exprime que a causa da violência é o comércio de drogas, deixando implícito que o tráfico é forte nessa região e que por isso há uma necessidade de isolar os EUA daquele país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentado na Pragmática, os tweets acima foram submetidos à análise dos conteúdos implícitos, com o objetivo de compreender o que foi dito e o que foi “não-dito” nas enunciações. Dessa forma, pudemos identificar que os implícitos fazem parte do discurso de maneira bastante efetiva. Isto é, as análises acima confirmam as ideias propostas por Grice (1975) de que nem tudo que é dito está explícito em um enunciado. Notou-se também que Trump utiliza esses implícitos como estratégia política, fazendo com que os ouvintes façam pressuposições dos conteúdos, sem que ele se comprometa em dizer explicitamente suas posições e opiniões.

Pode-se perceber que o discurso de Trump é bastante xenófobo. Entretanto, pode ser interpretado como um discurso nacionalista, isso porque a xenofobia se apresenta nas entrelinhas, e não de forma explícita. Essa estratégia utilizada pelo presidente tem por objetivo causar polêmica e chamar a atenção da imprensa e de agradar os eleitores que compactuam com suas ideias. Trump ofende os mexicanos e atribui a eles a culpa pelos problemas dos EUA. Ele isenta também os norte-americanos de qualquer responsabilidade sob a violência. Esse discurso xenófobo é, portanto, construído por meio dos ditos e dos não-ditos.

Diante do exposto, pode-se afirmar que os implícitos são tão importantes na comunicação quanto os explícitos. Observa-se, portanto, que são as compreensões de mundo que vão possibilitar que os ouvintes compreendam além do que está dito. O contexto em que o enunciado está inscrito é vital para que a comunicação se efetive. Essa é, por fim, uma das grandes contribuições da Pragmática, que estuda a linguagem no seu uso.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Marion Costa. Daisyspot: a inferência na interface imagem e linguagem. In: *Inferências linguísticas nas interfaces [recurso eletrônico]* / Jorge Campos (Org.). - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

DONALD, John Trump. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump>. Acesso em: 18 novembro de 2017

FIORIN, José Luís. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luís (Org.). *Introdução à Linguística I: Objetos teóricos*, São Paulo: Contexto, 2004.

GRICE, Paul. Logic and Conversation. In: Peter Cole and Jerry Morgan (ed.), *Pragmatics (Syntax and Semantics)*, vol. 9, Nova York: Academic Press, 1975.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Adriana Quinelo da. Como funciona a inferência morfossemântica? In: *Inferências linguísticas nas interfaces [recurso eletrônico]* / Jorge Campos (Org.). - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ORDÓÑEZ, Salvador Gutiérrez. La subcompetencia pragmática. In: J. Lobato e I. Gargallo, (dirs.), *VADEMÉCUM para la formación de profesores, ENSEÑAR ESPAÑOL como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, pp. 533-549. 2004.

VIDAL, Maria Victoria Escandell. Aportaciones de la Pragmática. In: J. Lobato e I. Gargallo, (dirs.), *VADEMÉCUM para la formación de profesores, ENSEÑAR ESPAÑOL como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, pp. 179-194. 2004.

REDES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO POLÍTICO SOBRE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

SOCIAL NETWORKS AND THE PRODUCTION OF EFFECTS OF MEANING BY THE POLITICAL DISCOURSE ON THE SOCIAL SECURITY REFORM

Iza Maria Pereira²³

Jonas Yuri Carlos da Costa²⁴

Sancha Wallessa da Silva César²⁵

RESUMO: As tecnologias de informação democratizaram a internet e alteraram as dinâmicas sociocomunicativas das sociedades que sofreram essa interferência/impacto. Apresentou ao indivíduo um ciberespaço ou sociedade em rede onde as pessoas se expressam e se relacionam, produzem e compartilham conteúdos, saberes, sentidos, formas de pensar e ver. Considerando esse contexto, o objetivo desse trabalho é analisar o processo de produção de sentidos pelo discurso político sobre a Reforma da Previdência através da propaganda institucional. Para tanto, usamos como referencial teórico a Análise do Discurso de orientação francesa, mobilizando conceitos como discurso, poder e posição-sujeito a partir dos postulados de Michel Foucault e com contribuições de outros estudiosos da área. Abordamos, também, aspectos da Semiologia História postulada por Courtine para o interior da Análise do Discurso, no trabalho conjunto do verbal (linguístico) e o visual (semiológico) de interpretação das estratégias discursivas e a produção dos efeitos de sentido. Para fins de constituição do objeto de análise desse trabalho foi escolhido o gênero propaganda. Assim, analisamos duas postagens produzidas pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e veiculados na página oficial do partido no *facebook*, nos dias 02 e 04 de março de 2017. A partir da análise do *corpus* foi possível mapear os ditos (e os não ditos) sobre a reforma da previdência, identificando as estratégias discursivas na produção de efeitos de sentido operado pela propaganda oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais. Reforma da Previdência. Discurso político. Poder. Efeitos de sentido.

²³ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: iza.pereira@ufersa.edu.br

²⁴ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: yuucosta@hotmail.com

²⁵ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: wallessacbn@gmail.com

ABSTRACT: Information technologies have democratized the Internet and altered the sociocommunication dynamics of societies that have suffered this interference/impact. They presented to individuals a cyberspace or network society where people express and relate to each other, produce and share contents, knowledge, meanings, ways of thinking and seeing. Considering this context, the objective of this paper is to analyze the process of production of meanings by the political discourse on the Reform of Social Security through institutional propaganda. For this, we use the French-oriented Discourse Analysis as a theoretical reference, mobilizing concepts such as discourse, power and position-subject from the postulates of Michel Foucault and with contributions from other scholars in the area. We also approach aspects of Semiology History postulated by Courtine for the interior of Discourse Analysis, in the joint work of verbal (linguistic) and visual (semiological) interpretation of discursive strategies and the production of the effects of meaning. In order to develop the object of analysis of this paper, the propaganda genre was chosen. Thus, we analyzed two posts on a social media produced by the *Partido do Movimento Democrático Brasileiro* - Party of the Brazilian Democratic Movement (PMDB), posted on the party's official page on Facebook, on March 2nd and 4th, 2017. From the analysis of the corpus, it was possible to map the sayings (and the ones not said) about the social security reform, identifying the discursive strategies in the production of meaning effects operated by the official propaganda.

KEYWORDS: Social networks. Social Security Reform. Political discourse. Power. Effects of meaning.

1 INTRODUÇÃO

Os pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa explicam que não há língua sem discurso, nem discurso sem língua. E ainda, não há acontecimentos sem atos de sujeitos e nem atos de sujeitos fora dos acontecimentos. Ou seja, quando se fala em discurso, pensa-se nos enunciados que os indivíduos produzem em determinadas situações, onde assumem posições de sujeito. E quando se fala de sujeitos, atenta-se também às condições de produção e aos dispositivos comunicacionais referentes a esses enunciados.

Dessa forma, como o indivíduo se faz sujeito a partir do lugar social que ocupa e posições que assume na prática discursiva, esse artigo visa refletir acerca dos efeitos de sentido do discurso político no espaço digital, de maneira especial nas redes sociais, a partir do levantamento de alguns questionamentos: Que sujeito é esse que fala? Para quem ele fala? Por que a escolha de discurso e não outro? Quais os efeitos de sentido produzidos por esse discurso?

Certos que o mundo digital proporciona novas formas de relacionamento, com novas condições de produção, que dão origem a novas linguagens e discursos diferenciados, serão analisados o sujeito enquanto enunciador, sua função no ato da enunciação e as condições de produção desse discurso, sua heterogeneidade, interdiscurso e memória discursiva. Serão abordados também conceitos de espaço digital, esfera pública, semiologia histórica e discurso político a fim de compreender melhor a pluralidade de linguagens textuais, visuais e extralinguísticas.

Como objeto de análise desse trabalho, selecionamos duas postagens produzidas pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e veiculados na página oficial do partido no *facebook*, nos dias 02 e 04 de março de 2017.

2 DISCURSO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS: NOVAS FRONTEIRAS PÚBLICAS

A chegada do mundo digital promoveu transformações essenciais nas relações sociais, propiciando novas formas de ver o mundo e fundindo uma nova fronteira de confrontação política que atua ampliando informações, abrindo espaço para novas vozes, reinterpretando outros sujeitos e viabilizando um sistema democrático muito mais participativo, real e interacional como jamais experimentado em tempos passados. Para Raquel Recuero (2009, p.24), é importante analisar nesse contexto interacional “o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada por computador e como essas interações são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas”. Ou seja, as redes sociais na internet não são apenas um “conceito”, mas um operador de ações que contém um espaço de deliberação pública.

De acordo com Gomes (2005), a internet permite aos cidadãos alcançar outros cidadãos, possibilitando a quem interessar participar do jogo democrático através de informação política que compreende também uma terceira via entre a democracia representativa e a democracia direta, num espectro de esperança que possibilita espaços discursivos digitais que fomentam a participação concreta dos cidadãos. Assim sendo, conectados em rede, os participantes possuem uma oportunidade de interação representacional e amplo intercâmbio de informações

entre eles, resumindo algumas vantagens democráticas promovidas pelas redes sociais, como: a superação dos limites de tempo e espaço para participação política; conforto, custo e conveniência; facilidade de acesso, qualidade do estoque de informações; ausência de filtros; interatividade e abertura para as vozes excluídas e minoritárias.

Levy (2010, p. 14) corrobora que esse quadro afeta domínios essenciais do cidadão e aumenta a possibilidade de poder do povo que adquire capacidade para pressionar governos por “transparência, abertura e diálogo” em um cenário que expõe lutas e reivindicações dos atores engajados politicamente, que atua em contrapartida à ideia de que “a democracia tem sido sequestrada por profissionais da política que, em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa de políticos, não dos cidadãos” (CASTELLS, 2003, p.179). Castells destaca ainda o surgimento de um espaço híbrido, um espaço em rede entre o ciberespaço e o espaço urbano, onde ambos se conectam numa interação implacável de comunicação autônoma, propiciando às pessoas que nunca se movimentaram nesse sentido a oportunidade de participarem do processo. “O ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p114).

Tanto o hibridismo entre o espaço geográfico e digital, defendido por Castells, quanto o hibridismo sígnico e midiático da linguagem que expande as formas comunicativas e se ajusta aos limites e possibilidades de expressão do novo meio (SANTAELLA, 2003, p.114), que é próprio do ciberespaço, afeta diretamente os conceitos de espaço público e esfera públicas propostos por Habermas (2003). Primeiramente, entende-se por público todos os eventos que contrapõem as sociedades fechadas e que são acessíveis a qualquer indivíduo. Logo, as redes sociais na internet são consideradas como um espaço público, isenta de intermediários os reguladores, que possibilita novas maneiras dos sujeitos se posicionarem. “O sujeito dessa esfera pública é o público enquanto portador da opinião pública” (HABERMAS, 2003, p. 14). Assim, a noção de espaço público nas redes sociais permite pensar a democracia como uma proposta política de visão crítica aberta a todas as classes, proporcionando um tipo de prática em que a arena e o palanque evidenciam os antagonismos e se abre para a disputa de projetos

políticos, transformando um espaço restrito à classe dominante ao seu sentido participativo que exige a participação dos sujeitos.

Em suma, Telles (2011) afirma que a noção de espaço público redefine a compreensão de sociedade civil, que não mais se estrutura de acordo com as regras que organizam os interesses privados, mas em relações sociais mediadas pelo reconhecimento dos direitos e representações de interesses que conferem legitimidade a conflitos nos quais medidas de igualdade e justiça transformam-se em objetos de debates sempre abertos a negociações.

Qualquer encontro que não se limita a contatos de observação mútua, mas que se alimenta da liberdade comunicativa que uns concedem aos outros, movimenta-se num espaço público, constituído através da linguagem. Em princípio, ele está aberto para parceiros potenciais do diálogo, que se encontram presentes ou que poderiam vir a se juntar (HABERMAS, 2011, p. 93).

A partir de desse espaço entende-se esfera pública, de acordo com Jürgen Habermas, como uma teoria democrática, uma esfera na qual atores sociais se organizam e se mobilizam em torno de problemas que atingem uma comunidade virtual em comum, e por meio da ação política os trazem à tona, tematizando-os, problematizando-os e dramatizando-os de modo convincente a ponto de sensibilizar o complexo social e parlamentar. Nessa teia comunicativa, a esfera pública agrega diversos tipos de entidades que atuam em um jogo de forças para estabelecimento de relações de poder. “Implicando apenas o domínio de uma linguagem natural, ela está em sintonia com a compreensibilidade geral da prática comunicativa cotidiana” (HABERMAS, 2011, p. 93).

Mesmo que ainda existam obstáculos de comunicação e conectividade - uns internautas mais favorecidos que outros - e de credibilidade, - a velocidade e o excesso de informação deixam o indivíduo desconfiado e menos capaz de efetuar julgamentos de valor adequados -, é inegável que a chegada da internet e a criação das redes sociais proporcionaram condições necessárias de interação e formação de opinião pública mais democrática, potencializando a construção das esferas públicas, alterando as relações de poder e fortalecendo o posicionamento crítico dos sujeitos.

3 A ANÁLISE DO DISCURSO: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Análise do Discurso (AD) oferece um aparato teórico que contribui de forma relevante para os estudos e compreensão dos acontecimentos sociais interpelados ou propagados nas e pelas práticas discursivas a partir de sujeitos que produzem, que mobilizam sentidos sobre elas a partir de suas categorias de análise que levam em consideração o discurso como social e histórico, oferecendo-nos possibilidades de pensarmos esse sujeito e essas práticas discursivas.

Iniciamos essa discussão partindo da noção de discurso. Discurso é aquilo que foi efetivamente produzido em um dado momento. Fernandes (2012, p. 16) explica que “a noção de discurso implica considerar as condições histórico-sociais de produção que o envolvem e determinam-no”. Nesse sentido, discurso é uma prática social, historicamente determinada.

Ao analisar os discursos em sua inscrição histórica, como acontecimentos, Foucault (2009) busca estabelecer regularidades que permitam investigar como se formam ou ocorrem as relações de saber/poder e como elas se relacionam e engendram os acontecimentos históricos e sociais.

Nesse contexto, é preciso compreender o conceito de enunciado que constitui a unidade do discurso. Para Foucault (2009, p. 31),

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Nesse sentido, o enunciado é um acontecimento discursivo. É uma construção que surge em determinados contextos sociais, históricos, institucionais. Portanto, estudar o enunciado é buscar compreender as condições ou motivos que possibilitaram o seu surgimento nesses contextos. Essa é uma das formas de se percorrer a compreensão da constituição dos sentidos, pois ele se dá no jogo de relações que o constituem.

Se constituindo nessa relação com a história, o discurso é marcado pela heterogeneidade, ou seja, a presença de outros discursos (interdiscurso), um já-dito que circula na memória social e que adquire (re)significação quando utilizado

nessas novas práticas discursivas. Portanto, o discurso é marcado por enunciados que já circulam socialmente e que mantêm com outros discursos uma relação dialógica que constitui a interdiscursividade.

A memória discursiva regula, controla o que em uma determinada prática discursiva vai reaparecer ou o que vai ser rejeitado. É a memória, portanto, que vai recuperar ou eliminar o passado, ressignificar os discursos e produzir determinados efeitos de sentido de acordo com o contexto histórico e social.

O discurso, enquanto prática discursiva, está inserido num jogo de relações de poder, regulado e modificado por leis, conforme afirma Foucault (2014, p. 8)

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Nesse sentido, o discurso está sujeito a mudanças e (re)significações, pois sua produção é controlada e organizada por procedimentos, técnicas que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico. Isso explica o aparecimento de determinados discursos e o apagamento de outros. Segundo Gregolin (2007), essas duas formas, o silenciamento e a exposição, são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades.

Alguns desses acontecimentos retornam com mais frequência, pois tem mais força na memória discursiva. Ao se inscrever na história, esse acontecimento adquire uma forma, uma materialidade que estará disponível para aparecimentos futuros. Assim, o acontecimento discursivo entra para a história e para a memória.

Essa ordem, esse controle do que pode ou não ser dito pelos sujeitos dentro de uma prática discursiva é determinado pela formação discursiva. É a partir dela que se busca compreender o processo de produção de sentidos em uma prática discursiva. Assim, os dizeres seguem normas de regulação que são orientadas no domínio da formação discursiva que o sujeito foi ou está inserido.

O sujeito, então, é reconhecido como tal pelas diferentes posições que ocupa nas relações sociais que participa. Ele inscreve seu discurso de um determinado lugar, tempo e é representação desse espaço social. Portanto, o sujeito é social e determinado pela formação discursiva assim como seus dizeres. É neste sentido

que para Pêcheux (2002) os sentidos não existem por si só, mas são determinados pelas posições postas em jogo no processo sócio-histórico de sua produção. Pensar os sentidos como históricos é considerar que eles se estruturam e se articulam na história, ou seja, no e pelo contexto sócio-histórico, sendo fixados, recuperados e reformulados através da memória.

Os efeitos de sentido não se estruturam e se articulam somente pela materialidade textual (verbal), mas, também, pela materialidade não verbal (semiótica), como veremos a seguir.

4 SEMIOLOGIA: SINCRETISMO DOS ENUNCIADOS

Trazer a Semiologia nesse trabalho representa uma forma de expandir os espaços de interpretação e leitura do nosso *corpus*. Assim, analisaremos os enunciados selecionados para além da materialidade linguística, a fim de dar conta das especificidades da linguagem não verbal e que influenciam conjuntamente na produção de sentidos pelo sujeito.

Portanto, a Semiologia se apresenta como uma possibilidade de diálogo com a Análise do Discurso na interpretação dos sentidos cuja materialidade não é exclusivamente linguística, verbal. Portanto, não se tratar de uma análise em separado, mas trazendo as possíveis contribuições da Semiologia História para o interior da Análise do Discurso, no trabalho conjunto do verbal e o visual na produção dos sentidos.

A existência e a abordagem de categorias analíticas que permitem a descrição e interpretação das materialidades não verbais se intensificam devido ao papel desempenhado pela mídia na veiculação dos discursos. Um exemplo disso é o discurso político que ganhou uma amplitude nas formas de circulação, divulgação e abrangência devido à popularização dos meios de comunicação, especialmente a internet, e incorporou os mais diversificados modos de materialização tanto verbal como não verbal. Ademais, as imagens exercem atualmente um papel fundamental, elas são operadoras de simbolização (GREGOLIN, 2011).

Segundo Sargentini (2011, p. 1690), “o discurso político respondendo a uma mudança acentuada em seu regime de discursividade, devido às mídias e suas novas tecnologias, já não estaria mais circunscrito ao enunciado linguístico, mas em

outro lugar. Esse outro lugar se refere às outras materialidades do discurso, quais sejam: gestuais, imagéticas (tons, cores, formas etc), sonoras. O enunciado, portanto, não se reduz ao aspecto linguístico. Dessa forma, o enunciado deverá ser analisado, também, por esses aspectos, contemplando as imagens, os gestos, as falas e até a expressão sonora.

Nesse sentido, recorreremos aos postulados de Jean-Jacques Courtine cujo trabalho esboça métodos de análise semiológica voltado, especificamente, para o discurso político, o que favoreceu o surgimento da Semiologia Histórica, podendo nortear esse trabalho de análise discursiva de enunciados materializados na forma não verbal.

A Semiologia abre a possibilidade de leitura da intencionalidade do sujeito a partir da análise de aspectos manipulados como “cores, texturas, luz, sombreamento, preto-e-branco, envelhecimento, no fundo do texto ou da imagem, dentro das fontes dos títulos e subtítulos” (MARQUES, 2012, p.10) em determinados enunciados.

Marques (2012) faz mais observações sobre outros aspectos que podem ser manipulados nos enunciados pelos sujeitos para produção de sentidos específicos. Vejamos:

O leiaute, por sua vez, envolve a distribuição espacial dos objetos que compõem a matéria, incluindo, também, as medidas e disposição desses elementos, estejam eles na página ou em qualquer outra superfície que os recebe. Além disso, envolve o planejamento tipográfico e sua organização: o uso de fontes, fotografias, imagens e outras minúcias que o integram (MARQUES, 2012, p.10).

Nesse trabalho de composição das imagens, estas também obedecem a uma *ordem do discurso*, a uma *ordem do olhar*, conforme Gregolin (2011, p. 91). Elas não aparecem de todo jeito e em todo lugar. É determinado o que deve ou não ser mostrado, enfatizado. Há escolha de determinada imagem e não de outra. Essa determinação corrobora para os efeitos de sentidos, muitas vezes diversificados, e fortalecem os efeitos de verdade no interior desses discursos.

Dessa forma, há também o agenciamento da materialidade discursiva não verbal, podendo, a qualquer momento, ser retomado, transformado, ressignificado através da memória.

Essas escolhas são reguladas pelas relações de poder que são imanentes às práticas discursivas. É através dos discursos que os sujeitos se utilizam de determinadas técnicas para se beneficiarem e alcançarem o poder. Essas técnicas são percebidas muitas vezes de forma sutil, através de detalhes, indícios, nos discursos. De forma correlata, podemos associar que o uso de determinada cor, o enfoque a alguma imagem ou o tamanho e a cor de uma fonte se dão de forma intencional, planejada com o intuito de alcançar objetivos específicos, como técnicas utilizadas pelos sujeitos para demarcação das relações de poder.

A articulação entre o linguístico (verbal) e semiológico (imagens) é a proposta analítica desse trabalho.

5 ANÁLISE DO CORPUS

O presente estudo objetiva refletir acerca dos efeitos de sentido do discurso político no espaço digital, de maneira especial nas redes sociais, a partir de duas postagens produzidas pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e veiculados na página oficial do partido no *facebook*, nos dias 02 e 04 de março de 2017.

A opção pelo espaço digital, na definição do *corpus*, observou as vantagens promovidas pela democratização das redes sociais, garantindo uma participação política para além dos limites de tempo e espaço, com menor custo e maior facilidade, sem filtros para as vozes excluídas e minoritárias.

A fim de viabilizar o desenvolvimento da pesquisa, optamos por utilizar o acervo teórico e metodológico da Análise do Discurso de tradição francesa, em especial o método arqueológico. Segundo Santos (2010), a perspectiva arqueológica trabalha o método de pesquisa a partir da noção de *trajeto temático*. Nesse sentido, Assis (2014) afirma que o raciocínio arqueológico é fundado na possibilidade de descrever as regularidades nas dispersões.

Nesta perspectiva teórica e metodológica, pretende-se observar as regularidades no trajeto temático acerca da Reforma da Previdência Social, que

foram veiculadas por meio da página de *facebook* do PMDB, a fim de detectar regularidade de objetos, conceitos, estratégias e séries enunciativas (ASSIS, 2014).

Como forma de instrumentalizar tal pretensão, buscamos fundamento teórico nas categorias de análise da AD, em especial a noção de enunciado, formação discursiva, memória e interdiscurso, que serão fundamentais ao desenvolvimento desta análise. Além disso, também utilizamos aspectos teórico-metodológicos da Semiologia Histórica de Courtine, como forma de ampliar a leitura e interpretação do corpus em seus aspectos não verbais.

Interpretar e descrever e os efeitos de sentidos produzidos pelo trabalho discursivo a ser analisado exige que situemos os elementos que nele são agenciados, principalmente a posição-sujeito que o enunciador ocupa no momento histórico da produção do enunciado, que vai determinar e regular as relações de poder estabelecidas.

O contexto de produção das postagens analisadas se deu no período de formulação da proposta da Reforma da Previdência. O governo atual, como propulsor da referida reforma, liderado por um peemedebista, e sua base aliada trabalhavam arduamente para promoção da adesão pública.

Figura 1: Se a reforma da Previdência não sair...



Fonte: Facebook do PMDB Nacional.

Disponível em <<https://www.facebook.com/MDBNacional15/>>.

No plano da materialidade, a **Figura 1**, publicada no dia 02 de março de 2017, optou pelo uso de tons sombrios para caracterizar uma cidade em trevas. Nela não há carros ou pessoas transitando pelas ruas. É possível verificar que os prédios estão encobertos com uma névoa escura, não havendo nenhuma espécie de iluminação (natural ou artificial) seja no céu ou nas ruas. O cenário apresentado é de caos, abandono e negatividade.

Tomando como base essa cidade escura e abandonada, observemos, no enunciado verbal, o uso da fonte em caixa alta e do tamanho diferenciado, como forma de chamar ou atrair a atenção do interlocutor. Além disso, o rol e a ordem de apresentação dos programas sociais denotam o grau de sua importância e abrangência para o público alvo beneficiado.

A ênfase dada, na ordem e na fonte, ao FIES na sequência dos programas apresentados no *post*, justifica-se pelo público a ser atingido, em sua grande parte jovem, e que têm mais acesso e capacidade de mobilizar e propagar informações, bem como por terem perfil de formadores de opiniões nas suas redes de sociabilidade cotidianas, essa verdade demonstrada por esse sujeito que ocupa uma posição de poder privilegiada. É esse lugar social de quem fala que demarca a formação discursiva do sujeito.

Portanto, foi esse lugar que determinou o conteúdo e a composição desse discurso nessa prática discursiva.

Nesse contexto, a reforma da previdência foi tratada como única saída possível para o fim da crise política, econômica e financeira que atravessa o país. O uso da condicional “Se” comprova essa afirmação, pois o enunciador condiciona a manutenção de vários programas sociais à aprovação do projeto de reforma da previdência social.

O uso do “se” também denota chantagem, buscando atingir um público específico, representado pelas camadas mais desfavorecidas da sociedade, que são atendidos pelos programas sociais listados no anúncio. Inclusive, esse público compõe parcela significativa do capital eleitoral do Partido dos Trabalhadores (PT), que é contrário à aprovação da reforma da previdência.

Outro ponto interessante, é que o interlocutor, em tom de deboche, faz uso da memória e do interdiscurso ao resgatar o termo “Tchau, querida”, rememorando

uma expressão que foi amplamente veiculado pela imprensa e pelos parlamentares na votação do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016.

Nesse contexto, durante o processo de *impeachment*, o “Tchau, querida” representou o afastamento de uma presidente da república eleita, sem a comprovação de ocorrência de crime de responsabilidade, para atender aos anseios da classe política e empresarial. Ao passo que, no anúncio, o “Tchau, Bolsa Família” representa o ataque a um dos programas sociais que mais colaborou com o fim da miséria extrema no país.

Outro ponto que merece ressalva é que o condicionamento da manutenção dos programas do Governo Federal à aprovação da reforma da previdência induz o receptor acreditar que tais fontes de despesa estão alojadas em um mesmo orçamento.

No entanto, a ideia sugerida pelo enunciado é controversa. Afinal, de acordo com o art. 165, 5º, incisos I, II e III, da CF/1988, o Orçamento Geral da União é instituído de forma anual, por meio da Lei Orçamentária Anual (LOA), que é constituída por três peças: o Orçamento Fiscal, o Orçamento da Seguridade Social e o Orçamento de Investimento das Empresas Estatais e Federais.

Assim, as despesas com a previdência social não estão sequer no mesmo orçamento que os investimentos em estradas e rodovias. Ou seja, a manutenção das regras previdenciárias não influencia na execução do orçamento destinado ao investimento em estradas.

Ademais, a partir de dados da Auditoria Cidadã da Dívida²⁶ e no estudo de Gentil (2006)²⁷, o suposto rombo na previdência social desconsidera a arrecadação global da seguridade social (vide art. 195 da CF/1988), levando em consideração somente as receitas advindas da contribuição previdenciária do trabalhador, gerando o mito do *déficit* para pressionar uma alteração constitucional.

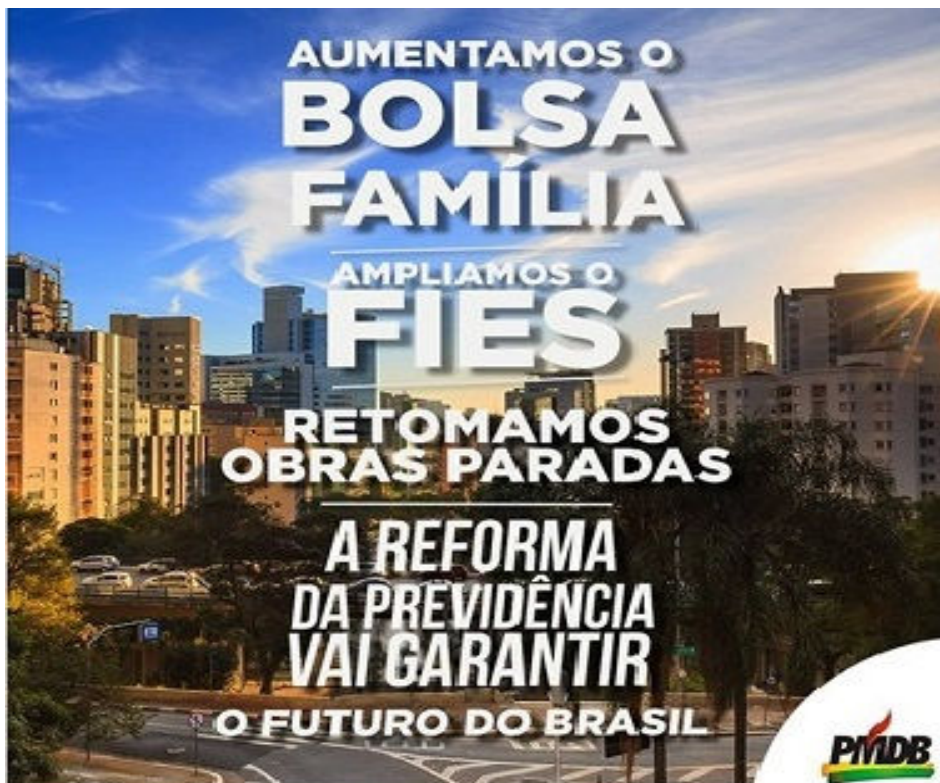
Diante da repercussão negativa provocada pela veiculação da **Figura 1**, a página oficial do PMDB no *facebook* lançou uma nova peça publicitária em favor da reforma da previdência, em 04 de março de 2017²⁸.

²⁶ Disponível em <<https://goo.gl/7miiXz>>

²⁷ Tese de doutorado apresentada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponível em <<https://goo.gl/544PBS>>

²⁸ <https://goo.gl/msPRi1>

Figura 2: Postagem “Aumentamos o Bolsa Família, ampliamos o FIES...”



Fonte: Facebook do PMDB Nacional.

Disponível em <<https://www.facebook.com/MDBNacional15/>>.

No anúncio, temos a mesma cidade retratada na **Figura 1**, no entanto, com uma composição diferente. Temos agora uma cidade limpa, clara, retratada ao entardecer, com céu azul e poucas nuvens. É possível observar o fluxo de carros, indicando a presença de vida humana neste ambiente. Em contraponto com a **Figura 1**, verifica-se que o veiculador pretende corrigir a repercussão negativa da primeira mensagem publicitária.

Assim, muda-se o cenário de uma cidade em trevas para uma cidade em pleno funcionamento. Além disso, também é visível a mudança na estratégia discursiva no texto.

De início, fica claro que o enunciador abandonou a agressividade e o tom de chantagem em relação ao enunciatário. Não há mais o uso de um condicionante “Se” como estratégia enunciativa. Na imagem 2, o enunciador inverte a ordem dos termos, ao listar suas ações em prol das camadas menos desfavorecidas para, em seguida, ratificar a importância da reforma da previdência na continuidade desse crescimento.

Como forma de inserir o enunciatário em sua pretensão, o enunciador utiliza os verbos na primeira pessoa do plural. Assim, passa-se a ideia de que a reforma da previdência é fruto de uma construção coletiva. Pois, (nós) aumentamos o programa Bolsa Família, (nós) ampliamos o FIES, (nós) retomamos as obras paradas. Logo, por tal linha discursiva, espera-se que as camadas populares passem a apoiar o projeto que “vai garantir o futuro do Brasil”. É uma tentativa de influenciar e conseguir a adesão da opinião pública para aprovação da Reforma da Previdência.

Dessa forma, em um trajeto temático acerca da reforma da previdência, traçado em postagens veiculadas na página oficial do PMDB no *facebook*, foi possível verificar o surgimento de estratégias discursivas totalmente distintas acerca do mesmo tema, em um curto lapso temporal, embora ambas apresentem o discurso do poder de um mesmo sujeito que ocupa uma posição hierárquica socioeconômica favorecida.

Essa proposta analítica articulando o linguístico (verbal) e semiológico (imagens) com suas substâncias (cores) e formas (diagramação, tamanho) reforça o atravessamento histórico que perpassa o discurso e que mobiliza seus efeitos de sentido.

6 CONCLUSÃO

Ao nos confrontarmos com materialidades discursivas em favor da reforma da previdência, veiculadas pela página oficial do *facebook* do PMDB, optamos pela utilização dos conceitos e ferramentas metodológicas da Análise do Discurso de tradição francesa e da Semiologia Histórica, a fim de viabilizar o estudo analítico em questão.

Ao definir o *corpus*, priorizamos os enunciados postados em redes sociais, compreendidas enquanto espaço público (HABERMAS, 2003), que está isento de intermediários ou reguladores e que favorece o exercício de uma democracia direta, com abertura para vozes excluídas e minoritárias.

Na fixação do trajeto temático, optamos por duas postagens veiculadas, nos dias 02 e 04 de março de 2017, pela página oficial do PMDB no *facebook*. Embora considere um curto lapso temporal, foi possível constatar uma regularidade no

objeto tratado (Reforma da Previdência), mas com enorme distanciamento nas estratégias enunciativas e discursivas empregadas pelo enunciador.

Na primeira postagem (Figura 1), a estratégia enunciativa do PMDB foi implantar o medo e insegurança no destinatário. Tal afirmação é facilmente comprovada tanto na análise linguística como semiológica. No campo imagético, o autor retratou uma cidade abandonada e sombria, sem nenhuma espécie de iluminação natural ou artificial, sem o trânsito de pessoas ou automóveis. Em suma, retratou-se o caos, o abandono e a negatividade como possível resultado da não aprovação da Reforma da Previdência.

No âmbito linguístico, a Figura 01 apresentou um enunciado verbal que propaga o medo, por meio da chantagem. O uso do “se” é sintomático nesta estratégia, pois serve unicamente para condicionar a manutenção dos programas sociais à aprovação da reforma da previdência. Além disso, outros aspectos como o uso de caixa alta, de variações no tamanho da fonte e a ordem de abrangência e importância no rol dos programas sociais listados são indicativos desta pretensão valorativa do enunciador.

A veiculação da Figura 2, apenas dois dias após da Figura 1, comprova uma mudança radical na estratégia enunciativa, muito em razão da má repercussão da primeira peça publicitária.

Por meio da segunda postagem, o PMDB passou a apostar uma mensagem publicitária capaz de transmitir uma mensagem positiva, apresentando alguns feitos do novo governo como mecanismo de convencimento para obter aprovação popular em favor da reforma da previdência.

Assim, utilizou-se a mesma cidade retratada na Figura 1, mas em uma nova composição, retratando o entardecer, com céu azul e poucas nuvens, de uma cidade limpa, segura e habitada. No campo da materialidade linguística, também houve alteração na estratégia enunciativa, com a substituição de um tom agressivo pela argumentação. Nesse contexto, a chantagem dá lugar ao convencimento, representado pela listagem de medidas em prol da coletividade.

Em suma, fica evidenciado que o sujeito-enunciador, a partir de sua posição privilegiada, utiliza-se das imagens e enunciados, em diversas estratégias para induzir o olhar do destinatário para a formação de uma (vontade de) verdade que esteja alinhada aos seus interesses políticos e econômicos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, André William Alves de. MARECO. Raquel Tieme Masuda. PASSETI, Maria Célia Cortez. A expressão “sair do armário”: trajeto temático em torno da fórmula discursiva. *Polifonia*. Cuiabá, volume n. 21, edição n. 29, 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

GOMES, W. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. *Revista Fronteiras*, v.7, n.3, p.214-222, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, vol. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/JYEmgr>. Acesso em 16 de maio de 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos/SP: Claraluz, 2011.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

_____. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. v.2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

LEMOS, L. *O poder do discurso na cultura digital*. 1º JIED – Jornada Internacional de estudos do discurso, 2008.

LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARQUES, Welisson. Novos olhares sobre o texto híbrido da mídia impressa. Anais do *SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/hb7Z1C>. Acesso em 14 de maio de 2017.

MEDEIROS, J. *Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política*. TransInformação, Campinas/SP, 2013, pág. 27-33.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Tradução de: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, Pontes, 2002.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2003

SANTOS, Ivanaldo Oliveira. O método arqueológico de Michel Foucault. In. _____. *Métodos de pesquisa: perspectivas filosóficas*. Mossoró: Edições UERN, 2010, p. 107-153.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Análise do discurso político: semiologia e história. *Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL (Alcalá de Henares)*, 2011, págs. 1687-1696.

SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

TELLES, André. *A revolução das mídias sociais*. Cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo: M.Books do Brasil, 2011.

ENSEÑANZA DE LA LECTURA EN CLASE DE ELE: UNA PROPUESTA PRÁCTICA

READING IN SPANISH AS A FOREIGN LANGUAGE: A PRACTICAL PROPOSAL

Alessandra Ferreira de Melo²⁹

Ester Vieira de Lima³⁰

Mariana Freire Sampaio³¹

Talita Dantas Pinto³²

Kátia Cilene David da Silva³³

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo proponer una manera práctica de aplicar la enseñanza de la lectura en las clases de Español como Lengua Extranjera (ELE), más específicamente en la enseñanza media o secundaria. Para eso, desarrollamos una propuesta de actividad que busca trabajar los diversos momentos de lectura, en base a las divisiones trabajadas por Solé (1999), las cuales son: pre-lectura, durante la lectura y post-lectura. La actividad fue elaborada a partir de material original: un video y un texto periodístico. La temática escogida pretendía despertar el interés de los estudiantes, así mismo, fue pensada para hacer la práctica de dos tipos de lectura: lectura silenciosa y lectura en voz alta.

PALABRAS CHAVE: Actividad de lectura. Texto periodístico. Enseñanza media.

ABSTRACT: In this article we propose a practical way of teaching reading in Spanish as a Foreign Language, more specifically at High Schools. In order to do so, we have developed an activity that works with the most diverse reading moments, based on the divisions proposed by Solé (1999), such as: pre-reading, reading and post-reading procedures. The activity was produced using an authentic journalistic text and we worked to bring a theme which would draw students' attention. The activity was also designed to practice two different types of reading: silent and aloud reading.

KEYWORDS: Reading Activity. Journalistic Texts. High School.

²⁹ Graduanda no curso de Letras – Português e Espanhol e respectivas literaturas. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: ferreira.alessandra.melo@gmail.com

³⁰ Graduanda no curso de Letras – Português e Espanhol e respectivas literaturas. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: estervieira1502@gmail.com

³¹ Graduanda no curso de Letras – Português e Espanhol e respectivas literaturas. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: marifs3@hotmail.com

³² Graduanda no curso de Letras – Português e Espanhol e respectivas literaturas. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: talitadantaspinto@yahoo.com.br

³³ Doutora em Linguística e Docente de Língua Espanhola, da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: katiacilenedavid@yahoo.com.br

1 INTRODUCCIÓN³⁴

Son muchos los factores que influyen en la enseñanza de una lengua extranjera, tales como la escritura, el habla, la lectura y la comprensión que deben ser trabajados para que el alumno adquiera un buen dominio de esta. Sin embargo, todavía hoy, es notable la importancia de la enseñanza de la gramática si la comparamos con estas otras áreas.

En lo que se refiere específicamente a la enseñanza de la lectura, encontramos algunos desafíos para aplicar una metodología que sea eficaz y que trabaje todos los niveles de esta: el poco tiempo para desarrollar actividades que posibiliten la comprensión lectora, la falta de materiales didácticos adecuados y la dificultad de llevar temas de interés que dialoguen con la realidad de los alumnos.

Nuestra propuesta se basa en la elaboración de una actividad de lectura para un público específico, en concreto, alumnos de español como LE de la enseñanza media. Al trabajar la lectura, debemos cumplir tres diferentes momentos que de acuerdo con Solé (1999), son: pre-lectura, durante la lectura y post-lectura.

Además de una preparación de actividades específicas sobre la lectura a trabajar, se deben añadir otras tareas que ayuden a desarrollar habilidades lingüísticas relacionadas con la temática propuesta en la lectura.

También debemos trabajar la variedad de tipos de lectura existentes, como la lectura silenciosa y la lectura en voz alta. Más adelante, haremos algunas consideraciones teóricas acerca del enfoque de algunos autores sobre la temática de la lectura y sobre los tipos de textos.

En la metodología, detallamos el proceso de elaboración de las actividades y explicamos los apartados (actividades de pre-lectura, de lectura y post-lectura). En un siguiente paso, presentamos y comentamos las cuestiones elaboradas que se refieren a los tres momentos propuestos por Solé, citados anteriormente. Para la elaboración de la actividad buscamos una temática dura, como pueden ser las causas que llevan al suicidio de una adolescente, pretendiendo despertar así el

³⁴ Este artículo ha sido revisado por Marta María Rey Blanco, profesora lectora de Lengua y Cultura Hispánicas AECID/UFC.

interés entre un público joven. Para ello hacemos uso de un fragmento audiovisual y un texto periodístico que tratan de forma clara el tema.

Se concluye la tarea con una reflexión sobre la importancia de este tipo de actividades en la enseñanza de la comprensión lectora en las clases de español como LE.

2 CONSIDERACIONES TEÓRICAS

Nos parece necesario aclarar algunos conceptos que dicen mucho respecto al proceso de enseñanza de la lectura. Para eso, recorreremos a algunos teóricos. Para Solé (1999, p. 78), "leer es sobre todo una actividad voluntaria y placentera, y enseñar a leer debe tener esto en cuenta. Los niños y los maestros deben estar motivados para aprender y enseñar a leer".

La motivación tiene que estar siempre vinculada a las clases, pues "en la vida humana existe una infinidad de áreas distintas y la motivación debe contemplar sus especialidades" (BZUNECK, 2000, p. 10). Para Burochovitch y Bzuneck (2001), la motivación es uno de los grandes problemas de la educación, pues sin ella los alumnos pierden la creatividad y eso se agrava cada año escolar.

Esta motivación en los alumnos es un desafío para los profesores, principalmente en clases de enseñanza de lengua extranjera, ya que estos no tienen a su disposición de una inmersión lingüística directa. El aprendizaje por completo de una lengua extranjera tiene como necesidad obtener la combinación entre la capacidad expresión y comprensión escrita y oral; dicho esto es imprescindible que el docente establezca una relación entre la cultura de los países de la lengua estudiada y el alumno, a fin de facilitar el aprendizaje de estos aspectos, pues

la lengua da el acceso de la cultura y, por otro lado, para aprender una lengua es preciso un buceo cultural, la adquisición de habilidades orales y escritas, eso es, la competencia comunicativa no se queda asegurada solo con el conocimiento de las estructuras lingüísticas [...] saludar una persona, hacer una invitación, servir un café, pedir disculpas [...] son todas situaciones que se insertan profundamente en un contexto cultural. (DALPIAN, 1996, p. 51).

Resulta de gran importancia que la enseñanza de la lectura esté directamente relacionada con la realidad cultural y social de países hablantes de la lengua estudiada.

Para Cassany (2006, p. 24), "aprender a leer requiere no sólo desarrollar los mencionados procesos cognitivos, sino también adquirir los conocimientos socioculturales particulares de cada discurso, de cada práctica concreta de lectoescritura". De hecho, es esencial que el alumno tenga contacto con la práctica concreta del uso de la lengua estudiada, para ello se utilizarán materiales específicos, los cuales se tratarán más adelante.

Capallera y Barnada (1997, p. 37) son autores que defienden la enseñanza de estrategias lectoras, principalmente en la enseñanza básica, pues estas permiten la elaboración, la evaluación y la organización de la información textual. Además permiten al alumnado desarrollar recursos psicológicos como la atención y la memoria. Las estrategias de lectura, cuando son adquiridas por los niños, refuerzan otras áreas académicas.

Según estos mismos autores, "el aprendizaje de las habilidades necesarias para leer comprensivamente ha de tener como uno de sus objetivos finales la capacidad de aprender autónomamente".

La enseñanza de lectura en clases de lengua extranjera no es una actividad fácil y, para eso, el profesor debe hacer uso de materiales específicos, en este caso, de textos, que auxilien el desarrollo de la actividad, de forma que los alumnos se sientan motivados para ello. Ya que los docentes de LE no siempre pueden trasladar de un modo directo la cultura de la lengua estudiada, se aconseja buscar materiales originales, es decir, un texto "que no fue escrito o hablado con el objetivo de enseñar lenguas. Un artículo de un periódico, una canción rock, un libro, una entrevista de radio, instrucciones de cómo juega determinado juego y un tradicional cuento de hadas son ejemplos de textos auténticos..." (TOMLINSON, 2003, p. 9).

Para Cassany, Luna y Sanz (1994, p. 237), los materiales originales "son textos que no han sido elaborados originariamente para la enseñanza, sino que cumplen funciones sociales, en otros contextos". Según los autores, "la introducción de este tipo de material en el aula es reciente y está relacionada con la aparición del enfoque comunicativo de la enseñanza de segundas lenguas". Además de eso, trabajar con materiales originales permite al profesor llevar a clase no solamente

textos puramente escritos, sino también textos multimodales y que posibilitan el abordaje de otras competencias en lengua extranjera como, por ejemplo, la oralidad.

En este caso, se trabaja con un texto periodístico electrónico y la ventaja de utilizar un material desde un medio de comunicación digital en línea es como dice Rego (2006): "la accesibilidad, la velocidad, la actualización, la actualidad de los términos y variedades de la lengua española, la adaptabilidad y flexibilidad de temas, el enlace con la realidad del alumno, la presentación del texto, etc."

A través del uso de Internet, según Cassany (2006), la "literacidad" está cambiando hacia los formatos electrónicos. Surge, entonces, el término "literacidad electrónica" y a través de Internet

leer adquiere nuevas prácticas y estrategias: el horizonte cuadrado de la hoja blanca se convierte en una imagen policromada y versátil en la pantalla, la simple redacción manuscrita se sofisticada y automatiza con los programas informáticos, el lector local y restringido del papel se multiplica y diversifica en la red (CASSANY, 2006, p. 173).

Gago (2004) comenta que trabajar con un texto periodístico reúne una serie de condiciones particulares que lo convierten en un gran instrumento para el aprendizaje de la lengua, sea para un público nativo como para un público no nativo, pero advierte la autora que es utilizado en el aula de enseñanza de ELE aunque no siempre con aprovechamiento óptimo y enfoque adecuado al nivel y necesidades del alumno. Es importante adecuar el uso del texto al nivel de los alumnos.

El tratamiento de los textos periodísticos en la clase de ELE debe ser diferente dependiendo del grado de conocimiento del alumno: las aspiraciones son mucho más modestas trabajando en niveles iniciales o medios. En éstos, el estudiante llega a entender la idea general del mensaje y el vocabulario, casi siempre, descontextualizado. Se trata de un análisis morfosintáctico y semántico básico. El desconocimiento de la gramática hace que sea imposible alcanzar a entender el sentido del mensaje. Asimismo, resulta complicado o imposible explicar usos particulares del lenguaje periodístico que distan de la norma, o expresiones propias del mismo (GAGO, 2004, p. 954).

En la lectura, se buscará comprender los diferentes momentos que son trabajados por Solé (1999) y que fueron importantes para que se desarrollase esta

actividad. La autora divide el proceso de lectura en tres momentos: “pre-lectura, durante la lectura y post-lectura”. La aplicación de las actividades en el momento anterior a la lectura tiene como objetivo preparar los alumnos para recibir las informaciones del texto que será trabajado. Para eso, Solé (1999) enumera algunas estrategias que pueden ser utilizadas, como buscar y abordar las ideas generales para la motivación y los objetivos de la lectura y la activación de los conocimientos previos.

Según la autora (p. 90), "la gracia no estriba en saber lo que dice el texto, sino en saber lo necesario para saber más a partir del texto". Ese es un momento en que los alumnos podrán intercambiar en clase sus propias percepciones sobre determinados asuntos y experiencias con los demás estudiantes. De acuerdo con la autora, una manera de trabajar estos conceptos es a través de preguntas y predicciones sobre la temática que será abordada en el texto.

Respecto al momento “durante la lectura”, según la autora, el objetivo principal es alcanzar una comprensión eficaz del contenido leído. Para Van Dijk (1973 apud Solé, 1999, 101), “comprender un texto implica ser capaz de establecer un resumen que reproduce de forma sucinta su significado global”. Teniendo en cuenta estos conceptos, también se pueden utilizar algunas estrategias para este momento de lectura. Entre ellos están la lectura compartida, que es realizada en grupo y busca proporcionar una socialización del conocimiento adquirido, y la lectura independiente, que busca dar mayor autonomía al lector para descubrir su ritmo de lectura y comprensión.

Por último, Solé (1999) nos habla del momento posterior a la lectura, en que se debe buscar formas de fijar los conocimientos adquiridos a lo largo de esta. Una estrategia que puede ser utilizada para este propósito es la elaboración de preguntas que buscan la identificación de la idea principal del texto trabajado, así como la formulación de un resumen.

Cuando nos centramos en el concepto de tipos de lectura, todo se vuelve un poco más complejo, pues esta división puede ser hecha en base a diversos parámetros como los desarrollados por White (1983 apud CASSANY; LUNA; SANZ, 1994), que destaca el nivel de comprensión que se busca alcanzar y la velocidad de la lectura como las bases para realizar la división de los tipos de lectura. Una división más simple y con la cual, también se trabaja en el desarrollo de la actividad

es la de lectura silenciosa que tiene como puntos positivos el establecimiento del ritmo del alumno, el desarrollo de la lectura según sus intereses, el desarrollo de las habilidades de expresión escrita o la disminución de la inseguridad que se produce en la lectura oral. Para Martins (2013, p. 1),

la lectura silenciosa es un momento muy particular, muy especial. Es el momento en que ocurre la primera interacción con el mundo contenido en el texto. Inferencias, hipótesis, conclusiones: todo eso debe suceder antes en nuestra cabeza, pues será fruto de reflexión, y leer es reflejar.

Además de ella, la lectura en voz alta tiene como puntos positivos la identificación de la acentuación, el reconocimiento de la puntuación, reconocimiento de la voz y de la experimentación de su entonación. Sobre eso, Castaño y Quebrada (2008, p. 18) nos dicen que es una actividad difícil que exige tanto la comprensión previa del texto leído como también una toma de conocimiento de dicha comprensión y añaden que leer en voz alta significa aprender utilizar las lecturas como contenidos posibles de comunicación oral.

La explicación de estos conceptos aún puede ser ampliamente desarrollada, sin embargo, se cree que esta visión, aunque sea general, ya facilita el soporte para trabajar la lectura de manera práctica y eficaz.

Se pasa, por lo tanto, a hablar sobre la metodología que utilizamos en la elaboración de la actividad y en cómo esta puede ser aplicada en clase de ELE.

3 METODOLOGÍA

La actividad propuesta ha sido pensada para alumnos de la enseñanza media, es decir, alumnos que tienen entre 15 y 17 años. La actividad fue programada para ser realizada en dos sesiones con duración de cincuenta minutos y, para realizarla, buscamos un material original que tuviera como tema un asunto que despertara el interés de los estudiantes por la lectura: los altos índices de suicidio entre los jóvenes. El tiempo puede variar, de acuerdo con el perfil de cada grupo y el modo en cómo las actividades son desarrolladas.

Se ha trabajado el texto periodístico cuyo título es *Aunque haya 13 razones para el suicidio, nunca es la salida: el entorno del niño desempeña un papel crucial*

en el éxito de la lucha contra esta lacra³⁵. En este contexto, pensamos en la realidad de los que están en ese grupo de edad (que están bajo presión psicológica para lograr ingresar en la universidad, conseguir un empleo, vida social y amorosa, entre otras) y, para eso, utilizamos textos periodísticos que se relacionan con un libro que se transformó en una serie en línea llamada *Por trece razones*, disponible en Netflix.

La serie contiene trece episodios de una media de 50 minutos cada uno, el público meta son jóvenes y su estreno fue en 2017.

Creemos, como ya hemos mencionado, que los estudiantes necesitan una motivación para leer, entonces, elegimos un texto que estuviera relacionado con la realidad de esa franja de edad y que les llamara la atención, ya que la serie fue muy vista y comentada por los jóvenes. A partir de la elección del texto, construimos la actividad, dividida en tres partes: pre-lectura, lectura y post-lectura, desarrolladas a continuación.

3.1 Actividad de pre-lectura

La actividad de “pre-lectura” consiste en activar los conocimientos previos de los alumnos acerca del tema que va a ser trabajado, en este caso, el suicidio.

Inicialmente, se visionará un video que aborda el tema propuesto. Es importante decir que, para este momento de la actividad, se trabajará con la realidad nativa de los estudiantes. Ante esto, el video elegido, titulado *Sua vida importa*³⁶, forma parte de una campaña de prevención al suicidio que se llevó a cabo en Brasil en el mes de septiembre, el llamado *Setembro Amarelo*. Después, los profesores pedirán que ellos digan las palabras que piensan cuando escuchan o leen esta palabra. Esperamos que entre sus respuestas se hallen palabras como: depresión, tristeza, agobio, soledad, entre otras (Tiempo sugerido: 20 minutos).

3.2 Actividad de lectura

³⁵ El país, 2017. Disponible en <<<https://goo.gl/HNfktx>>>. Acceso en 31 octubre 2017.

³⁶ Disponible en <<<https://www.youtube.com/watch?v=B20As1k4bpE>>> Acceso en 06 noviembre 2017.

Después de la activación de los conocimientos previos, iniciamos la actividad que ha de realizarse “durante la lectura”. En este momento trabajaremos con el texto en lengua extranjera, en nuestro caso, el español. Optamos por un material auténtico, un texto de un periódico en línea, para que los alumnos tengan contacto con el uso efectivo de la lengua en este contexto. El propio título de la noticia ya hace referencia a la serie *Por trece razones* y trae la imagen de la actriz protagonista, Katherine Langford; creemos que eso sirve también como motivación para que los alumnos lean el texto. Les pediremos que hagan una primera lectura (silenciosa) y que identifiquen en el texto si hay alguna de las palabras que mencionaron anteriormente en la actividad de pre-lectura.

Para la segunda lectura, los alumnos deben dividirse en grupos, leer los textos en voz alta y contestar a las preguntas que les serán distribuidas. Aquí, se puede dividir la lectura de cinco en cinco líneas; de esta forma, cada alumno lee una parte del texto. El profesor puede buscar criterios de división del texto de acuerdo con el número de alumnos por grupo. Es posible, también, antes de la lectura en voz alta pasar un audio de la lectura del texto por un hablante nativo de lengua española pues eso posibilita que los estudiantes se fijen en aspectos de la oralidad antes de leerlo. A continuación, discutiremos el tema abordado en la actividad, de modo que se sientan tranquilos para comentarlo (Tiempo sugerido: 20-30 minutos).

3.3 Actividad de post-lectura

Posteriormente, como actividad de “post-lectura”, los grupos que fueron divididos, elaborarán carteles para hacer una campaña de concienciación sobre la prevención del suicidio en la escuela. Los materiales utilizados para la elaboración de los carteles, tales como tijeras, pegamento, lápices de colores, bolígrafos, papeles, fotografías y recortes de revistas serán puestos a disposición de los alumnos por los profesores. Esta es una actividad que incentiva el trabajo en grupo y, además de eso, pensamos que es una forma para que los alumnos continúen el debate acerca del tema y que piensen juntos en estrategias para promover esa concienciación (Tiempo sugerido: 20-30 minutos).

Tras estas consideraciones, en el próximo punto, hablaremos sobre las cuestiones sugeridas para el desarrollo de la actividad, comentando cual es el objetivo de ellas.

4 ACTIVIDAD DIDÁCTICA PROPUESTA

En este apartado propondremos las cuestiones elaboradas para los alumnos y discutiremos, de manera sintética, porque hemos elegido estas cuestiones.

4.1 Cuestiones de pre-lectura

Como ya hemos apuntado, el objetivo de la actividad de pre-lectura es introducir el tema. Es necesario hacer que los alumnos reflexionen sobre lo que ya saben respecto a la temática que será trabajada. Así, todas las cuestiones que aquí están propuestas tienen como objetivo reflexionar y estimular a los alumnos a pensar en lo que ya saben sobre el suicidio.

1. ¿Para ti, cuáles son los motivos que llevan a alguien a cometer un suicidio?
2. ¿Cuál es la importancia del apoyo de la familia y de los amigos para alguien que esté en esta situación?
3. Enumera las primeras palabras que te vienen a la mente que estén relacionadas con el tema del suicidio.

4.2 Cuestiones de lectura

Las cuestiones de lectura tienen como objetivo trabajar el texto en sus más variados aspectos. La primera cuestión hace una comparación entre la actividad de pre-lectura y el texto. En esta parte, los alumnos tienen la oportunidad de pensar en lo que habían dicho sobre el tema, esto es, las palabras que habían elegido y lo que el texto dice sobre este asunto, o sea, las palabras que aparecen en él. Esta primera toma de contacto del texto es muy importante, aunque es necesaria una profundización que lleve al alumno más allá de la superficie textual.

4. Verifica y cita las palabras elegidas en la cuestión anterior que están presentes en el texto.

La próxima cuestión tiene como primer objetivo trabajar la modalidad de lectura en voz alta. Es muy importante que esa modalidad sea incentivada, ya que trae una serie de beneficios para el desarrollo de la lectura de uno, como por ejemplo el entreno de la dicción y del ritmo y entonación de la lectura. El segundo objetivo de la cuestión es promover el trabajo en grupo y permitir que los alumnos debatan y compartan sus reflexiones con los colegas. Las preguntas propuestas buscan abordar los diferentes tipos de respuestas: hay cuestiones en que la contestación está en la superficie del texto y no exige una elaboración más compleja y hay preguntas que exigen una mayor interpretación y reflexión.

5. Divididos en grupos de cuatro personas, leed el texto en voz alta y contestad a las cuestiones siguientes:
 - 5.1 De acuerdo con el texto, ¿qué medidas deben ser tomadas por la sociedad en general en lo que se refiere a la prevención del suicidio?
 - 5.2 En tu opinión, ¿por qué algunas instituciones ven riesgos en series y películas como *Por trece razones*?
 - 5.3 ¿Cuál es la diferencia que el texto muestra entre la serie *Por trece razones* y la realidad del suicidio?

4.3 Cuestiones de post-lectura

El objetivo de la actividad de post-lectura es consolidar los conocimientos que fueron trabajados en las actividades anteriores. La sugerencia es que los alumnos produzcan materiales de prevención al suicidio. Esto tiene como objetivo mostrar que los conocimientos que ellos adquieren en la clase de aula deben ser utilizados de manera práctica en sus vidas cotidianas. Además, esta actividad estimula la creatividad y el desarrollo artístico de los alumnos.

6. Utilizando los diferentes materiales disponibles (papel, colores, tijeras...) elaborad en grupo, carteles con frases que tengan como objetivo prevenir el suicidio. Utilizad la creatividad y todas las frases deben ser de autoría propia. Después, cada grupo presenta su producción.

Comprendemos que para algunas de las cuestiones presentadas anteriormente, principalmente las cuestiones de pre-lectura, se pueden generar una enorme cantidad de respuestas porque tienen un carácter más personal y la respuesta estará muy relacionada con las vivencias y el conocimiento del mundo que tenga cada uno de los alumnos. Es de gran importancia que los profesores oigan y relacionen las respuestas entre los estudiantes con otras situaciones vividas, en este primer momento. Además, algunas de las cuestiones, principalmente las de lectura, poseen respuestas más directas y que están presentes en el propio texto, algunas veces en su superficie; en estos casos, el alumno trabaja identificando las informaciones de forma más específica, en otros casos, la respuesta también está en el texto, pero el alumno tiene que buscarla de manera más profunda y reflexiva.

5 CONCLUSIÓN

En este trabajo, nos propusimos reflexionar y comentar sobre la enseñanza de lectura en lengua extranjera. Para eso, desarrollamos una propuesta práctica de actividad de lectura que puede ser aplicada en clase de ELE, teniendo en cuenta la importancia del trabajo con los tres momentos de lectura (pre-lectura, durante la lectura y post-lectura), siguiendo la propuesta de Solé (1999).

La actividad fue pensada para abordar algunos aspectos de la enseñanza de la lectura, como la lectura silenciosa y la lectura en voz alta, entre otros aspectos. Enfatizamos el trabajo con materiales originales que despierten el interés del alumno; para eso, es esencial abordar textos cercanos a la realidad del público meta. Elegimos un video en portugués titulado *Sua vida importa* que posee relación con el texto periodístico en lengua española *Aunque haya 13 razones para el suicidio, nunca es la salida* y elaboramos una serie de actividades.

La actividad se caracteriza como una propuesta didáctica que puede ayudar a profesores en su trabajo de lectura en sus clases. En un futuro, se puede aplicar esta propuesta en grupos reales y ver los aspectos que podemos mejorar, quitar o mantener.

REFERENCIAS

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: SISTO, F. F.; Oliveira, G.; FINI, L. D. (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CAPALLERA, J.; BARNADA, C. (1997). Estrategias lectoras y comprensión del texto en la enseñanza obligatoria. *Aula de Innovación Educativa*, n. 39, p. 24-29.

CASSANY, D. (2006). *Tras las líneas: sobre la lectura contemporánea*. Barcelona, Editorial Aragoana.

CASSANY, D.; LUNA, M.; SANZ, G. (1994). *Enseñar Lengua*. Barcelona: Editorial Graó.

CASTAÑO, M. A. A.; QUEBRADA, M. O. L. (2008). *La lectura en voz alta: Una buena estrategia de animación a la lectura*. Monografía (Graduação em Filologia). Universidade Tecnológica de Pereira, Pereira, 89f.

DALPIAN, L. (1996). *A língua e o acesso à cultura*. Lajeado: Fates/Feclat.

GAGO, E. (2004). El texto periodístico como material para el conocimiento como material para el conocimiento de la dimensión sociocultural de la lengua. In: *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Centro Virtual Cervantes, p. 952-956.

MARTINS, O. (2013). A importância da leitura silenciosa e dicas para interpretar um texto. Disponible en: <<http://odemartins.blogspot.com.br/2013/05/a-importancia-da-leitura-silenciosa-e.html>>. Acceso en: 25 jan. 2017.

REGO, I. M. S. (2006). Reflexión respecto al uso de periódicos electrónicos en la enseñanza del español como lengua extranjera: La enseñanza de la variedad chilena. *Revista Electrónica de Didáctica Español Lengua Extranjera*, n. 6.

SOLÉ, I. (1999). *Estrategias de lectura*. Barcelona, Editorial Graó.

TOMLISON, B. (2003). *Developing Materials for language Teaching*. Londres: Cintinum.

ANEXO - Texto utilizado para las actividades de lectura

AUNQUE HAYA 13 RAZONES PARA EL SUICIDIO, NUNCA ES LA SALIDA

El entorno del niño desempeña un papel crucial en el éxito de la lucha contra esta lacra



Cerca de 800.000 personas se suicidan cada año. El suicidio es la segunda causa de defunción entre los 15 y los 29 años. Con datos así de claros y alarmantes la Organización Mundial de la Salud (OMS) quiere llamar la atención sobre una realidad que, no por silenciada, es menos dura. Además, el éxito de la serie televisiva *Por trece razones*, basada en la novela del mismo nombre escrita por Jay Asher y que hace furor entre los adolescentes, pone el dedo en la llaga. En ella, se retrata el suicidio de una adolescente de 15 años, Hanna Baker, que vive una vida aparentemente perfecta en un prototípico suburbio americano.

Este drama adolescente se ha convertido en la serie más tuiteada de 2017 hasta la fecha y su éxito radica en las 13 razones que llevan a la protagonista al vacío. Ella las deja grabadas en un casete, que hace llegar a un amigo tras su muerte. En la serie no hay nada que hacer, no hay posibilidad de evitar el suicidio ni de interactuar con la adolescente, solo se puede escuchar y reflexionar, pero en la realidad hay muchos pasos que se pueden tomar para evitar el desenlace fatal de esta adolescente.

Reflexión, concienciación y prevención es precisamente lo que se reclama desde numerosas instituciones implicadas en salud mental y psicológica. Y es que la mortalidad por suicidio es superior a la mortalidad total causada por la guerra y por los homicidios y, en muchos países, Estados Unidos entre ellos, es la segunda causa de mortalidad entre los niños y jóvenes en edad escolar. Por ello, y ante el hecho de que la mayoría de los países no ha establecido una estrategia nacional para la prevención del suicidio, la OMS puso en su Plan de Acción de Salud mental para los años 2013-2020 el objetivo de reducir un 10% los índices de suicidio

Para conseguirlo, asegura, la clave es adoptar un enfoque integral que comprometa a las administraciones públicas, a los medios de comunicación y a la sociedad civil. Con

medidas preventivas eficaces, los suicidios pueden evitarse.

En primer lugar, hay que restringir el acceso a los medios utilizados. Se sabe que la ingesta de plaguicidas, el ahorcamiento y las armas de fuego son los procedimientos más habituales en el mundo para quitarse la vida y que muchos suicidios se cometen impulsivamente, con lo que una regulación que limite el acceso a tales productos químicos y a las armas podría marcar la diferencia entre la vida y la muerte de una persona.

Segundo, los servicios de salud tienen que incorporar igualmente la prevención del suicidio como un componente central. Una identificación temprana de la depresión y un tratamiento eficaz son fundamentales. Y, asimismo, las comunidades desempeñan una función crucial en la prevención del suicidio prestando apoyo a individuos vulnerables, ocupándose del seguimiento, luchando contra la estigmatización y apoyando a quienes han perdido a seres queridos por esta causa.

Sin embargo, la articulación de estas acciones requiere procedimientos largos y burocráticos que se ven superados por la moderna sociedad digital en donde los *trending topics*, los *tuiters*, *snaphats*, y *likes* de Facebook pueden formar patrones de conducta en tiempos récord.

Por ejemplo, la gran cantidad de noticias relacionadas con el supuesto juego de retos de la Ballena Azul, un siniestro desafío que ha llevado a la policía de varios países de América Latina a investigar sobre su posible relación con varios suicidios de jóvenes. El nombre del juego hace referencia a los varamientos colectivos de algunas ballenas que encuentran la muerte en la orilla, y se viralizó a raíz de un reportaje publicado en Rusia, que lo relacionaba con varios suicidios. El supuesto juego parece incitar a niños y adolescentes a realizar 50 desafíos, uno por día, con pruebas que les retan a despertarse de madrugada, a ver vídeos de terror, cortarse el brazo con una navaja, acercarse al borde de un precipicio o, como reto final, suicidarse saltando desde un balcón. A pesar de la poca información veraz que existe sobre el juego, el simple eco en la redes consigue que, aunque sea ficción, muchos menores lo puedan tomar como real.

La Asociación Nacional de Psicólogos Escolares más importante de Estados Unidos ha publicado recientemente unas consideraciones que hacen referencia explícita a los riesgos que plantea la serie de ficción *Por 13 razones* y da consejos a educadores, padres y adolescentes sobre cómo enfrentarse al tema y ayudar a prevenir el suicidio juvenil e infantil, a la vez que alerta sobre señales que pueden ser indicativas de la necesidad de intervenir.

Amigos, padres, profesores, consejeros, profesionales sanitarios, gestores políticos... todos desempeñan un papel crucial en el éxito de la lucha contra el suicidio infantil y juvenil, para que, por muchas razones que haya, quitarse la vida no sea nunca la salida.

El país, 2017. Disponible en <<https://goo.gl/6pP73f>>. Acceso en: 31 oct. 2017.

A OBJETIVAÇÃO DA MULHER EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA ITAIPAVA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO REFORÇO À IDEOLOGIA PATRIARCAL

THE OBJECTIVATION OF WOMEN IN ITAIPAVA ADVERTISING SPARE PARTS: A CRITICAL ANALYSIS OF THE STRENGTHENING OF PATRIARCHAL IDEOLOGY

Fernanda Vidal Mesquita³⁷

Patrícia de Sousa Fernandes³⁸

Maria de Fátima Lopes da Silva³⁹

Alaide Angelica de Menezes Cabral Carvalho⁴⁰

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar a forma como a mulher é representada na mídia, especificamente, analisando sua objetificação e a perpetuação de estereótipos designados a ela. Para tanto, analisaremos duas peças publicitárias da cerveja Itaipava. Para fundamentar nosso estudo, realizaremos discussões baseadas em autores como: Beauvoir (1967), Bourdieu (2014), Dworkin (1981), Fairclough (1989; 2001; 2003), Thompson (2009), entre outros. Os resultados evidenciam que a influência da mídia na vida das pessoas, sobretudo nos dias atuais, é grandiosa, tornando, o debate sobre esse assunto extremamente necessário pois os efeitos da objetificação feminina são muito danosos e podem gerar mazelas sociais irreparáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Objetificação. Corpo feminino. Ideologia. Mídia.

ABSTRACT: This paper aims to investigate how women are represented in the media, specifically, analyzing their objectification and the perpetuation of stereotypes assigned to it. To do so, we will analyze two advertising pieces of Itaipava beer. As a theoretical basis, we will conduct discussions based on authors such as Beauvoir (1967), Bourdieu (2014), Dworkin (1981), Fairclough (1989, 2001, 2003), Thompson (2009), among others. The results show that the influence of the media on people's lives, especially in the present day, is great, making the debate about this subject extremely necessary, since the effects of female objectification are very harmful and can generate irreparable social ills.

KEYWORDS: Objectification. Feminine body. Ideology. Media.

³⁷ Graduanda em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN. E-mail: fmesquitapf13@gmail.com

³⁸ Bacharela em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN. E-mail: patriciasfernandes@live.com

³⁹ Graduanda do curso de Direito (FAD) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Faz parte do Projeto de Extensão Socializando o Direito, da FAD, pesquisando sobre Direitos humanos, sociais e de gênero. E-mail: marialopes16@outlook.com,

⁴⁰ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e desenvolve pesquisa em Análise do Discurso Crítica Multimodal. E-mail: angelicamenezes05@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, as mulheres vêm sendo tiradas dos espaços de liderança e autonomia da sociedade e postas nos lugares de cuidado e satisfação masculina. Até os dias atuais, o papel de subserviência ainda é imposto ao sexo feminino.

A mídia, como formadora de opiniões, tem o poder de auxiliar a perpetuação desses estereótipos de gênero, viabilizando a criação de um padrão de beleza opressivo, de uma hiperssexualização e de uma retirada da subjetividade da mulher como ser humano.

Isso implica em uma conformidade das mulheres nesses papéis subalternos, na busca pela beleza dos comerciais e na dificuldade de se perceber como sujeito autônomo – tornando a mulher um objeto perante a população masculina.

O presente artigo tem o objetivo de problematizar a naturalização da colocação de mulheres em papéis subservientes e estudar os possíveis efeitos da transformação da mulher em produto, seja como valorização sexual, seja no papel de cuidadora, seja num processo de desumanização.

2 A OBJETIFICAÇÃO NATURALIZADA DA MULHER

O machismo é a ideologia de uma estrutura de poder e opressão chamada patriarcado, a qual subalterniza seres nascidos no sexo feminino em relação àqueles nascidos no sexo masculino. Essa subalternização se dá pela transformação da fêmea em mulher. Mulher é um conceito construído socialmente pela ideia de feminilidade. A feminilidade, por sua vez, é um conjunto de comportamentos que são impostos à fêmea humana desde seu nascimento, como fragilidade, maternidade, submissão. Pode ser observada em pequenos atos, como na obrigação que toda mulher tem de se maquiar, depilar-se, tornar-se o mais próximo de uma boneca possível; na fraqueza que é imposta a essa casta – mulheres são frequentemente ditas que não podem fazer determinadas coisas porque tais coisas são de homens. Na verdade, querem dizer que mulheres não são capazes de fazer essas determinadas coisas, como vencer, jogar futebol, praticar artes marciais, cursar uma faculdade de exatas, enfim, se recusar a performar feminilidade e quebrar estereótipos de gênero.

Sobre o que é ser mulher para uma sociedade patriarcal que se apoia no gênero como meio de dominação, Simone de Beauvoir comenta, em sua célebre frase: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 9-10).

Lierre Keith diz sobre feminilidade que: “A feminilidade é uma série de comportamentos que são, em sua essência, pura submissão ritualizada” (KEITH, 2012, p. 27, Tradução nossa⁴¹). Também Andrea Dworkin afirma que: “A mulher não nasce: ela é feita. No fazer, sua humanidade é destruída. Ela se torna símbolo disto, símbolo daquilo: mãe da terra, puta do universo; mas ela nunca se torna ela mesma porque é proibido para ela fazê-lo” (DWORKIN, 1981, p. 128).

É nesse sistema de exploração do sexo feminino que se apoia, também, boa parte da publicidade e de como a mulher é retratada na mídia em geral – de forma subalterna, inferiorizada, sexualizada, domesticada.

A real astúcia do patriarcado está bem aqui: ele não apenas naturaliza a opressão, ele sexualiza atos de opressão. Ele erotiza dominação e submissão e depois os institucionaliza em masculinidade e feminilidade. Então, ele naturaliza, erotiza, e depois institucionaliza dominação e submissão (KEITH, 2012, p. 26).

A publicidade vende para a mulher a imagem de feminilidade perfeita, o ideal a ser alcançado – que, entretanto, nunca pode ser alcançado por mulher real alguma, causando uma constante insatisfação das mulheres com elas mesmas. Vende para o homem a santa ou a puta – a mulher que vai lavar as roupas dos filhos, nos comerciais de sabão em pó, a mulher que vai cozinhar pratos extremamente saborosos, nas propagandas de tempero. Ou a insaciável, a incrivelmente sensual mulher bronzada, que vai sorrir belamente a uma cantada, nos comerciais de cerveja. Nenhuma dessas imagens corresponde a uma mulher real, no entanto, é essa a imagem de mulher perpetuada na cabeça dos homens e objetivada na cabeça das mulheres.

⁴¹ “As for femininity, that is just a set of behaviors that are in essence ritualized submission.”

Sheila Jeffreys, feminista radical inglesa, em 1999, no Vancouver Rape Relief Fundraising Dinner afirmou que:

Práticas de violência são justificadas sob a rubrica do consenso. Sadomasoquismo, prostituição e cirurgia plástica não são compreendidas como práticas de opressão criadas através de relações de poder desiguais em supremacia masculina. Elas são portadas como invenções femininas para o prazer de mulheres ao invés de práticas tradicionais danosas (JEFFREYS, 1999).

Assim, a imagem danosa que a mídia traz das mulheres é vista pelo senso comum como normal ou, no mínimo, com finalidade humorística. As mulheres internalizam os padrões de feminilidade midiáticos e partem para uma busca incessante deles, que inclui passar por distúrbios alimentares e psicológicos, fazer cirurgias plásticas mesmo que com elas sua vida corra risco e até mesmo falsear sua própria personalidade. Tudo isso tem o aval da sociedade, que vê essa busca desesperada como positiva e saudável.

Todo esse processo faz parte da lógica de dominação masculina, que precisa aprisionar mulheres em estereótipos para que elas continuem a dedicar suas vidas a homens, a cuidar deles e se preparar desde a infância para ter seus filhos. A mulher não deve ver seu potencial como ser humano autônomo, livre de padrões de feminilidade. A mulher é retratada como burra e descartável pela mídia porque não é interessante para o patriarcado que a mulher tenha total noção de suas capacidades e subjetividades.

3 A OBJETIVAÇÃO DA MULHER EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA ITAIPAVA

Segundo Jablonksi (2010), estereótipos remetem à generalização. Trata-se de crenças amplamente compartilhadas sobre uma pessoa ou um grupo de pessoas, que se referem não uma visão sobre elas em particular, mas ao que é julgado mais similar ou repetido no grupo ao qual elas pertencem. Sendo assim, os estereótipos podem induzir a uma concepção enganosa a respeito de quem é o alvo da percepção.

O conceito de estereótipos remete ao de “objetificação”, que teve início na década de 70, mas não é um fenômeno novo. Segundo Heldman, o termo objetificação consiste em analisar alguém no nível de um objeto, sem considerar

seus atributos emocionais e psicológicos, exemplifica-se isso em propagandas que só focam no atributo sexual ou físico, sem outro tipo de apelo emocional.

Heldman, ainda, desenvolveu um teste para identificar a objetificação sexual em imagens diversas, como na própria propaganda. Pode-se dizer que está presente em construções simbólicas como as seguintes: a imagem só mostra parte ou partes do corpo da pessoa; quando é coberta a sua cabeça para aparecer apenas partes do corpo; a pessoa é usada como apoio para objetos; uma imagem sensual de uma pessoa é utilizada sem propósito (para vender um relógio, por exemplo); a imagem passa a ideia da violação da integridade física de uma pessoa sem seu consentimento ou de outro tipo de violência, denotando alguém vulnerável; a imagem sugere que a disponibilidade sexual é uma característica que define a pessoa; a imagem mostra uma pessoa sendo exibida como mercadoria; o corpo da pessoa é usado como tela para passar alguma mensagem (HELDMAN, 2012).

Portanto, na sociedade atual, de produtos de limpeza a desodorantes masculinos, as mulheres são usadas como chamariz para a venda dos mais diversos produtos. Lima (2008) afirma que, apesar de suas conquistas na área profissional, a mulher ainda é vista na propaganda como um objeto de consumo, como uma ‘coisa’. Para Momo e Franco (2013, p.2), a figura da mulher na publicidade é cada vez mais usada para mostrar a sua submissão e a predominância masculina. Para os autores, deu-se início a “uma nova onda de ‘brindes’ à supremacia masculina: à mulher produto, à mulher devassa, à mulher que nasceu apenas para servir, limpar e ser usada”.

A maneira como a mulher é representada na publicidade tem grande influência na maneira com que ela é vista e tratada na sociedade. Assim, de acordo com Silva (1976), a propaganda tem um sentido político de divulgação de doutrinas, opiniões, informações e afirmações baseados em fatos, verdadeiros ou falsos, com o objetivo de influenciar o comportamento do público. Logo, podemos ver que a propaganda é um elemento chave na criação e disseminação de valores sociais. De acordo com Lourenço, Artemenko e Bragaglia (2014, p.13), “é inegável que a submissão e a ‘objetificação’ do público feminino se traduziram em efeitos nocivos à sobrevivência igualitária entre os gêneros”.

Segundo Fairclough (2003, p. 66), a Análise Crítica do Discurso deve estar a serviço dos menos favorecidos já que esta busca investigar e tornar visível a

existência de um desequilíbrio social, considerando os meios que permitiram a construção/difusão do discurso do favorecido, em que toda tarefa crítica deve colocar em questão as “instâncias de controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais”.

Considerando a ideologia como potencial dotado de carga negativa e geradora do desequilíbrio, é imprescindível o desvelamento desta para possibilitar a sua perda de suas forças, à medida que se torna conhecida pelo corpo social e, sobretudo, pelas classes menos favorecidas, como expressa Fairclough (1989, p. 85):

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se encontra consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente.

Diante disso, faremos as análises dos discursos publicados pela cerveja Itaipava buscando identificar ideologias que desfavorecem às mulheres e evidenciaremos que essas construções podem ser muito danosas a esses grupos socialmente. Escolhemos apenas duas campanhas publicitárias em razão do breve espaço do artigo, mas acreditamos que este *corpus* é suficiente para evidenciar construções ideológicas negativas sobre a imagem feminina em propagandas ou sobre a objetivação da mulher em propagandas.

As duas peças escolhidas para compor o corpus de análise foram: o cartaz “Faça sua escolha” e o vídeo “Conselhos 100% de Verão #7”.

A cerveja Itaipava foi criada em 1993 e faz parte do Grupo Petrópolis. A campanha ‘A Cerveja 100%’ da Itaipava foi lançada no início de 2015 e foi realizada pela agência de publicidade e propaganda Young & Rubicam Brasil. Conta com aproximadamente 19 filmes e alguns cartazes cujo principal ‘personagem’ é uma garçonete chamada Vera – apelidada ‘carinhosamente’ de Verão, um trocadilho com a estação. A personagem é interpretada pela dançarina Aline Riscado. As propagandas são geralmente feitas na praia, onde Vera serve a cerveja Itaipava para os clientes no bar Verão.

Figura 1 – Cartaz “Faça sua escolha”



Fonte: Disponível em <<https://goo.gl/Vkn81o>>.

A prática discursiva, como aponta Fairclough (2001), consiste na forma de produção, distribuição e consumo do discurso. A distribuição desse gênero, devido ao contexto das propagandas e o local onde são encenadas, é realizada com maior frequência durante o verão e são colocadas nos pontos de venda da cerveja, como bares, quiosques e restaurantes.

O texto utilizado na propaganda é multimodal, isto é, apresenta tanto elementos verbais, quanto imagens. O cartaz é um gênero que geralmente explora

mais os elementos visuais, as mensagens são repassadas aos leitores demasiadamente através das imagens, cores e símbolos, embora o texto escrito seja indispensável, o qual é utilizado para reforçar determinadas mensagens na propaganda. O texto por imagens é muito expressivo.

O cartaz “Faça sua escolha” (**Figura 1**) apresenta a personagem, Verão, vestindo um revelador biquíni vermelho e segurando uma garrafa e uma lata de cerveja Itaipava. Abaixo das embalagens, as legendas 300ml e 350 ml, respectivamente, mostram o tamanho das embalagens. Abaixo dos seios da moça foi colocado a legenda: “600ml”, a qual faz alusão ao tamanho de seu silicone. O enunciado: “FAÇA SUA ESCOLHA” não sugere apenas como alternativas as embalagens da cerveja, mas acrescenta o corpo feminino, especificamente os seios, como opção de escolha à disposição do homem, público alvo da propaganda.

Esta campanha traz o corpo da mulher como um mero objeto sexual, alvo do desejo masculino. O corpo de Verão, extremamente torneado e bronzeado, aparece com trajes curtos que mostram ao máximo as curvas.

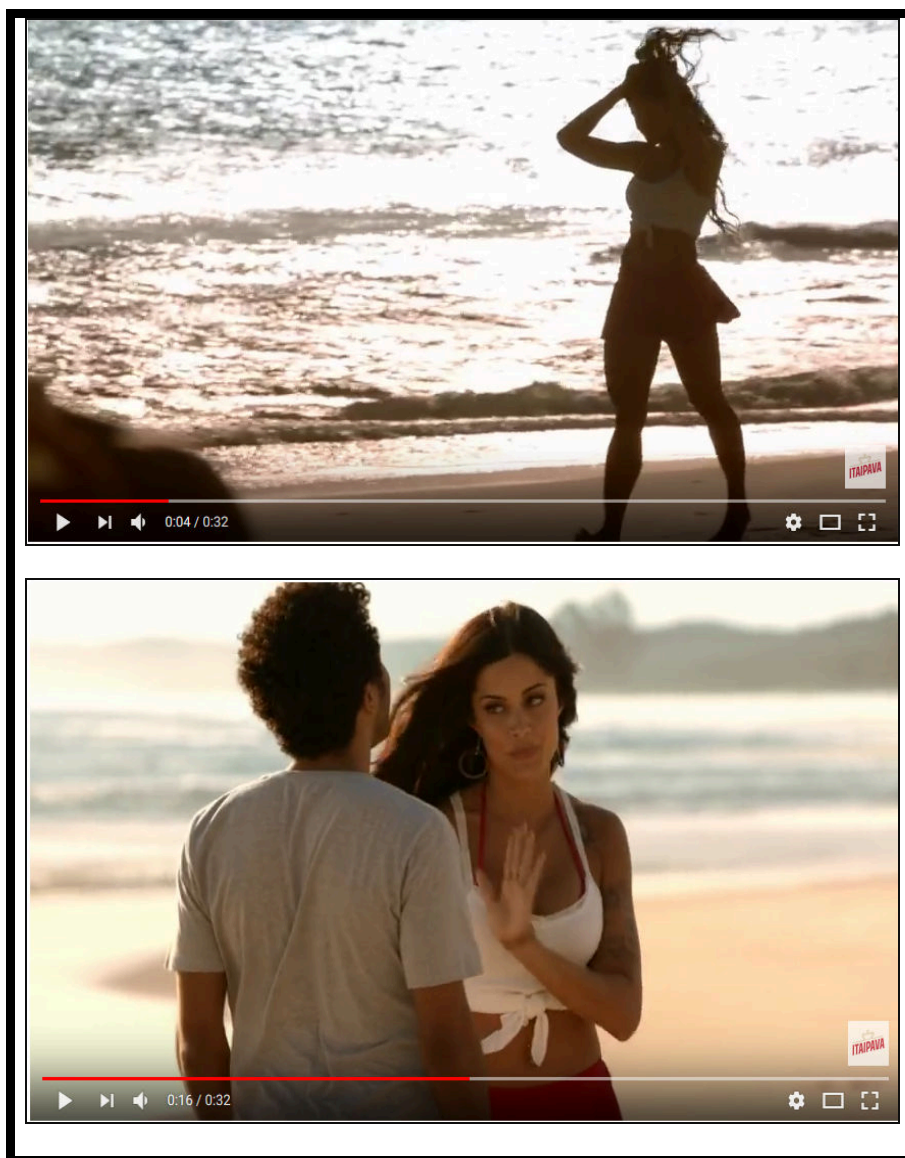
Além disso, o tipo de corpo musculoso e atlético é visto como ideal, perpetuando assim o padrão de beleza da sociedade. Jordão (2005) afirma que, através do uso de modelos atraentes, o anúncio provoca tanto o desejo sexual do homem quanto reforçam o padrão de beleza feminina vigente na sociedade.

No cartaz, podemos verificar claramente como Verão está sendo objetificada, já que seu corpo excessivamente exposto é usado exclusivamente como um apoio para os produtos, requisito elencado por Heldman (2012) na identificação da objetificação sexual.

Ao retratar a mulher como um objeto na propaganda, muitas vezes passa-se a ideia de que, ao comprar determinado produto, o homem vai também estar adquirindo-a. Esta ideia de posse da mulher vem do patriarcalismo, pois, como afirma Castells (2002), este modelo de organização da sociedade tem como características a autoridade, a dominação e a violência do homem sobre a mulher.

A segunda análise é a do vídeo, também da cerveja Itaipava, da campanha “Conselhos 100% de Verão #7”. A seguir, apresentamos recortes do vídeo, compostos por 5 imagens.

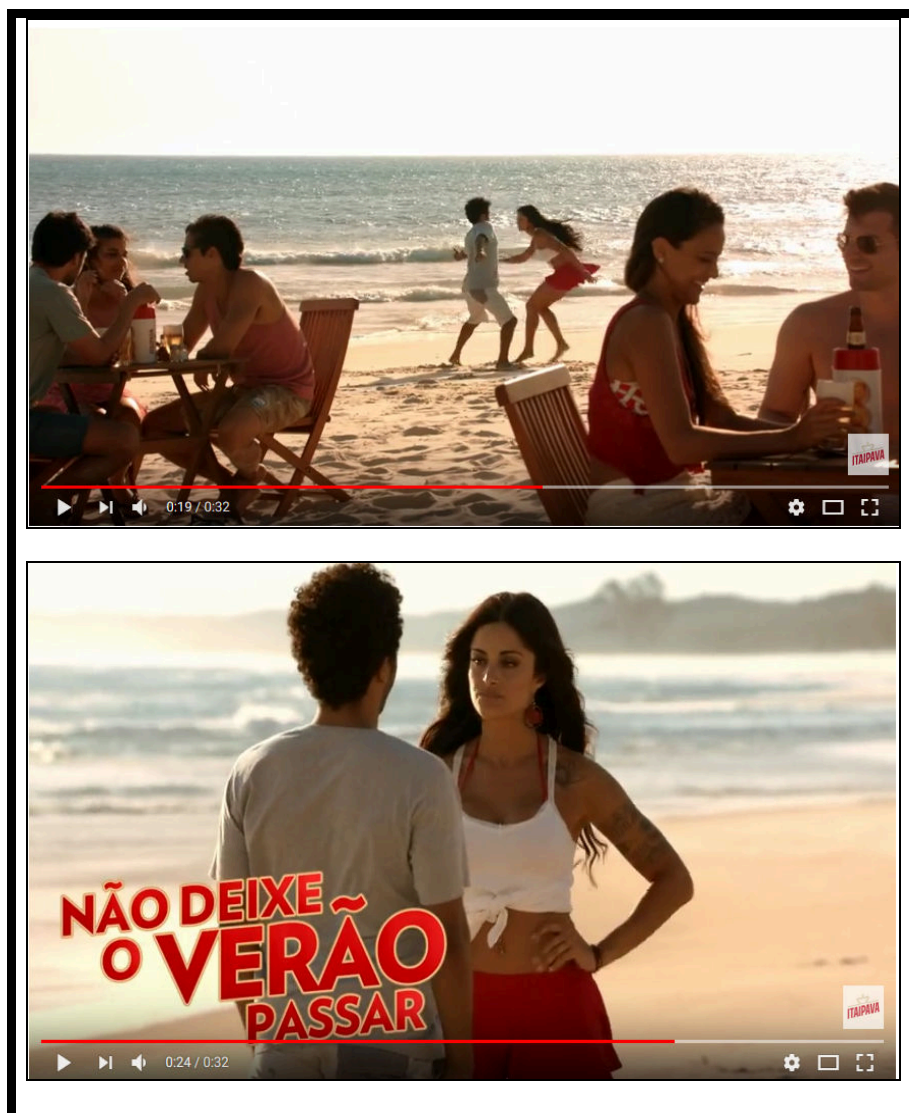
Figura 2 – Capturas do vídeo Conselho de Verão #7.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=85mWaGN_doc>

O vídeo tem duração de 32 segundos e é encenado na praia, à beira do mar. Verão, a mesma personagem do cartaz, veste uma blusa branca e minissaia vermelha, o que exhibe seu belo corpo enquanto caminha na areia. Um homem caminha na direção contrária, de encontro a Verão. Ao avistar a moça, ele a admira e sorri. Ao se encontrarem, os personagens se esbarram. Verão pede desculpas e tenta passar ao lado do homem, para lhe dar passagem.

Figura 3 – Capturas do vídeo Conselho de Verão #7.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=85mWaGN_doc>

Mas, o homem dá um passo ao lado, bloqueando o caminho de Verão e impedindo sua passagem, sempre que ela tenta mudar de direção.

Após algumas tentativas de passar, todas impedidas pela insistência do homem, o narrador anuncia: “Não deixe o Verão passar”. Verão, frustrada e impotente, vira as costas para o homem e volta para o mesmo lugar de onde veio. Enquanto isso, pessoas bebem cerveja Itaipava em mesas ao longe. O narrador passa a mensagem final da propaganda: “O Verão é nosso. Itaipava, a cerveja 100%. Beba com moderação”.

Figura 4 – Capturas do vídeo Conselho de Verão #7.

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=85mWaGN_doc>

O vídeo mostra Verão sendo alvo de contatos verbais ou físicos, sem seu consentimento explícito. Além disso, mostra um homem desconhecido, bloqueando a passagem de Verão. Isso é um caso claro de assédio.

Com base no Art. 61 da Lei nº 3688/1941, podemos declarar que a moça do vídeo sofre uma importunação ofensiva ao pudor, visto que não houve reciprocidade e a moça teve cerceado seu direito de ir e vir. Bourdieu (2014) afirma que o assédio sexual não tem necessariamente o objetivo da posse sexual, mas busca uma afirmação da dominação sobre a mulher. Desta forma, conclui-se que não é a vestimenta da personagem ou uma atitude ‘provocadora’ que leva a mulher a ser assediada, e sim uma demonstração de poder e dominação por parte do homem. O assédio não é tratado com a seriedade que merece, como podemos ver no vídeo, pois apesar de haver pessoas na praia próximas à cena, ninguém intercede para ajudar Verão. De fato, Verão não expressa seus sentimentos, não diz nenhuma palavra na propaganda. O vídeo trata a cena como cômica, fazendo um trocadilho do assédio com a mensagem final da propaganda, “Não deixe o Verão passar”.

No espaço público, ainda visto por muitos como espaço masculino, a mulher está sujeita a este tipo de situação visto que, conforme Bourdieu (2014), o espaço masculino pertencia, historicamente, ao homem, enquanto a mulher estava confinada a um mundo limitado do espaço privado, doméstico. Esta visão ainda está presente nos dias de hoje e, diariamente, vemos notícias e relatos que mostram o

assédio que a mulher sofre no dia a dia. Todas as mulheres são submetidas a situações humilhantes e constrangedoras de violências nas ruas, pelo simples fato de estarem em local público. As cantadas, muitas vezes, ditas “inocentes” ou chamadas de “elogios”, comprovam a desigualdade entre os gêneros que ainda existe na sociedade. Independente dos trajés que estiver usando, a mulher que anda sozinha ou acompanhada de outras mulheres, possivelmente, será vítima de assédio verbal, ou até mesmo físico.

Em ambas as peças publicitárias, foi utilizado o modo ideológico de legitimação como forma de estabelecer e reforçar relações de dominação. Como pudemos verificar, nos exemplos, a dominação masculina sobre o corpo feminino é sustentada e fortalecida. A estratégia utilizada para confirmar essa legitimação foi a narrativização, a qual, conforme Thompson (2009, p. 83), utiliza meios para construir maneiras tradicionais de ver o mundo, como por exemplo, através de histórias, piadas, músicas, etc., que obscurecem as diversas formas de conceber o mundo e legitimam crenças, identidades, formas de se relacionar, e assim por diante.

As ideologias transmitidas na mídia, e em muitos veículos de comunicação, revelam suas influências na construção de uma imagem negativa da figura feminina, como é o caso dos exemplos analisados, os quais dão ênfase aos atributos físicos da mulher, além de reforçarem o desrespeito e abuso às mulheres em situações cotidianas. Desse modo, essas peças publicitárias constroem visões depreciativas e inferiores sobre como o corpo feminino deve ser visto e tratado, podendo levar ao consenso e tornarem-se visões inquestionáveis.

4 CONSEQUÊNCIAS DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NA MÍDIA

É de notoriedade que a mídia edifica e destrói mundos, amplia e comprime fatos, de acordo com seus interesses. Seu poder é fascinante, porém este mesmo poder tem sido utilizado de modo perverso, isto é, a forma como a mulher é colocada e projetada pela mídia, com imagens constantemente de caráter sexual ou algo que o induz, o que quase sempre, resulta em o ser feminino ser fundido com o produto ou mercadoria que se procura vender por meio de tal apresentação. Deste

modo, os veículos de comunicação que propagam com esse tipo de interpretação, devem ser repudiados, pois, são muitos os danos causados às mulheres, desde o modo como as mesmas passam a se ver, a construir sua personalidade, até a sua própria inserção na sociedade.

Este construto da mulher, é evidente que pactua bem com o legado de opressão de nossa cultura machista, assim, mídia e os certos costumes postos se integram, de tal forma, que enquanto um permite a existência do outro, este o perpetua. Ademais, o resultado disso pode ser visto nas simples sutilezas, como gestos, olhares, comportamentos masculinos que estão, incessantemente, corroborando com o fato de que existe um grupo de pessoas que estão em desvantagem e que, apesar de muitas vezes, isso não ser verbalizado ou expresso. Sabe-se bem que faz parte de uma conjuntura que tem constrangido e prejudicado a vida das mulheres. Meninas, adolescentes, jovens, adultos, colocam-lhes em uma situação um tanto caótica e inadmissível.

Dessa forma, o encargo que o gênero feminino está submetido, tem promovido um processo de subjetivação do ser feminino, tornando, assim, a mulher em um mero objeto, dado o tratamento desumano naturalizado a estas, tanto no admirável mundo da publicidade, como também na aceitabilidade social disto, afinal, difícil pensar diferente, diante de toda edificação minuciosa, visível e concreta de representação da mulher. Tudo na TV e na sociedade tem se voltado pra isso, sem lacunas.

Logo, à visto disso, exemplos emblemáticos de consequências à dignidade da mulher são vastos, muito embora, sejam destacados apenas alguns, como o episódio ocorrido em maio de 2016, no Rio de Janeiro, no qual uma jovem foi violentada sexualmente por trinta e três homens e, posteriormente, teve tal fato abominável divulgado nas redes sociais, expondo a vítima a uma humilhação ainda maior.

Além desta violência patente, é preciso atentar para quão forte é a intimidação psicológica que tem corroído jovens a atingir determinados padrões estéticos, os quais são difundidos por modelos, atrizes, influencers digitais e outros famosos, em uma larga publicidade midiática. Assim, os dados de distúrbios e transtornos de personalidade são alarmantes, e só aumentam a cada ano no país,

bem como depressão, angústia e sofrimento destas, já que o protótipo do intento não condiz com a realidade de tais pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição do corpo feminino como está sendo utilizada na mídia tende a perpetuar a tão discutida e problemática dominação masculina. Sendo, portanto uma violência de gênero, pois, ela acaba por legitimar e reiterar através das práticas discursivas as representações e os valores dominantes perpetuando as desigualdades de gênero.

O principal combustível dessa objetificação é não enxergar que o corpo e o ser femininos são dignos de respeito, assim como o homem. Todos deveriam perceber que qualquer tipo de violação sexual é injustificável, independente do horário em que se está na rua ou da roupa que se usa. O gênero não é critério de superioridade. Antes de qualquer classificação, somos humanos e, perante isso, semelhantes. O tratamento a ser dado ao próximo é aquele que se quer receber.

Dessa forma, as empresas e agências de publicidade e propaganda devem ter consciência do seu papel social e de sua responsabilidade ao levarem ao ar peças publicitárias que serão vistas por milhares de pessoas, desde a infância, e que vão ajudar a construir a visão de mundo dos cidadãos e das cidadãs deste país.

Portanto, a Mídia poderia ser um meio com o qual as mulheres se sentissem representadas, assim como, um canal de empoderamento feminino, no qual, as futuras gerações possam ser menos prejudicadas pelo machismo e misoginia presentes na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

KEITH, Lierre. **Patriarchy vs. Planet Earth**: Or, It's the End of the World as We Know It and I Don't Feel Fine. Virtual e-book, 2012. Disponível em: http://pat-mitchell.com/download/patriarchy-vs-planet_earth.pdf.

DWORKIN, A. **Pornography**: Men Possessing Women. New York: Plume, 1981.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2014.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p.

CERVEJA ITAIPAVA. A Campanha 100%. Disponível em: <<http://www.cervejaitaipava.com.br/campanha>>. Acesso em 01 de dezembro de 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

HELDMAN, C. **Sexual Objectification**. Part 1: What is it? 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/8Q3w8h>>. Acesso em novembro de 2016.

JABLONSKI, B; ASSMAR, E. M. L; RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. 28ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

JORDÃO, Flávia Patrícia. **A coisificação da mulher em anúncios publicitários de cerveja**. Bauru: Programa de Pós-Graduação em Comunicação UNIMAR Marília, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/WwLmVi>>. Acesso em 01 de dezembro de 2016.

LOURENÇO, A. C. S; ARTEMENKO, N. P; BRAGAGLIA, A. P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste Intercom Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2014. v. XIX. p. 1-15.

MOMO, M. V. G; FRANCO, C. F. M. Sensualidade etílica: o estereótipo da mulher devassa na propaganda de cerveja. In: **Encontro Nacional de História da Mídia**, 9. Ouro Preto, 2013.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2009.